

ÉRICA LUCIENE ALVES DE LIMA

AS OPERAÇÕES DE TRADUÇÃO EM
JACQUES DERRIDA



1910001180



ÉRICA LUCIENE ALVES DE LIMA

AS OPERAÇÕES DE TRADUÇÃO EM
JACQUES DERRIDA



ÉRICA LUCIENE ALVES DE LIMA

AS OPERAÇÕES DE TRADUÇÃO EM JACQUES DERRIDA

Tese apresentada ao Instituto de Biociências,
Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para a obtenção
do título de Doutora em Teoria da Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Siscar



t. 1.120/03

São José do Rio Preto

2003



+8.035
L732e

80106005

Lima, Érica L. A.

As operações de tradução em Jacques Derrida / Érica L. A. Lima –
São José do Rio Preto : [s.n.], 2003

219 f. ; 30 cm.

Orientador: Marcos Antônio Siscar

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de
Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Tradução e interpretação. 2. Retórica. 3. Teoria da
tradução. 4. Ética. 5. Derrida, Jacques, 1930- . I. Siscar,
Marcos Antônio. II. Universidade Estadual Paulista.
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.
III. Título.

CDU – 81'25



Agradecimentos

Ao João Vicente, meu marido e primeiro leitor, agradeço a cuidadosa revisão do texto, a inestimável ajuda com as línguas inglesa e espanhola, a compreensão e o incondicional apoio.

Aos meus pais, Adauto e Cecília, agradeço o constante incentivo e a confiança; e aos meus irmãos, Daphne e Alex, agradeço a lembrança de que a pesquisa é apenas um estágio da vida.

A meu orientador, Marcos Siscar, agradeço as importantes sugestões e o acompanhamento realizado apesar das condições nem sempre ideais.

A Norma Wimmer e Cristina Carneiro Rodrigues, agradeço a leitura criteriosa e as valiosas observações feitas no Exame de Qualificação. Agradeço especialmente a Cristina Carneiro Rodrigues, professora da Graduação e primeira orientadora, que por vários anos tem acompanhado meu percurso e a quem devo grande parte de minha formação e de minhas escolhas acadêmicas.

Agradeço a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, me apoiaram na realização deste trabalho. Em particular, ao amigo Eduardo Catanozi, agradeço o pacto que me ajudou a persistir e a ajuda indispensável no processo de impressão e encadernação da tese; a Lucinéa Villela e a Mirela Carvalho e Silva, agradeço o envio de material e, a meu orientador de Mestrado, Paulo Ottoni, agradeço a disponibilização de vários textos em francês.

Agradeço, finalmente, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a concessão da bolsa de pesquisa no período de setembro de 2001 a fevereiro de 2003, que permitiu a dedicação necessária para o desenvolvimento final do trabalho.

Introdução	6
Capítulo I: Língua, hospitalidade e tradução	31
I.1. A língua que não me pertence.....	32
I.2. Mais de uma língua	42
I.3. Hospitalidade e a língua do outro.....	51
I.4. O texto e a constituição do sentido.....	63
Capítulo II: Filosofia, literatura e tradução.....	75
II.1. Um convite do texto de Jacques Derrida.....	76
II.2. Algumas considerações sobre o papel do tradutor Derrida.....	84
II.3. O acolhimento da tradução do outro	92
II.4. A especificidade do texto literário	110
Capítulo III: Tradução, texto literário e desconstrução	128
III.1. Algumas questões de literatura em <i>Le facteur de la vérité</i>	129
III.2. “A roupa nova do imperador” e a leitura derridiana de Freud	136
III.3. As operações de tradução em <i>La lettre volée</i>	143
III.4. A polêmica tradução de Baudelaire	155



III.5. As operações de tradução em <i>Survivre</i>	170
III.6. <i>Journal de bord</i> : o rastro das notas ao/do tradutor	178
Algumas conclusões.....	187
Referências bibliográficas.....	205
Resumo	218
Abstract	219

Introdução

Este trabalho deve-se a uma lacuna observada nos estudos que relacionam a tradução e a reflexão desenvolvida pelo filósofo francês de origem argelina Jacques Derrida. Trata-se de um estudo sobre o estatuto da tradução no texto derridiano a partir da investigação de operações de tradução, denominação fundamentada na afirmação de Derrida que “*un texte, ‘dans sa propre langue d’origine’, n’est jamais lisible en dehors d’un grand nombre d’opérations de traduction*” (Derrida, 1998c, p.253) (“um texto ‘em sua própria língua de origem’ nunca é legível fora de um grande número de operações de tradução”).¹ Ao considerarmos que esse texto na “própria língua” pode apresentar leituras de textos traduzidos ou de textos em outras línguas, seremos levados a reconhecer ainda mais a importância das operações de tradução. Além disso, essa denominação pode se justificar também pelo fato de possibilitar uma leitura voltada tanto para as várias interpretações de uma ação, no caso, a tradução *strito sensu*, como o reconhecimento de que se trata de um “conjunto de atos em que se combinam os meios necessários à obtenção de determinados resultados”,² no caso, uma consequência da tradução para a reflexão filosófica derridiana.

¹ A opção por apresentar, entre parênteses, as traduções das citações de Derrida incorporadas no texto e por apresentar, no rodapé, as traduções das citações destacadas do texto será justificada no desenvolvimento desta Introdução. Nos casos em que não há referência bibliográfica as traduções são nossas; nos demais, foram assumidas as traduções existentes.

² As definições apresentadas em português são do *Dicionário Aurélio eletrônico* e do *Dicionário Houaiss eletrônico*; em francês, são do *Le Petit Robert eletrônico* e em inglês, do *Random House Webster's unabridged dictionary*.



Inicialmente, podemos reunir as operações de tradução em quatro grandes grupos: casos em que Derrida acolhe a língua do outro, seja por meio da utilização da tradução com o termo do original entre parênteses, seja por meio da utilização do termo na língua estrangeira sem a tradução (nesse caso, a não tradução de um termo vale como um modo eminente de tradução); casos em que Derrida traduz o termo ou assume a tradução consagrada sem tecer comentários a respeito; casos em que Derrida cita uma ou mais traduções de um mesmo texto, às vezes em nota, às vezes no corpo do texto, e casos em que Derrida comenta as traduções e seus efeitos, valendo-se ou não de notas.

Jacques Derrida iniciou suas publicações na década de sessenta e desde então tem sido conhecido como o “pai da desconstrução”. Apesar de o próprio autor fazer restrições a essa denominação, desconstrução acabou sendo a palavra pela qual seu pensamento é conhecido, embora algumas variáveis também sejam utilizadas, como desconstrucionismo ou desconstrutivismo.³

Atribuir a paternidade da desconstrução a Derrida merece um olhar bastante atento, pois, em princípio, ele não se considera o seu criador, mas alguém responsável por uma leitura da *destruktion* ou *abbau* de Heidegger, tanto que, em seu livro sobre o filósofo alemão, Derrida emprega o termo *déconstruction* seguido de *Destruktion* entre parênteses (cf. Derrida, 1987b, p.35 e 41), ou seja, desde o início, a desconstrução é o resultado de um ato

³ Desconstrucionismo é o termo assumido por Bellei (1998) e em vários artigos publicados na mídia. Também é um dos verbetes do *Dicionário Houaiss eletrônico*. Desconstrutivismo é mais utilizado no campo da arquitetura, mas também pode ser encontrado em artigos referentes à teoria literária, como no texto de Ivan Teixeira, publicado na Revista Cult (1998).

tradutório. Além disso, o pensamento da desconstrução não visa a invocar a responsabilidade de um autor como o pai de um texto, como alguém que determina o querer-dizer textual. Ao contrário, Derrida discute as possibilidades de constituição do sentido a partir da lógica da produção do texto e de sua textualidade. O filósofo questiona, inclusive, a utilização do termo no singular: *“La déconstruction au singulier ne peut pas être simplement ‘appropriée’ par qui que ce soit ou par quoi que ce soit. Les déconstructions sont les mouvements de ce que j’ai appelé l’‘ex-appropriation’”* (1990c, p.261) (“A desconstrução no singular não pode ser simplesmente ‘apropriada’ por quem quer que seja ou por o que quer que seja. As desconstruções são os movimentos daquilo que chamei de ‘ex-apropriação’”) (1991a, p.194).

Assim sendo, a lógica da desconstrução conduz a uma lógica da leitura e da produção dos textos. Exatamente por isso, a proposta de tratarmos do uso da tradução no texto de Derrida leva-nos a uma reflexão bastante profícua, porque mais do que se limitar à escolha de um termo de acordo com critérios da língua ou valores histórico-culturais de uma comunidade, o estudo das operações de tradução possibilita que se dê a devida atenção ao idioma, à escritura, à singularidade do texto, à intertextualidade, colocando em cena questões caras à desconstrução, tratadas adiante.

A leitura desconstrutora de Derrida visa a um deslocamento geral do sistema, no qual as oposições clássicas são questionadas, não para propor uma nova hierarquia, mas para criar condições para que a desconstrução encontre *“les moyens d’intervenir dans le champ des oppositions qu’elle critique et qui est*

aussi un champ de forces non discursives” (Derrida, 1990c, p.50) (“os meios para *intervir* no campo das oposições que ela critica, que é também um campo de forças [não] discursivas”) (1991a, p.36-7).

Para efetuar sua leitura desconstrutora, Derrida parte de um intenso exame do logocentrismo, o privilégio do *logos*, da razão e, em seguida, discute outras dicotomias, como a da fala e escrita, caracterizada pelo privilégio da voz, o fonocentrismo. O deslocamento ou a inversão da primazia da fala acaba por impelir o filósofo a desenvolver a noção da *différance*,⁴ como veremos, primordial para a conexão entre a desconstrução e os estudos da tradução.

A maneira como Derrida articula seu texto, causando uma estranheza e uma dificuldade de interpretação, acaba seduzindo muitos leitores, levando-os a tentar desvendar os enigmas da escritura derridiana, apropriando-se daquilo que lêem como sendo as idéias da desconstrução e adaptando-as às mais diferentes áreas, como a Teoria e a Crítica Literárias e a Teoria da Tradução. Esse interesse pode advir do fato de o pensamento de Derrida, como afirma Siscar (2000), ser considerado traduzível, mas também ser considerado intraduzível, especialmente em virtude de uma dificuldade e uma resistência reconhecidas em sua escrita.

A complexidade e a dificuldade do texto de Derrida muitas vezes são atribuídas à utilização de recursos gráficos diversos (itálicos, aspas, brancos) e à sua estrutura (em colunas, com inúmeras notas, citações, enxertos).

⁴ Em razão da ampla divulgação do termo em francês, optamos por não adotar nenhuma das várias traduções sugeridas. Sobre as possibilidades de tradução, consultar Ottoni (2000a) e Rios (2000).



A essas características acrescentam-se palavras em outras línguas (alemão, inglês, latim, italiano, árabe, grego), neologismos, paleonímias (reativação de uma palavra já existente, mas com sentido diferente) e a impossibilidade de as noções tratadas serem desvinculadas da cadeia por elas formadas. O idioma derridiano, muitas vezes considerado intraduzível, surge como um desafio à leitura e à tradução. Como diz Derrida e como veremos mais detidamente no decorrer do trabalho, o intraduzível é o que mais pede a tradução (cf. 1999a, p.56).

Um fato interessante caracteriza a leitura de Derrida nos estudos da tradução: o fascínio da experiência de traduzir Derrida desencadeia, além da escritura do texto traduzido, a produção de textos reflexivos relacionados à desconstrução. Esses trabalhos geralmente não se limitam a narrativas das experiências de traduzir Jacques Derrida, mas são caracterizados por investigações profundas, revelando um entrelaçamento entre o pensamento da desconstrução, veiculado no texto traduzido, e a reflexão desencadeada a partir do ato tradutório. Assim, por todo o mundo, trabalhos sobre a desconstrução mostram o tradutor em condição não só de falar sobre sua tradução, mas de pensar a tradução, manifestando a inevitável entreimplicação entre teoria e prática. Para citar apenas alguns desses casos, temos, por exemplo, na Inglaterra, Geoffrey Bennington; na Espanha, Cristina de Peretti; na Itália, Maurizio Ferraris; nos Estados Unidos, Peggy Kamuf, Alan Bass, Barbara Johnson, John Leavey, entre muitos outros, já que as obras de Derrida foram e são traduzidas para inúmeras línguas, a ponto de o *Libération* apontá-lo como o filósofo francês mais lido e traduzido no mundo, com cerca de sessenta textos e traduções em cinquenta

línguas (cf. Le Vaillant, 2002). Alguns encontros entre Jacques Derrida e seus tradutores reiteram a importância e abrangência desses trabalhos para a desconstrução.⁵

Em cada língua, ou em cada país, a recepção da obra de Derrida nos estudos da tradução apresenta características diferentes. No Brasil, a publicação do *Glossário de Derrida*, de Silviano Santiago, e a tradução de *Gramatologia*, por Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro, nos introduziram o pensamento da desconstrução ainda na década de setenta. Entretanto, foi na década de oitenta e em particular na década de noventa que a divulgação do trabalho de Derrida nos estudos da tradução tomou forma. Ao contrário do ocorrido em outros países, esses estudos quase nunca foram desenvolvidos por tradutores, embora também haja alguns tradutores cujos trabalhos foram determinados pela experiência de traduzir Derrida.⁶

A característica marcante da entrada de Jacques Derrida nos estudos da tradução é a relação entre as reflexões do filósofo e questões teóricas da tradução. Nesse sentido, um dos primeiros trabalhos a trazer o pensamento de Derrida foi *Oficina de tradução*, de Rosemary Arrojo, por meio da seguinte definição de tradução:

⁵ Como casos emblemáticos, podemos citar o encontro de Arles, em que foi discutida a tradução de *Che cos'è la poesia?* e o *Rencontre de Rabat*, em que se discutiram, entre outras, questões relacionadas à tradução de Derrida para o árabe (Derrida, 1999d e 1998c).

⁶ Podemos citar como exemplo o caso de Anamaria Skinner, uma das tradutoras brasileiras de Derrida que teve a desconstrução como tema de seu doutoramento desenvolvido em Teoria da Literatura na UFRJ. O texto *Espectros de Marx: por que esse plural?* é parte dessa pesquisa (2000).

De acordo com a etimologia, *tradução* (do latim *traductione*) significa ‘ato de conduzir além, de transferir’, acepção desenvolvida também pelas teorias de tradução criticadas neste livro. O que *Oficina de tradução* propõe é o reconhecimento do caráter essencialmente criativo do processo de tradução. Como tentamos demonstrar, traduzir, mais do que transferir, é transformar: ‘transformar uma língua em outra, e um texto em outro’ (Jacques Derrida). (Arrojo, 1986, p.80)

Algumas concepções derridianas servem como embasamento teórico para sustentar a meta de Arrojo, que, segundo seu prefácio do livro *Tradução, desconstrução e psicanálise*, é a “valorização da tradução enquanto reflexão teórica e enquanto atividade profissional” (1993). Dessa forma, Arrojo dedica-se especialmente a examinar o papel do tradutor e sua (não) valorização, bem como o tratamento recebido pela tradução por parte dos departamentos de estudos da linguagem e de literatura (cf. Arrojo, 2000a).

Para muitos dos envolvidos nos estudos sobre a tradução, no Brasil, a desconstrução passa a ser uma determinada leitura que fazem da leitura de Arrojo. Podemos dizer, portanto, que “o difícil e pretensioso objetivo de abrir espaço para a reflexão desconstrutivista entre os estudos da linguagem praticados no país” (Arrojo, 1992, p.10) colocado em *O signo desconstruído* foi plenamente alcançado.⁷

⁷ Em uma pesquisa feita em revistas especializadas na área, tais como Alfa (UNESP), Cadernos de Tradução (UFSC), Trabalhos em Lingüística Aplicada (UNICAMP), TradTerm (USP) e publicações de anais de congressos no período de 1995 a 2000, foram encontrados vários textos que utilizam como referência a “desconstrução de Rosemary Arrojo”, por exemplo: Aguiar (1998), Schäfer (1995) e Soares (1995).

Um dos exemplos representativos da leitura da desconstrução a partir do que se lê em Arrojo é o comentário de Laranjeira que, embora concorde com a idéia da autora de que o texto a ser traduzido é como um palimpsesto, “que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do ‘mesmo’ texto (Arrojo, apud Laranjeira, 1993, p.108-9), acredita que “a atitude desconstrutivista, se levada às últimas conseqüências, pode conduzir para fora do terreno da tradução e reduzir-se a simples glosas, à produção de novos textos” (Laranjeira, 1993, p.109). Conclui, logo em seguida, que não deve haver uma autonomia ilimitada “da tradução com relação ao original” (Laranjeira, 1993, p.109).

Essa idéia de que a desconstrução advoga pela liberdade total de interpretação do texto, como se não houvesse a lei do texto e a lei da tradução, é trazida também por Eliana Amarantes Mendes, para quem “a desconstrução concebida por Derrida leva a nada: o nihilismo é irracional e contraditório”. Ela acrescenta ainda que, para Derrida, “não há *fatos*, só *interpretações*” (1995, p.655).

O próprio Derrida responde, para aqueles que vêm no desconstrutivista um “cético-relativista-nihilista”:

cette définition du déconstructionniste est fausse (je dis bien fausse: non vraie) et faible; elle suppose une mauvaise lecture (je dis bien mauvaise: non bonne) et une lecture faible de nombreux textes, et aussi des miens, qu'il faut lire se on veut en parler. ... Et qu'il faut donc tenir compte de cette possibilité essentielle et irréductible d'incompréhension

[*'misunderstanding'*] ou de '*malheur*' [*'infelicity'*] dans la description des valeurs dites positives. (Derrida, 1990c, p.270)⁸

Uma leitura voltada para a singularidade do texto derridiano e para o exame das suas traduções para outras línguas é feita por Ottoni, que analisa trechos dos textos de Derrida traduzidos para o inglês, mostrando a contaminação das línguas decorrente da não delimitação entre língua materna e língua estrangeira, discutida adiante. Ottoni observa que, como ocorre nos textos derridianos, há, nos textos traduzidos para o inglês, o entrelaçamento das línguas inglesa e francesa, em que esta é normalmente colocada entre parênteses, após a tradução do termo considerado “intraduzível”, ocorrendo a chamada “tradução recíproca” entre as duas línguas (cf. Ottoni, 1997, p.161).

Ottoni também mostra o que denomina “polêmica da tradução do termo *différance*” por meio da análise de notas e prefácios às traduções, em que os tradutores justificam suas escolhas, relacionando-as com escolhas anteriores e com as acepções filosóficas do termo para o texto derridiano. A dificuldade de traduzir *différance* encontra-se na necessidade de aliar o estranhamento da grafia à identidade da pronúncia (*différence* e *différance* são fonologicamente indistintas em francês). Para Ottoni (2000a), a tradução da *différance* “comporta toda a problemática da dimensão desconstrutivista promovida pelo *double bind*”, termo inglês assimilado pelo discurso francês de

⁸ “essa definição do desconstrutivista é *falsa* (digo bem, falsa; não verdadeira) e *fraca*; supõe uma má-leitura (digo bem, má: não-bona) e uma leitura fraca de numerosos textos e também dos meus, que é preciso ler, se se quer falar deles. ... E é preciso, pois, levar em conta essa *possibilidade*

Derrida, que designa simultaneamente a necessidade e a impossibilidade da tradução.

A *différance* é utilizada para mostrar que o sentido não está plasmado no texto, mas depende da leitura de um sujeito que determinará sua constituição. A partir do *a* da *différance*, que não se ouve, mas se lê, Derrida des-hierarquiza o predomínio da fala em relação à escrita e, a partir do sentido de diferir e de adiar, possibilita o questionamento da suposta identidade entre o texto de partida e o traduzido.

Conectar a tradução ao comentário, feito ou não por meio de notas, é uma das formas encontrada pela filosofia para driblar a impossibilidade da tradução ou a não traduzibilidade, isto é, uma saída para o *double bind*. Um exemplo bastante ilustrativo desse procedimento pode ser encontrado nas traduções de textos derridianos tanto para a língua portuguesa como para a língua inglesa. Entretanto, podemos ilustrar ainda mais esse fato com uma tradução para a língua grega: a tradução de um texto derridiano de cerca de seis páginas, *Che cos'è la poesia?*, de Vanghlélis Bitsoris, apresenta setenta notas do tradutor (cf. Derrida, 1999d, p.222).

Em princípio, a desconstrução não teria por objetivo fornecer explicações ao arsenal teórico existente nem apresentar idéias facilitadoras do entendimento do processo tradutório, mas deflagrar a especificidade de cada leitura e de seus resultados. Por isso, podemos afirmar que o engajamento entre as

essencial e irredutível de *incompreensão* [*'misunderstanding'*] ou de *'infelicidade'* [*'infelicity'*] na descrição dos valores ditos positivos"(1991a, p.200-1).

reflexões derridianas e a tradução merece um estudo, mas não caberia à desconstrução instituir uma teoria que justifique e dê respaldo para algumas concepções tradutórias, nem apresentar um método para melhor traduzir, pois isso seria uma contradição em relação aos pressupostos da desconstrução. Como afirma Derrida,

La déconstruction n'est pas une méthode et ne peut être transformée en méthode. Surtout si on accentue dans ce mot la signification procédurière ou technicienne. Il est vrai que, dans certains milieux (universitaires ou culturels, je pense en particulier aux États-Unis) la 'métaphore' technicienne et méthodologique qui semble nécessairement attachée au mot même de 'déconstruction' a pu séduire ou égarer. D'où le débat qui s'est développé dans ces mêmes milieux: la déconstruction peut-elle devenir une méthodologie de la lecture et de l'interprétation? Peut-elle se laisser ainsi réapproprier et domestiquer par les institutions académiques? (Derrida, 1987a, p.390-1)⁹

Quando Derrida afirma que desconstrução não é um método não significa que não haja regras a serem respeitadas. Como ele também declara, *“la regla es sobre todo describir un texto ligado al idioma de forma singular y única”* (1986c, p.56) (“a regra é principalmente descrever um texto ligado ao

⁹ “A desconstrução não é um método e não pode ser transformada em método. Sobretudo se se acentua nessa palavra a significação chicaneira ou tecnicista. É verdade que, em certos meios (universitários ou culturais, penso em particular nos Estados Unidos), a “metáfora” tecnicista e metodológica, que parece necessariamente ligada à própria palavra “desconstrução”, pôde seduzir ou desencaminhar. Daí o debate que se desenvolveu nesses mesmos meios: a desconstrução pode tornar-se uma metodologia da leitura e da interpretação? Pode deixar-se, assim, reapropriar e domesticar pelas instituições acadêmicas?” (1998a, p.22)

idioma de forma singular e única”). A regra, portanto, é respeitar o outro, a especificidade e singularidade do texto e da língua do outro. Podemos dizer que a desconstrução não é um método, mas também não deixa de ter uma lógica que a determina.

Desse modo, não se trata de estabelecer definições ou métodos de tradução, mas de considerar o acontecimento tradutório como um ato singular. “Se algo como uma tese existe, a desconstrução parece propor que saber o que é traduzir só acontece, só é acessível, na tradução, traduzindo” (Lima e Siscar, 2000, p.102). O fato de o tradutor acrescentar comentários, notas, deixar a palavra não traduzida, todos esses procedimentos fazem parte do acontecimento da tradução. Embora possam funcionar em situações determinadas, não são uma receita a ser seguida.

O nosso propósito ao apresentarmos algumas leituras divergentes de Derrida não é unicamente mostrar a repercussão e importância de seu trabalho para o momento atual da tradução, mas também confirmar uma falta nesses estudos: a falta do próprio texto derridiano como revelador de um uso da tradução, especificamente da tradução literária. De qualquer forma, todos esses trabalhos são de extrema relevância, pois não só divulgaram o nome de Jacques Derrida no Brasil, como também possibilitaram uma valorização da tradução ou, pelo menos, um estímulo para a discussão de questões como constituição de sentidos, autoria e equivalência,¹⁰ apresentado-as de um outro ponto de vista.

¹⁰ Um trabalho emblemático sobre a questão da equivalência é o de Cristina Carneiro Rodrigues, *Tradução e diferença* (2000a).



A desconstrução é um acontecimento singular de leitura e escritura de um texto. Sendo assim, o estudo dos elementos constitutivos do texto derridiano parece ser uma das maneiras mais eficazes de desvendar a lógica da tradução, a maneira como a tradução funciona e os efeitos que provoca. Consideramos a tradução essencial para o discurso derridiano, não porque possibilita desenvolver teorias tradutórias, mas porque é um dos fatores que comanda a lógica do texto. Trata-se, então, de interrogar a escritura derridiana, de observar os procedimentos formais determinantes da singularidade de seu texto, a fim de verificar a importância do uso da tradução e sua relação com o pensamento da desconstrução.

É possível observar, no discurso derridiano, a presença de vários tipos de tradução, não se limitando à tradicionalmente considerada tradução *propriamente dita*, a tradução interlingual ou *stricto sensu*, segundo Jakobson (1975). Em *Des tours de Babel*, Derrida questiona essa tipologia, sobretudo em razão da impossibilidade de determinar rigorosamente a unidade e a identidade de uma língua (cf. 1987a, p.209), condição indispensável para validar a classificação jakobsoniana. Entretanto, mesmo reconhecendo, juntamente com Derrida, a imprecisão de tal tipologia, mesmo sabendo que a tradução *propriamente dita* não é a única apresentada pelo autor, restringiremos nosso estudo a esse tipo, pois deflagra de forma contundente a presença da língua e do texto do outro.

Abordando as questões tradutórias, nos confrontamos com a problemática do texto e da textualidade em geral. Nesse sentido, a lógica da tradução está relacionada com a lógica da produção do texto, trazendo para seu

universo a noção de “escritura”, que designa o jogo da identidade e da diferença como momentos do processo de significação. Na verdade, percebemos aí o papel fundamental da relação com a alteridade do outro texto como momento em que se delineiam mais claramente os problemas da leitura e, assim, da produção de sentido. Retomando a escritura derridiana, a partir da maneira pela qual o autor se utiliza de operações de tradução, seria possível entender os problemas e desafios de uma relação com a alteridade, compreendida a partir da relação com a outra língua e o outro texto.

O objetivo principal deste trabalho é estabelecer o estatuto da tradução para o texto derridiano e a relação que se pode instituir entre essas operações de tradução e o pensamento da desconstrução. Essa análise visa a argumentar que, ao contrário do que muitas vezes se supõe, o fato de Derrida utilizar as operações de tradução, especialmente no caso do acréscimo do termo “original” ao lado do traduzido ou do uso do termo na outra língua, sem tradução, não tem como única finalidade comprovar o *double bind*, a necessidade e a impossibilidade da tradução, ou seja, não é apenas uma maneira de Derrida mostrar que a tradução é impossível já na origem. Valendo-se das operações de tradução, Derrida coloca em questão a hierarquia entre as línguas materna e estrangeira, entre os textos de partida e chegada, mesclando-os e possibilitando a convivência entre o mesmo e o outro de forma nem sempre pacífica. O conflito gerado pela diferença permite o aparecimento do jogo de forças característico de toda leitura. Desse modo, mais do que se relacionar diretamente com noções filosóficas derridianas, as operações de tradução permitem que Derrida coloque

essas concepções em cena, em seu texto, revelando o movimento de seus “operadores textuais” (como denomina Evando Nascimento, 2001, p.17).

Veremos que, ao fazer uso das operações de tradução, Derrida acaba por mostrar o próprio funcionamento da desconstrução, à medida que lança mão, no texto, de noções como o enxerto, o suplemento e a disseminação. O enxerto (*greffe*) derridiano destaca-se como o mais relevante para pensar a lógica das operações de tradução, pois a combinação de recursos gráficos (como aspas e parênteses) e processos de inserção (como a inclusão de expressões ou textos na outra língua) possibilita outro jogo de sentido ou a proliferação de novos sentidos. De acordo com Derrida, “*écrire veut dire greffer*” (1972a, p.395) (“escrever quer dizer enxertar”). Como veremos no decorrer do trabalho, Derrida explora a relação etimológica entre *greffe* e *graphie* (enxerto e grafia) e afirma que um estudo das formas de enxerto textual, “*nous aiderait à comprendre le fonctionnement d’une note en bas de page, par exemple, aussi bien que d’un exergue, et en quoi, pour qui sait lire, ils important parfois plus que le texte dit principal ou capital*” (Derrida, 1972a, p.230) (“nos ajudaria a compreender o funcionamento de uma nota de rodapé, por exemplo, como também de um exergo, e como, para quem sabe ler, eles são às vezes mais importantes do que o texto dito principal ou capital”).

Baseados nessa afirmação de Derrida, podemos considerar os acréscimos da língua e do texto do outro como enxertos representativos de uma interferência no texto e de um novo jogo de sentido, constituído por meio da presença do outro. O próprio Derrida alerta para a importância dessas inserções,



especialmente de termos em língua estrangeira, um procedimento que mostra a atenção dos tradutores para com o texto e deveria levar o leitor a uma reflexão sobre a palavra enxertada. Como ele diz a respeito da tradução de *restance* (restância) por *remainder*:

Je ne sais pas si remainder traduit adéquatement, à lui tout seul, restance, mais peu importe car un seul mot, hors contexte, ne traduit jamais parfaitement, tout seul, un autre mot. Le fait en tout cas que Mehlman et Weber aient ajouté restance entre parenthèses signalait une difficulté de traduction. Cela aurait dû suffire à éviter une lecture sommeillante ou une interprétation triviale; et inviter au travail. (Derrida, 1990c, p.103)¹¹

Esse convite é formalizado na resposta derridiana à crítica de Searle (a famosa polêmica em torno dos atos de fala de Austin), mas está disseminado em sua obra. Cabe-nos, então, aceitá-lo e analisar as operações de tradução que determinam o funcionamento de seus textos, seja por meio da utilização de sinais diversos, como itálicos, aspas, parênteses, enfim, todos os recursos gráficos capazes de assinalar uma dificuldade de tradução, seja por meio da utilização da língua do outro, sozinha, sem tradução, ou em acréscimo, ao lado das palavras na língua da tradução. Como dissemos, essas operações de tradução

¹¹ “Não sei se *remainder* traduz adequadamente, sozinho, restância, mas pouco importa, porque uma só palavra, fora de contexto, nunca traduz perfeitamente, sozinha, uma outra palavra. O fato, em todo o caso, de que Mehlman e Weber tenham acrescentado *restance* entre parênteses assinalava uma dificuldade de tradução. Isso deveria ser suficiente para evitar uma leitura sonolenta ou uma interpretação trivial; e convidar ao trabalho” (1991a, p.75).

também podem vir acompanhadas de comentários, notas, sugestões, avisos, elogios e críticas ao tradutor e ao seu trabalho.

Dessa forma, fundamentados nas afirmações de Derrida sobre o enxerto e em suas observações sobre a tradução de *restance*, concluímos que o procedimento do enxerto seria o mais apropriado para a abordagem das operações de tradução pois, embora não tenha sido usado por Derrida para tratar diretamente da tradução, parece ser o procedimento dominante no texto derridiano. O enxerto torna possível a união de um texto e outro e, simultaneamente, a impede (pois a assimilação nunca é total), anula a diferença entre as línguas ao mesmo tempo em que a mantém. A esses aspectos, devemos acrescentar a indissociabilidade do enxerto derridiano em relação à disseminação e ao suplemento, formando uma rede de noções determinantes da constituição textual.

Para nossa análise, importa o jogo que Derrida faz com o francês e as outras línguas, razão pela qual optamos por citar Derrida em francês. Tal opção justifica-se por estarmos tratando da utilização da tradução no texto de Derrida em francês e não nas possíveis versões desse texto, o que implicaria considerar o papel do tradutor de Derrida e não da tradução em Derrida. Embora também haja um jogo nas traduções de Derrida para as outras línguas, não podemos dizer que é o mesmo jogo, uma vez que implica a inclusão de outra língua. Em consequência, há outras contaminações, com novos enxertos. Assim, mesmo que saibamos da impossibilidade de evitar a contaminação ocorrida por meio de nossa leitura e de nossa escrita em português, dar espaço à língua de

Derrida pareceu-nos a melhor forma de mostrar o papel das operações de tradução para o seu texto.

Contudo, não isolamos a língua francesa; em vez disso, a colocamos ao lado da língua portuguesa, proporcionando ao leitor um outro jogo, no momento em que temos, juntamente com o texto derridiano, o texto traduzido. Assim, para as citações no corpo do texto a tradução é apresentada em seguida, entre parênteses; para as citações destacadas do texto apresentamos a tradução em nota. Em todos os casos, optamos por utilizar as traduções existentes (estratégia usual em Derrida), porém nos abstermos de acrescentar comentários a respeito (o que, indubitavelmente, levantaria muitas outras questões). Nos casos em que não encontramos a obra em língua portuguesa, apresentamos nossa própria tradução e, nos casos em que não localizamos a publicação em francês, apresentamos a citação na língua da publicação “original” (inglês ou espanhol), também seguida da nossa tradução. Essa estratégia de apresentar o original seguido de tradução também foi utilizada pelo próprio Derrida, na leitura de Paul Celan (*Schibboleth*) e por Hobson, em seu estudo sobre Derrida (1998).

Assim, a presença de extratos dos textos de Derrida em francês é essencial para analisarmos o jogo das substituições realizado por meio das operações de tradução. Ao enxertar uma língua em outra e um texto em outro, Derrida revela a modificação das duas (ou mais) línguas e dos dois (ou mais) textos, que, no momento do enxerto, se contaminam e formam uma outra cadeia textual. Assim, o texto derridiano encena vários modos de inserir um discurso e intervir no discurso interpretado, constituindo uma possibilidade de repetição na



alteridade. Nesse sentido, podemos considerar as longas citações enxertadas no texto de Derrida como a possibilidade de dar voz ao outro, em um gesto de cuidado com a letra do texto do outro. Ocorre, portanto, uma cena de apropriação que, ao mesmo tempo, é ex-apropriação (pois o texto não se deixa habitar totalmente).

Exatamente pelo fato de a tradução ser o lugar em que a alteridade se evidencia, desde os tempos remotos ocorrem tentativas de explicar como se dá a recepção do outro (sua língua, seu texto) por meio da análise do texto traduzido. Ao tratar da narrativa babélica, Derrida recorre à noção de hospitalidade para abordar a recepção do outro:

Laisser le passage à l'autre, au tout autre, c'est l'hospitalité.

Une double hospitalité: celle qui a la forme de Babel (la construction de la tour, l'appel à la traduction universelle mais aussi la violente imposition du nom, de la langue et de l'idiome) et celle (une autre, la même) de la déconstruction de la tour de Babel. (1993b, p.102)¹²

Hospitalidade, do latim *hospitalitate*, é o ato de acolher bem o hóspede, de ser hospitaleiro, ato de hospedar bem, verbo que tanto pode se referir ao ato de dar como ao ato de receber hospedagem. Como uma das leis da humanidade, a hospitalidade supõe o acolhimento irrestrito do outro. Antes de ser

¹² “Deixar a passagem ao outro, ao completamente outro é hospitalidade. Uma dupla hospitalidade: aquela que tem a forma de Babel (a construção da torre, o apelo à tradução universal, mas também a violenta imposição do nome, da língua e do idioma) e aquela (uma outra, a mesma) da desconstrução da torre de Babel” (1995b, p.69-70).

um conceito filosófico, hospitalidade é uma atitude moral presente na literatura desde a mitologia que continua sendo discutida, seja a respeito de questões tão antigas quanto a humanidade, como o apoio e asilo de criminosos de guerra, seja a respeito de novas tecnologias, como a interferência estatal em linhas telefônicas e na internet.¹³

A hospitalidade é tratada por Derrida de várias formas, mas poucas vezes diretamente relacionada à tradução, como ocorre em *Fidelité à plus d'un* (Derrida, 1998c), quando usa a palavra hospitaleira ao se referir à tradução inglesa do conto de Camus (*Le hôte*), abrindo uma brecha para que sua recepção da tradução também seja abordada como um ato de hospitalidade.

A hospitalidade envolve desde o respeito e amizade que levam à assimilação da língua ou do texto do outro até sua irredutibilidade. Envolve tanto o distanciamento quanto a proximidade do outro, sua possível hostilidade e seu recomendável acolhimento. Não há tradução que não seja ao mesmo tempo hospitaleira e hostil ao texto de origem, pois esses dois pólos são indissociáveis. Assim, vemos no neologismo *hostipitalité* (hostipitalidade), usado por Derrida em outro contexto, um termo bastante adequado para descrever o uso das operações de tradução no texto derridiano. O enxerto, procedimento comum em Derrida (especialmente quando lê o texto literário), mostra a hostipitalidade, pois ao mesmo tempo em que acolhe o outro, muitas vezes lhe é hostil, resistindo a ele.

Para nossa análise, buscamos em Derrida alguns textos em que se evidenciam as operações de tradução, embora estejam disseminadas em

¹³ Derrida trata dessa questão em “A hospitalidade e as novas tecnologias” (2001e).



praticamente toda sua obra. Sendo assim, trabalhamos sobretudo com textos em que Derrida apresenta uma leitura do texto dito literário, que não só mostra de forma mais contundente a língua do outro, como é tradicionalmente vinculado a uma impossibilidade tradutória. Não se trata, portanto, do estudo de uma obra específica, mas de momentos pontuais em que a tradução aparece como um aspecto primordial para a reflexão filosófica derridiana. Tampouco se trata de um estudo histórico, embora tenhamos procurado, de certa forma, não priorizar textos de uma só época, no intuito de mostrar que, apesar de cada texto apresentar uma especificidade, as operações de tradução são recorrentes e constantes no decorrer da obra derridiana.

De certa maneira, o percurso das leituras foi determinado pelo contato com o texto *Le facteur de la vérité*. Nesse texto, saltam aos olhos as longas citações de Derrida, em francês, do texto de Freud, de Lacan e de Poe (traduzido por Baudelaire). Essas citações são entremeadas de termos e expressões em alemão ou em inglês, chamando a atenção do leitor para o fato de que são textos traduzidos lidos por Derrida. Relendo outros textos derridianos, observamos que a utilização desse mesmo procedimento era constante e reconhecemos uma possibilidade de abordagem de outro aspecto da tradução em seu texto, diverso da abordagem teórica geralmente priorizada.

O primeiro capítulo dedica-se ao tratamento da língua e do texto em Derrida. O francês, a língua que não é sua e não pode ser apropriada, aparece como a língua do *hôte* (cujas tradução é discutida por Derrida e, em francês, designa o hóspede e o anfitrião) e é utilizado de forma singular na constituição do



texto. A conexão entre o pensamento de Derrida e a(s) língua(s) é reiterada por meio de sua definição de desconstrução como *plus d'une langue*, comprovada pelo jogo de várias línguas em seu próprio texto.

Já o texto é visto como um acontecimento singular, pois envolve questões de idioma e de assinatura. Todo texto está aberto a leituras e, ao mesmo tempo, apresenta uma resistência, deixando sempre um resto, chamado por Derrida de restância. Esta, por sua vez, se relaciona ao rastro e à iterabilidade como possibilidade da repetição na diferença.

No segundo capítulo, vemos que essa resistência textual pode decorrer do caráter idiomático do texto, que muitas vezes o leva a ser considerado intraduzível. O idiomático é uma característica reconhecida no texto de Derrida e, em geral, nos textos ditos literários. Na abordagem da tradução de outra língua para o francês ou do francês para outra língua, o caráter idiomático da língua do outro é um dos principais aspectos levados em consideração por Derrida, ao lado da questão da assinatura.

Ainda no segundo capítulo, levantamos alguns exemplos de utilização das operações de tradução, reveladas, sobretudo, pelo uso do enxerto, que ocorre por meio da inserção do termo traduzido entre parênteses ou por meio da adoção do termo na outra língua (entre aspas ou em itálico). Também abordamos alguns comentários de Derrida sobre a tradução (sua e de outros tradutores), que revelam suas concepções sobre a tradução e permitem reconhecer suas expectativas em relação ao texto traduzido.



Finalmente, iniciamos a abordagem da leitura derridiana do texto literário, apresentando seu questionamento dos aspectos característicos do texto considerado literário, decorrente de sua leitura de um conto de Kafka e de um *récit* (cuja tradução também é discutida por Derrida) de Blanchot. De acordo com Derrida, se, por um lado, o texto literário traz a promessa de uma tradução, pois convida a traduzi-lo, por outro, encena a irredutibilidade de um idioma e uma assinatura, que caracterizam a singularidade do texto. O fato de o texto literário possibilitar que se diga tudo, aliado ao fato de estar aberto, de maneira irredutível, à leitura do outro, acaba por levar o tradutor a uma responsabilidade ainda maior, em vez de a uma suposta liberdade na produção do texto traduzido.

No terceiro capítulo, fazemos uma discussão mais sistemática sobre a relação entre a tradução e a literatura, quando analisamos como a tradução faz sentido no texto literário lido por Derrida e como pode desencadear concepções teórico-filosóficas, uma vez que há argumentos derridianos desenvolvidos somente graças a um acontecimento de tradução. Com *Le facteur de la vérité*, Derrida funda a verdade de sua interpretação na ficção, em especial no caso da tradução do conto *The purloined letter* (*La lettre volée/A carta roubada*), de Edgar Allan Poe, utilizada para apontar uma falta reconhecida nas teorizações lacanianas, desenvolvidas com base nesse conto. Essa falta é deflagrada na tradução de Baudelaire e acaba por determinar a leitura de Derrida. O filósofo retoma o texto em inglês, o que possibilita a intertextualidade com outros dois contos de Poe, muitas vezes impedida pelo texto em francês.



Le facteur de la vérité também lê Freud e permite o contraponto entre a ilustração da verdade freudiana baseada no conto de Hanz Andersen e a da verdade lacaniana baseada no conto de Poe. Nos dois casos, o enxerto (de línguas, de textos), o suplemento e o rastro aparecem como características predominantes das operações de tradução.

Também no terceiro capítulo apresentamos a leitura derridiana do texto de Shelley, *Triumph of life*, tomando por base *L'arrêt de mort*, de Blanchot: novamente a tradução permite o jogo textual entre (pelo menos) duas línguas.

Revelador da multiplicidade de línguas, *Survivre* traz, na borda, um enxerto em forma de uma enorme nota, na qual Derrida coloca em cena não só a tradução, mas também o tradutor, e leva o leitor a perceber aquilo que deveria ficar oculto: o processo de constituição de sentidos.

A utilização das operações de tradução não só comprova a indissociabilidade entre o pensamento derridiano sobre a tradução e seu uso da tradução, como também mostra, de forma ímpar, os conceitos envolvidos na produção textual. Além disso, dramatiza a irredutível diferença do outro ao estabelecer relações de contaminação e parasitismo entre as línguas e entre os textos. Ademais, possibilita a discussão de idéias feitas a respeito de uma suposta concepção derridiana de tradução, como a idéia de que Derrida advoga por uma interpretação totalmente livre ou dependente apenas de um leitor ou de uma comunidade interpretativa.

Dessa forma, as operações de tradução podem ser consideradas como fundamentais, em um primeiro momento, para uma abordagem do texto literário e, em última instância, para o próprio desenvolvimento da reflexão filosófica derridiana. Essas operações mostram a engrenagem do texto de Derrida e seu tratamento da língua e do texto do outro e, por essa razão, podem ser tratadas à luz da hostipitalidade, que envolve o acolhimento e a expulsão do outro, o apagamento do estrangeiro e a preservação ou não da identidade da língua geralmente reconhecida como materna. As operações de tradução possibilitam, portanto, que se relacione a hostipitalidade à lógica em ação em cada texto.



Capítulo I: Língua, hospitalidade e tradução

Desde sua primeira publicação, a tradução de *L'Origine de la géometrie*, de Husserl, Derrida lida com questões de língua e tradução e se mostra irremediavelmente envolvido com operações de tradução antes mesmo de ter se estabelecido como um pensador da desconstrução. Alguns trabalhos do filósofo são dedicados especialmente à discussão da tradução, como *Des tours de Babel*; outros trazem a tradução como um dos temas, como *Le monolinguisme de l'autre*, e muitos tocam no tema de uma forma ou de outra. Praticamente toda a sua obra está contaminada pela tradução, em virtude da impossibilidade de desvincular as questões de língua e de tradução das desconstruções de Derrida. A recorrência é tamanha que “tradução” poderia ser considerado um subtítulo para a desconstrução. Tais referências concernem não só a reflexões e comentários críticos em relação à tradução em geral,¹⁴ mas também à tradução conhecida como interlingual. Nesse caso, Derrida tanto pode fazer um entrelaçamento de sua língua (francês) com outras (alemão, inglês, grego), como pode trazer a outra língua para seu texto, deixando um determinado termo ou expressão sem tradução ou, em vez disso, apresentando só a tradução para a sua língua. Esse último procedimento pode ser subdividido em duas situações principais: aquelas em que Derrida traduz (ou assume o termo já traduzido) sem apresentar comentários a respeito e aquelas em que a tradução é acompanhada de sugestões, críticas,

¹⁴ Designamos por tradução em geral toda e qualquer referência a um ato tradutório, como a tradução como decifração do sonho, tratada em *Freud et la scène de l'écriture* (cf. Derrida, 1967b).

explicações e justificativas, seja para o leitor seja para o tradutor, tanto em nota como no corpo do texto.

A escritura de Derrida pode ser reconhecida pelo tratamento conferido à(s) língua(s) e ao texto, que apresentam uma singularidade bastante característica e determinam o uso das operações de tradução. Nesse sentido, o estudo das concepções de língua em Jacques Derrida feito neste capítulo é primordial para estabelecermos o estatuto da tradução. Ao lado da problematização da distinção entre língua materna e língua estrangeira, abordaremos a questão do idioma e da constituição de sentidos do texto, que envolve a idéia de escritura como *différance*.

O texto derridiano mostra a possibilidade de abertura à alteridade a partir do momento em que se oferece ao outro. Em outras palavras, em um gesto de hospitalidade Derrida convida o outro para ler seu texto, para contra-assiná-lo. Essa contra-assinatura pode vir encenada em um outro texto, traduzido, o que nos leva ao estudo das operações de tradução em Jacques Derrida.

I.1. A língua que não me pertence

O questionamento derridiano da dicotomia e da hierarquização entre a língua materna e a língua estrangeira pode ser discutido tomando-se por base a própria experiência derridiana. Desde a infância, ainda nos liceus franceses da Argélia, o árabe, que deveria ser sua língua materna, deu lugar ao francês e

chegou a ser classificado como língua estrangeira facultativa (cf. Derrida, 1996b, p.67): “*la langue soustraite — l’arabe ou le berbère, pour commencer — devenait sans doute la plus étrangère*” (1996b, p.71) (“a língua subtraída — o árabe ou o berbere, para começar — tornava-se sem dúvida a mais estrangeira”) (2001b, p.57).

Para Derrida, está em questão a relação de poder entre a língua do país e a cultura e a cidadania vindas de fora, pois conforme sua afirmação, “*toute culture s’institue par l’imposition unilatérale de quelque ‘politique’ de la langue*” (1996b, p.68) (“toda a cultura se institui pela imposição unilateral de alguma ‘política’ da língua”) (2001b, p.55). No caso da Argélia, um país colonizado, a imposição é ainda maior. Em consequência dessa situação, Derrida acabou por não aprender o árabe, um lamento que é quase uma frustração. Em suas palavras:

C’est un de mes regrets de ne pas avoir appris l’arabe, ni dans mon milieu familial-social, où on ne le parlait pas du tout, ni à l’école. Ce n’était pas interdit, j’aurais pu en principe l’apprendre, mais la pression était telle que c’était en fait interdit. (Derrida, 1989)¹⁵

Na Argélia, a língua oficial árabe ainda é vista como estrangeira e a língua que vem de fora fala mais alto. Mesmo com todo o projeto de

¹⁵ “Uma das coisas de que me lamento é não ter aprendido árabe, nem em meu meio familiar-social, onde não o falávamos de jeito nenhum, nem na escola. Não era proibido, em princípio eu poderia tê-lo aprendido, mas a pressão era tal que, na realidade, era proibido.”

arabização, o árabe clássico é pouco falado nas ruas, limitando-se ao uso nos setores públicos e administrativos.¹⁶ Embora o país tenha uma língua oficial, continuam a existir muitas línguas que podem ser consideradas línguas maternas.

Como declara Derrida, “*ma langue, la seule que je m’entendre parler et m’entendre à parler, c’est la langue de l’autre*” (1996b, p.47) (“minha língua, a única que me ouço falar e me ouço a falar, é a língua do outro”) (2001b, p.39) e completa: “*car jamais je n’ai pu appeler le français, cette langue que je te parle, ‘ma langue maternelle’*” (1996b, p.61) (“porque nunca pude chamar o francês, esta língua em que te falo, ‘a minha língua materna’”) (2001b, p.49).

A imposição da lei da língua trazida de fora determina a não utilização da língua materna e marca a dominação política e cultural da colônia. Na Argélia, além dessa dominação pelo colonizador, estão em jogo a falta de uma língua única que possa ser considerada a língua materna e o verdadeiro abismo entre várias línguas coexistentes. Derrida reconhece esse abismo também em relação à cultura: na época do liceu, entre o que se tinha nas ruas e a cultura literária francesa havia uma grande descontinuidade, especialmente no tratamento da língua. Derrida cita, por exemplo, a proibição de freqüentar as aulas de literatura francesa a quem não tivesse perdido o sotaque *pied-noir* (cf. 1996b, p.77).

¹⁶ O governo argelino tentou dar um impulso à arabização com a lei 91-05 de 1991, que instituiu o árabe clássico como língua oficial e proibiu o uso de línguas estrangeiras, e com a lei de 1996 que proibiu o uso do francês nas universidades e em setores da economia, mas esse esforço foi em vão.



O reconhecimento do sotaque e a conscientização de que não é francês acabaram levando Derrida a uma busca incessante de um francês perfeito. Caracterizando-se como um defensor da língua francesa (cf. 1996b, p.60), Derrida revela seu amor pela língua e confessa que a instituição escolar acabou por lhe inculcar o que se assemelha a uma “última vontade”: *“parler en bon français, en français pur, même au moment de s’en prendre, de mille façons, à tout ce qui s’y allie et parfois à tout ce qui l’habite”* (1996b, p.81-2) (“falar em bom francês, em francês puro, mesmo no momento de me pegar com ele, de mil maneiras, a tudo quanto aí se alia e por vezes a tudo quanto o habita”) (2001b, p.66).

A delimitação entre a língua materna e a língua estrangeira acaba sendo bastante questionada, o que pode justificar a constatação de Derrida de que a língua não lhe pertence, a sua língua materna é uma língua emprestada, cuja tentativa apropriação é constante. Daí a afirmação: *Je n’ai qu’une langue, c’est pas la mienne* (1996b, p.13) (“Eu não tenho senão uma língua, e ela não é [a] minha”) (2001b, p.13). Em relação à impossível propriedade da língua, Derrida afirma ainda:

Mais cela ne doit pas conduire à une sorte de neutralisation des différences, à la méconnaissance d’expropriations déterminées contre lesquelles un combat peut être mené sur des fronts bien différents. Au contraire, c’est là ce qui permet de re-politiser l’enjeu. Là où la propriété naturelle n’existe pas, ni le droit de propriété en général, là où on reconnaît cette dé-proprieté, il est possible et il devient plus nécessaire que jamais d’identifier, parfois pour les combattre, des mouvements, des phantasmes,

des 'idéologies', des 'fétichisations' et des symboliques de l'appropriation.
(1996b, p.121)¹⁷

A língua não foi o único aspecto em que Derrida experienciou o poder das classes dominantes. O fato de ser judeu também teve conseqüências em sua infância, marcada principalmente por sua expulsão do liceu em 1942 (cf. Bennington, 1996, p.226). De acordo com Ofrat (2001), a relação entre as lembranças de infância e alguns aspectos relacionados ao judaísmo (como a circuncisão) exerceria influência na filosofia derridiana, mesmo que muitos livros de Derrida não apresentem qualquer referência ao judaísmo ou a pensadores judeus.

O próprio Derrida confessa seu interesse pelo papel que a língua representa para os judeus quando, em *Le monolinguisme de l'autre*, sugere o desenvolvimento de um trabalho cujo título “mais ambicioso” poderia ser: *Le monolinguisme de l'hôte. Les juifs du XXe. siècle, la langue maternelle et la langue de l'autre, des deux côtés de la Méditerranée* (1996b) (O monolingüismo do hóspede. Os judeus do século XX, a língua materna e a língua do outro, dos dois lados do Mediterrâneo) (2001b). Tal trabalho abordaria, entre outros, os casos de Franz Rosenzweig, Hannah Arendt e Emmanuel Lévinas, que podem ser

¹⁷ “Mas isso não deve conduzir a uma espécie de neutralização das diferenças, ao desconhecimento de expropriações determinadas contra as quais um combate pode ser travado em frentes muito diversas. Pelo contrário, é justamente isso que permite re-politizar a questão. Aí onde a propriedade natural não existe, nem o direito de propriedade em geral, aí onde se reconhece esta des-apropriação, é possível e torna-se mais necessário do que nunca identificar, às vezes para os combater, movimentos, fantasmas, ‘ideologias’, ‘fetichizações’ e simbólicas da apropriação” (2001b, p.96).



considerados exemplares da comprovação da desapropriação da língua. Assim, Derrida mostra que não está tratando apenas de seu caso particular, mas de uma característica comum a todas as línguas: o fato de não se deixar apropriar e o desejo dessa apropriação (cf. Derrida, 1996b, p.91-114).

Segundo Rosenzweig, o judeu não tem uma língua própria, “*il parle partout la langue de ses destinées extérieures, la langue du peuple chez qui il réside comme hôte*” (1996b, p.92) (“fala por todo o lado a língua das suas destinações exteriores, a língua do povo em cujo seio reside como hóspede”) (2001b, p.75). Não haveria, portanto, uma identificação do povo judaico com a língua que fala, já que a língua é do outro:

Même là où il parle la langue de l'hôte qui l'accueille (die Sprache des Gatsvolks), un vocabulaire propre ou du moins une sélection spécifique dans le vocabulaire commun, des tournures propres, un sentiment propre de ce qui est beau ou laid dans la langue en question, tout cela trahit que cette langue ... n'est pas la sienne. (apud Derrida, 1996b, p.93)¹⁸

Rosenzweig afirma que, no mesmo gesto de adoção da língua do *hôte*, pode haver o risco de desapropriação da língua materna, aspecto também lembrado por Hannah Arendt. Entretanto, no caso específico da judia alemã,

¹⁸ “Mesmo quando fala a língua do hóspede que o acolhe (*die Sprache des Gatsvolks*), um vocabulário próprio ou pelo menos uma seleção específica no vocabulário comum, modos próprios um sentimento próprio do que é belo ou feio na língua em questão, tudo isso trai o fato de que esta língua ... não ser sua” (apud Derrida, 2001b, p.75).

nem a sua língua sagrada conseguiu suplantar ou substituir a relação com a língua materna que, como afirma Derrida, por ser a mais insubstituível, pode ser substituída (Derrida, 1996b, p.107). Fato oposto ocorre com Emmanuel Lévinas, que, apesar de ter como línguas “familiares” o russo, o lituano, o alemão e o hebreu, praticamente não se refere a uma língua materna, mas declara que “a essência da linguagem é amizade e hospitalidade”. Para ele, o melhor exemplo de hospitalidade é a língua francesa, “*langue d’adoption ou d’élection, langue d’accueil, langue de l’hôte*” (apud Derrida, 1996b, p.110) (“língua de adoção ou de eleição, língua de acolhimento, língua do hóspede”) (2001b, p.85).

É importante observar que a abrangência do termo *hôte* em francês é bem maior do que a do *hóspede* em português (ou do *host* em inglês), já que não se refere apenas ao que é recebido, mas também ao que recebe, ao anfitrião. Contudo, se considerarmos as condições peculiares em que se deu a aquisição da língua por Derrida, seria mais adequado dizer que a língua francesa representava muito mais a língua do *host*, o termo em inglês que designa o anfitrião mas que também, na acepção que nos interessa aqui, se relaciona etimologicamente com o prefixo latino *host-* (o estrangeiro, hóspede ou inimigo público), que forma *hostilis*, ou *hostil*. A língua de Derrida (do hóspede) não é apenas a língua que o acolhe e que é por ele acolhida, mas também é aquela que o hostiliza: o *hôte* como hóspede e anfitrião e o *host* como hóspede e inimigo.¹⁹ Miller chama a atenção para o fato de *host*, em latim, também ser a *hóstia* sagrada,

¹⁹ As relações etimológicas entre os termos hospitalidade e hostilidade já tinham sido desenvolvidas por Benveniste e são retomadas por Derrida em pelo menos três textos: *Le monolinguisme de l’autre*, *De l’hospitalité* e *Hostipitality*.



sacrifício ou vítima e relaciona estas duas idéias com a do parasita (cf. 1979, p.220), definido pelo Dicionário Houaiss como aquele que “vive de e em outro organismo, dele obtendo alimento e não raro causando-lhe danos”.

A situação é, de certa forma, aporética. É preciso uma língua, pois como afirma Derrida “*on ne pense pas hors d’une langue*” (1987b, p.164) (“não se pensa fora de uma língua”) (1990a, p.127). Entretanto, a propriedade dessa língua é alienada, no momento em que sou seu *hôte*. Ao mesmo tempo, minha responsabilidade para com a língua do outro, que não me pertence, difere da responsabilidade que tenho com a que supostamente é a minha, pois o que é dito na outra língua não tem o mesmo valor do que aquilo que é dito na minha, naquela que representa “a minha casa”. Como Derrida afirma em relação ao francês:

Je me sens perdu hors du français. Les autres langues, celles que plus ou moins maladroitement je lis, déchiffre, parle parfois, ce sont des langues que je n’habiterai jamais. Là où “habiter” commence à vouloir dire quelque chose pour moi. (Derrida, 1996b, p.98)²⁰

Sem a língua por ele habitada, Derrida sente-se “*plus exilé que jamais*” (Derrida, 2002c) (“mais exilado do que nunca”), como se estivesse em

²⁰ “Sinto-me perdido fora do francês. As outras línguas, aquelas que melhor ou pior leio, decifro, falo às vezes, são línguas que nunca habitarei. Aí onde ‘habitar’ começa a querer dizer alguma coisa para mim” (2001b, p.85-6).

um outro país.²¹ Não é por acaso que a outra língua recebe a denominação de “estrangeira”. Como algo que não pertence a um lugar, o estrangeiro é o estranho, originário do latim *extraneus*, designador daquilo que possui uma qualidade de diferença em relação ao que me é familiar. Também é originário de *xenos*, palavra grega usada tanto para estrangeiro como para hóspede. Recorrendo à tradução de Chouraqui de uma passagem da Bíblia, Derrida observa que o fato de *xenos* poder ser traduzido tanto por *hôte* como por *étranger* torna possível lembrar que o *hôte* nunca deixa de ser o outro, o estranho/estrangeiro (cf. Derrida, 2001a, p.19).

Para os gregos, romanos e, posteriormente, para outros povos, estrangeiro era aquilo ou quem pertencesse a outra raça ou civilização e falasse outra língua que não a deles. Como diz Derrida, estrangeiro como “*quelqu’un qui ne parle pas comme les autres, quelqu’un qui parle une drôle de langue*” (1997a, p.13) (“alguém que não fala como os outros, alguém que fala uma língua excêntrica”). Assim, desde tempos remotos, a língua desempenha uma função primordial no estabelecimento da identidade e determinação da alteridade.

Como foi mencionado, o fato de supostamente se conhecer melhor a língua dita materna acaba por nos eximir da responsabilidade do que se diz na outra língua, pois sempre se pode alegar o desconhecimento dos possíveis sentidos de uma expressão ou de uma afirmação. Por exemplo, o personagem de *L’arrêt de mort* (*Pena de morte*) de Blanchot, abordado por Derrida em *Survivre*

²¹ A relação entre o exílio e a propriedade da língua é tratada no discurso realizado por ocasião do recebimento do prêmio Theodor-W-Adorno (Derrida, 2002c, texto publicado com o título de *Fichus*, pela Galilée).



(1986a), fala com a tradutora usando a língua dela, diferente da sua, quando quer dizer coisas irresponsáveis.

Derrida nos leva a pensar na impossibilidade de controlar totalmente aquilo que falamos em nossa língua materna, muitas vezes tão estranha quanto a estrangeira. Para exprimir esse estranhamento, às vezes usamos expressões como “está falando grego”, isto é, está falando uma língua que não domino. Entretanto, há o outro lado do desconhecido: ele pode nos seduzir, como é possível notar pela afirmação do referido personagem de Blanchot: “fazia algum tempo, eu lhe falava em sua língua materna, que me comovia tanto mais quanto menos eu conhecia as palavras” (1991, p.92).

Se, por um lado, a língua estrangeira devolve a palavra à palavra, possibilitando que se pense *a* língua e não só *na* língua, por outro, causa um incômodo para o falante, que não consegue se sentir à vontade, ou como se estivesse em sua própria casa (onde supostamente possui o controle de tudo). Entretanto, não é apenas a língua estrangeira que causa um estranhamento. Como afirma Johnson, “é precisamente a impossibilidade de se ficar em casa com a língua materna que está no âmago da filosofia de Jacques Derrida” (1998, p.28). É isso que Derrida mostra, não só em suas observações sobre a língua, mas particularmente em sua escritura. Há um engajamento entre a língua francesa e outras línguas que não deixa de ser conflituoso, na medida em que coloca em cena a impossibilidade de uma língua ser única e a impossibilidade de afinidade completa entre as línguas. Isso também explica a afirmação de Derrida que “*on n’écrit jamais ni dans sa propre langue ni dans une langue étrangère*”

(1986a, p.146-7) (“nunca escrevemos nem na nossa própria língua nem numa língua estrangeira”). Somos hóspedes na nossa própria casa, o que significa que nos sentimos hostilizados ao mesmo tempo em que somos acolhidos.

I.2. Mais de uma língua

Embora possamos reconhecer a importância da língua em toda a obra derridiana, escolhemos uma curta afirmação para que se dimensione seu valor: “*si j’avais à risquer une seule définition de la déconstruction, je dirais simplement: plus d’une langue*” (Derrida, 1998c, p.253) (“se fosse arriscar uma única definição da desconstrução, eu diria simplesmente: *mais de uma língua*”).

Em primeiro lugar é importante lembrar que a noção de língua para Derrida passa por um tratamento diferente da noção saussureana (questionada por Derrida em *De la grammatologie*, por exemplo). Não temos uma distinção como aquela apresentada por Saussure, determinando que a língua é um sistema sincronicamente presente, no qual um elemento significa em oposição a outro elemento ausente e representa-se pela fala. O *a* da *différance* desestabiliza a primazia da fala e, acima de tudo, a *différance* mostra de forma incontornável que não há elementos presentes, mas *rastros* de cada elemento da língua ou de cada língua na outra língua. A identidade de cada elemento da língua ou mesmo de cada língua depende, conseqüentemente, de sua diferença em relação aos outros elementos da língua ou às outras línguas. Há um entrelaçamento e encadeamento de rastros, tanto de elementos de uma língua como das línguas em si.



Derrida mostra que não temos significados puros e independentes, como tampouco temos o significante como algo materializado. Assim, um significante sempre remete para outro significante, não havendo nenhum significado transcendental, apriorístico. Todo o sentido seria estabelecido em uma cadeia de elementos em que um conceito remete a outro em um jogo de diferenças. Temos somente articulações entre eles, isto é, o sentido é formado em uma rede constituída pela *différance*, a *suplementaridade* (entendida tanto como algo que se acrescenta em excesso, quanto como algo que supre uma falta), pelo *espaçamento* (“*pause, blanc, ponctuation, intervalle en général, etc.*”) (Derrida, 1967a, p.99) (“pausa, branco, pontuação, intervalo em geral, etc.” (1973, p.83) e pelo *rastro*. Essa cadeia leva-nos à *escritura*.

De acordo com Derrida “*l’écriture comprendrait le langage*” (“a escritura compreenderia a linguagem”), constituída pelo “*jeu des renvois signifiants*” (1967a, p.16) (“jogo das remessas significantes”) (1973, p.8), responsável por derrubar os limites que se acreditava regular a circulação dos signos. A escritura, portanto, engloba não só a idéia tradicional de linguagem (“*action, mouvement, pensée, réflexion, conscience, inconscient, expérience, affectivité, etc*”) (Derrida, 1967a, p.19) (“ação, movimento, pensamento, reflexão, consciência, inconsciente, experiência, afetividade”) (1973, p.10), mas muito mais, já que o jogo na linguagem implica, além da ausência de um significado transcendental, o movimento da *différance*, o *espaçamento*.

A escritura designa um certo modo de apropriação apaixonado da língua, uma “*appropriation impossible de la langue interdictrice—interdite*”



(Derrida 1996b, p.60) (“apropriação impossível da língua interditadora—interdita”) (2001b, p.48). Nesse momento, Derrida refere-se especificamente à sua experiência de “abandono” do árabe, a língua materna (estrangeira), e à adoção do francês, a língua estrangeira (materna), que ilustra e permite a discussão sobre a problemática da hierarquização e delimitação entre o materno e o estrangeiro. O fato de não haver a sacralização da língua materna, o reconhecimento da não univocidade da língua e, principalmente, a expropriação da língua por Derrida fazem com que ela esteja sempre aberta à substituição, ao outro.

Ao apresentar a língua como língua do *hôte/host*, Derrida possibilita a discussão não só da resistência da língua em se deixar apropriar mas também da relação com o estranho/estrangeiro, ou seja, a relação de “conflituosa afinidade” entre as línguas. Estabelecemos nossa identidade e reconhecemos a nós mesmos por meio do contato com a alteridade, pelo chamamento vindo do outro.

Assim, deveremos estar atentos às várias implicações da definição da desconstrução como *plus d'une langue*. A primeira interpretação que nos ocorre para o *plus d'une langue* diz respeito ao *plus de* significando *mais de*, obviamente pelo fato de a desconstrução tratar de mais de uma língua, por ser caracterizada pela pluralidade, às vezes observada por meio da inclusão da outra língua no texto em francês, seja entre parênteses, seja incorporada ao texto, como veremos. Como afirma Derrida,

pour le linguiste classique, chaque langue est un système donc l'unité se reconstitue toujours. Mais cette unité ne se compare à aucune autre. Elle est accessible à la greffe la plus radicale, aux déformations,

*aux transformations, à l'expropriation, à une certaine a-nomie, à l'anomalie, à la dé-régularion. (1996b, p.123-4)*²²

Como veremos, o texto de Derrida mostra a multiplicidade de línguas ou, melhor ainda, pode ser tomado como exemplo de sua própria afirmação de que “*il y a des sujets compétents dans plus d'une langue. Certains même écrivent plusieurs langues à la fois (prothèses, greffes, traduction, transposition)*” (1996b, p.126) (“existem sujeitos competentes em mais de uma língua. Alguns escrevem mesmo várias línguas ao mesmo tempo (próteses, enxertos, tradução, transposição)” (2001b, p.99). Portanto, para Derrida não há unidade delimitável na língua e a constituição de sentidos é determinada por uma cadeia formada pela *différance* e por outros elementos, entre os quais o enxerto (*greffe*), que abordaremos adiante, merece destaque. Graças a essa característica de sua escritura, Derrida pode definir a desconstrução como “mais de uma língua”.

Il est impossible de compter les langues, voilà ce que je voulais suggérer. Il n'y a pas de calculabilité, dès lors que l'Un d'une langue, qui échappe à toute comptabilité arithmétique, n'est jamais déterminé. Le Un de la monolange donc je parle, et celui que je parle, ne sera donc pas une

²² “para o lingüista clássico, cada língua é um sistema cuja unidade se reconstitui sempre. Mas esta unidade não se compara a nenhuma outra. É acessível à enxertia mais radical, a deformações, a transformações, à expropriação, a uma certa a-nomia, à anomalia, à des-regulação”(2001b, p.98).



identité arithmétique, ni même une identité tout court. La monolangue demeure donc incalculable, en ce trait du moins. (Derrida, 1996b, p.55)²³

O *plus de* também pode significar *qu'il n'y a plus de*, ou seja, a falta de uma língua, o não ter uma língua, que nos remeteria à expressão já mencionada “não tenho senão uma língua, e ela não é [a] minha”(2001b, p.13). Há, ainda, o fato de uma língua ser o suficiente ou ser o bastante, de não ser necessário mais do que uma. Sabemos, entretanto, que nunca temos uma só língua, ou seja, uma língua seria mais do que simplesmente *uma* língua. Como afirma Derrida, “*on ne parle jamais qu'une seule langue. On ne parle jamais une seule langue*” (1996b, p.23) (“Não falamos nunca senão uma única língua. Não falamos nunca uma única língua”) (2001b, p.19). Como foi mencionado, o próprio termo *desconstrução* foi inspirado em outra língua, diferente da francesa (supostamente a língua de seu criador).

Além do *plus de*, a própria definição de *une langue* traz outras implicações. Lembrando algumas possibilidades elencadas no *Le Petit Robert*, teríamos definições que vão de “sistema de expressão e comunicação comum a um grupo social” até especificidades de línguas (poética, literária, científica), sem esquecermos das hierarquizações e dicotomizações (materna e estrangeira;

²³ “É impossível contar as línguas, eis o que queria sugerir. Não há calculabilidade, a partir do momento em que nunca o Uno de uma língua, que escapa a qualquer contabilidade aritmética, é determinado. O Uno da monolíngua de que falo, e aquele que eu falo, não será portanto uma identidade aritmética, nem mesmo uma identidade ‘tout court’. A monolíngua permanece portanto incalculável, pelo menos neste traço” (2001b, p.45).

viva e morta; moderna e vernácula) tradicionalmente assumidas como certas e definitivas.

De qualquer forma, está em questão o fato de termos sempre mais de uma língua, mesmo quando acreditamos ser monolíngües. Não teríamos, portanto, uma língua única, pura, e a tradução é o lugar, por excelência, em que essa característica se faz notar:

Voilà ce que nous apprend une traduction, non pas les sens contenu dans un texte traduit, non pas ceci ou cela, mais qu'il y a de la langue, que la langue est de la langue et qu'il y a une pluralité de langues qui ont entre elles cette parenté d'être langues. C'est cela que Benjamin appelle la langue pure, 'die reine Sprache', l'être langue de la langue. La promesse d'une traduction, c'est ce qui nous annonce l'être-langue de la langue; une bonne traduction nous dit simplement ceci: il y a de la langue; c'est pour cela que l'on peut traduire et que l'on ne peut pas traduire parce qu'il y a quelque chose comme de la langue. (Derrida, 1982, p.164)²⁴

Se, por um lado, a tradução mostra a língua, por outro, não é capaz de marcar todas as diferenças existentes, tanto na língua materna, como na estrangeira.

²⁴ “Aí está o que nos ensina uma tradução, não o sentido contido em um texto traduzido, não isso ou aquilo, mas que há língua, que a língua é língua e que há uma pluralidade de línguas que têm entre elas esse parentesco de serem línguas. É o que Benjamin designa como língua pura, ‘die reine Sprache’, o ser-língua da língua. A promessa de uma tradução é o que nos anuncia o ser-língua da língua; uma boa tradução nos diz simplesmente isto: há língua; é por isso que podemos traduzir e que não podemos traduzir, porque há alguma coisa como língua.”

Atentando para o uso derridiano da língua, revelador da importância da própria língua na determinação do sentido da desconstrução, interessa pontuar algumas discussões por ele próprio levantadas que proporcionam uma melhor compreensão das implicações do *plus d' une langue*.²⁵ Uma hipótese a ser considerada é a de que não há ou não existe mais uma só língua no sentido babélico, isto é, a língua sagrada da época da construção da torre dá lugar à multiplicidade, impedindo qualquer volta à origem: “*nous sommes d'entrée de jeu dans la multiplicité des langues et l'impureté de la limite*” (Derrida, 1999c, p.23) (“estamos, assim que entramos no jogo, na multiplicidade das línguas e na impureza do limite”) (2000a, p.15).

Fundamentado em sua leitura da tradução da Bíblia e em sua leitura da tradução de um texto sobre a impossibilidade da tradução (*A tarefa do tradutor*), Derrida trata dessa dispersão das línguas em *Des tours de Babel*. O filósofo lembra que a multiplicidade de línguas é originária da cólera de um Deus que não queria que os homens fossem capazes de alcançá-lo, objetivo da construção da torre. Assim, semeou a confusão, um nome comum, “tradução” do nome próprio de Babel (cf. Derrida, 1987a, p.205).

O Deus, com esse ato, declara a guerra, que Derrida relaciona ao *he war*, de James Joyce, no qual temos pelo menos duas línguas: o *war* inglês e o *war* alemão, cujas traduções, *guerra* (ele guerreia, declara guerra, faz guerra)

²⁵ Em *Derrida e a literatura*, Evando Nascimento lembra que o *plus d'une langue* pode também estar se referindo à existência de mais de uma língua e não somente a língua única da metafísica (representada pela língua da filosofia, o grego) (cf. 2001, p.336).

e *era* (foi), respectivamente, podem ser relacionadas à idéia da confusão de Babel (cf. Derrida, 1992a, p.18).

He war é uma das expressões utilizadas por Derrida para colocar em cena aquilo que afirma em relação à língua (“Eu não tenho senão uma língua”). Ele precisa da tradução para confirmar a dispersão e mostrar o *double bind*, a necessidade imposta pela Babel (Confusão) e a impossibilidade de traduzir para uma única língua o que, na origem, é mais de uma. A destruição da torre de Babel acaba com as aspirações de uma língua única, instituindo a necessidade da tradução. Entretanto, como afirma Derrida:

Et la traduction peut tout, sauf marquer cette différence linguistique inscrite dans la langue, cette différence de système de langues inscrite dans une seule langue; à la limite elle peut tout faire passer, sauf cela, sauf le fait qu'il y a, dans un système linguistique, peut-être plusieurs langues, quelquefois je dirais même toujours, plusieurs langues, et il y a de l'impureté dans chaque langue. (Derrida, 1982, p.134)²⁶

O fato de não termos controle nem sobre a língua que nos é própria, em virtude de sua impossível univocidade, faz com que a tradução seja uma operação constante, como lembra Derrida quando diz que “*un texte, 'dans sa propre langue d'origine', n'est jamais lisible en dehors d'un grand nombre*

²⁶ “E a tradução pode tudo, exceto marcar essa diferença lingüística inscrita na língua, essa diferença de sistema de línguas inscrita numa só língua; no limite ela pode fazer passar tudo, exceto isso, exceto o fato de que há, num sistema lingüístico, talvez várias línguas, algumas vezes, eu diria até sempre, várias línguas, e há impureza em cada língua.”



d'opérations de traduction" (Derrida, 1998c, p.253) ("um texto 'em sua própria língua de origem' nunca é legível fora de um grande número de operações de tradução"). Muitas vezes nossa língua materna precisa ser traduzida, não necessariamente no sentido estrito do termo, como tradução de uma palavra em outra, de uma expressão em outra, mas como forma de traduzir um pensamento em outro.²⁷

Ao considerarmos os aspectos levantados por Derrida de que a língua (que não nos pertence) não é única e de que há uma multiplicidade de línguas "contaminadas" entre si, seremos levados a concluir que não é possível traçar uma fronteira definida entre a língua materna e a estrangeira. Entretanto, faz-se necessário considerar a passagem entre elas, para que possamos tratar da tradução propriamente dita. Para tanto, poderíamos partir da definição do interlingual como "interferência recíproca entre as línguas, sem que tenham uma origem ou uma delimitação absolutas, o *inter* enquanto possibilidade de deslocamento" (Lima e Siscar, 2000, p.109). O que temos são rastros de uma língua que se misturam com rastros de outras.

Se, por um lado, a inserção de uma outra língua pode representar um problema, por outro, permite determinadas interpretações impedidas na própria língua, pois "*on entend mille choses à travers d'autres langues*" (Derrida, 1982, p.133) ("ouvimos mil coisas por meio de outras línguas"). Também por esse motivo, Derrida afirma, mais de uma vez, que é preciso ler tudo, em mais de uma

²⁷ Além dessa noção tradicional de tradução intralingual, há, dentro da própria língua, a tradução anassêmica, que Derrida aborda na leitura do texto de Nicolas Abraham, *A casca e o núcleo* (cf. 2000b, p.189-95).

língua (cf., por exemplo, 1986a, p.175 e p.197). A tradução põe em cena o caráter incontornável da alteridade e a impossibilidade de delimitar qual é a minha língua sem que haja o contato com a língua do outro, isto é, preciso do outro para poder estabelecer a minha identidade.

A multiplicidade de línguas (e de idiomas, como veremos) mostrada com a *torre de Babel* faz com que dependamos irremediavelmente da tradução, espaço por excelência onde o outro aparece, onde a alteridade é seriamente levada em conta e onde há um amálgama das línguas. Segundo Benjamin, “a tradução tem por fim (*Zweckmässig*) exprimir a relação mais íntima entre as línguas” (1992, p.IX), um vínculo que se pode reconhecer no texto derridiano por meio do uso das operações de tradução.

A conexão entre as línguas não deve acontecer por meio de uma neutralização das diferenças; ao contrário, cabe à tradução mostrar a idiossincrasia da língua do outro, que pede para ser traduzida. Como afirma Siscar, “é a diferença, não a identidade, que torna a tradução necessária” (2000a, p.67).

I.3. Hospitalidade e a língua do outro

Berman observa que, por volta do século XVI, a preocupação em respeitar ou não a língua do outro não tinha razão de ser, pois não se “sacramentava” a língua materna. Lembra ainda que, na Idade Média e no Renascimento, não havia problema em relação a traduções porque os poetas

europeus eram plurilíngües, muitos se auto-traduziam, fato que provocava uma relativização do sentido da língua materna (cf. Berman, 2002, p.14-6).

Vemos, entretanto, que a história dos estudos da tradução é muito mais caracterizada pela discussão da recepção da língua estrangeira do que pela convivência pacífica entre as línguas, levando a questões como a fidelidade e a traição. Um dos questionamentos principais diz respeito ao objetivo do texto traduzido: caberia à tradução trazer a obra estrangeira para o mundo do leitor ou, ao contrário, levar o leitor para o mundo da obra estrangeira? A abordagem dos dois pólos é retomada por diversos estudiosos, com algumas nuances entre eles e recebendo os mais diferentes nomes, como: tradução naturalizadora e tradução identificadora (Paulo Rónai, 1981); tradução domesticadora e tradução estrangeirizadora (Lawrence Venuti, 1995); tradução inautêntica e tradução autêntica (Schleiermacher, apud Berman, 2002, p.270).

Embora esses modelos apresentem peculiaridades, podemos reconhecer determinadas características que os tornam semelhantes: consideram o texto um receptáculo de sentidos imutáveis suscetíveis de serem resgatados; acreditam que optar por um procedimento ou outro depende unicamente do desejo do tradutor; não consideram a singularidade das duas línguas envolvidas e centralizam a justificativa de qualquer procedimento na comunidade receptora. Esquece-se a lei da língua, a resistência constitutiva, a *différance*, ao mesmo tempo em que se pressupõe um domínio total e uma capacidade irrestrita de moldar a(s) língua(s) de acordo com a vontade do tradutor.



Para Seligmann, a idéia da preservação ou da eliminação do outro, daquilo que o caracteriza como diferente, é tão antiga quanto as *belles infidèles*, considerada como “colonizadora da língua de partida”:

Ela submete o Outro à lei da casa, do anfitrião. Ela é anti-hospitaleira. Segue a lei da hostilidade e não a da hospitalidade. Não *respeita* a singularidade do Outro e trata a língua como uma mera vestimenta de conteúdos inalteráveis e independentes da sua cultura. Seu ideal é a aniquilação da tradução como passagem, mudança e criação — enfim, como *tarefa*, desafio, algo necessário e impossível. (Seligmann, 1999, p.156)

Essa mesma idéia de respeito à singularidade do outro é desenvolvida por Derrida na leitura de um conto cujo tema se inscreve no mesmo espaço da hospitalidade: *L'hôte*, de Camus, parte do livro *L'exil et le royaume*.²⁸ Trata-se da história do professor Daru, anfitrião de um criminoso argelino, chamado árabe (o nome comum funciona, nesse caso, como um nome próprio), e responsável por entregá-lo no dia seguinte à polícia. A hospitalidade se dá, inicialmente, no acolhimento do árabe como refém (*otage*) e não como hóspede/hospedador (*hôte*) para, em seguida, passar à hospitalidade do estranho como alguém com quem há uma identificação por parte de Daru (o *hôte*/hospedador), também pelo fato de ambos falarem árabe. Daru começa a se sentir *hôte/otage* do árabe, de seu hóspede/prisioneiro. Uma situação específica

²⁸ *O hóspede e O exílio e o reino*, tradução de Valerie Rumjanek.



espelha o desconforto de Daru diante do hóspede: quando vai dormir no mesmo quarto que o árabe, hesita entre dormir sem roupa, como de hábito, ou não, pois esse ato parece impor “uma espécie de fraternidade, que ele recusava nas atuais circunstâncias” (Camus, 1997, p.87). Decide manter sua rotina e sente que, aos poucos, a presença do árabe deixa de incomodá-lo tanto. Por fim, opta por dar ao *hôte/otage* o direito de escolher entre a lei da polícia e a lei da hospitalidade, deixando para ele a responsabilidade de escolha entre os dois caminhos possíveis.

Podemos relacionar o que ocorre com Daru e seu *hôte* ao comentário de Medeiros de Carvalho sobre o enunciado “a hospitalidade precede a propriedade”, que aparece em *Adieu à Emmanuel Lévinas*. De acordo com o autor, esse enunciado relaciona-se com a idéia de Lévinas de despossessão originária, que faz do sujeito um anfitrião, um hóspede e um refém. Ele passa de acolhedor para acolhido, em uma hospitalidade hiperbólica (cf. Carvalho, 2000, p.134), também chamada, por Derrida, de incondicional.

Derrida recorre à tradução do conto para o inglês para mostrar a impossibilidade de haver os mesmos efeitos interpretativos proporcionados pelo francês, no momento em que se retira a ambigüidade do termo *hôte*, ao se optar por um dos pólos do sentido:

Ce titre est traduit en anglais par guest, l'hôte invité, reçu, accueilli. Or 'hôte', en français, signifie aussi, comme on sait, l'invitant, celui qui reçoit (host). La traduction anglaise, si hospitalière qu'elle soit en tant que traduction, manque à l'hospitalité en perdant une ressource du texte reçu, de son hôte (de son guest, précisément, dans la langue anglaise).

Et la perte n'affecte pas seulement un mot, mais toute une dimension du récit, toute une lecture possible. (Derrida, 1998c, p.254)²⁹

A intraduzibilidade do *l'hôte* compromete toda uma leitura da história. De uma certa maneira, o hospedador (*l'hôte*) é afetado pelo hóspede (*l'hôte*) e se torna o prisioneiro/refém (*otage*) de uma situação da qual ele não vê como sair. Ocorre uma identificação entre os personagens, *l'hôte* e *l'hôte*, impossibilitada no texto em inglês. Como afirma Ofrat:

A relação entre anfitrião e hóspede é dialética. O anfitrião dá, mas também recebe. O hóspede recebe a hospitalidade que ele lhe oferece. Assim, o anfitrião também é hóspede ... Mas, novamente, eis a aporia: a hospitalidade abre uma porta do finito para o infinito (a total Alteridade). Também acentua o abismo da separação entre mim e o Outro (e a total Alteridade). (Ofrat, 2001, p.143-4, tradução nossa)

A hospitalidade aparece dividida, mesclando o conhecido e o desconhecido, tratando o estranho como um igual, sem deixar de ser estranho e diferente, ou seja, o hóspede distante passa a fazer parte do meu meio, como se a ele pertencesse, mas, no gesto de adentrar no meio que não é seu, aparece como diferente.

²⁹ “Esse título é traduzido em inglês por *guest*, o hóspede convidado, recebido, acolhido. Ora, ‘*hôte*’, em francês, também significa, como se sabe, o anfitrião, aquele que recebe (*host*). A tradução inglesa, por mais hospitaleira que seja como tradução, falta à hospitalidade, perdendo um recurso do texto recebido, de seu *hôte* (precisamente de seu *guest*, na língua inglesa). E a perda não afeta somente uma palavra, mas toda uma dimensão do conto, toda uma leitura possível.”

As diversas interpretações possibilitadas pelo francês e pelo inglês trazem para a discussão o idiomático da língua, entendido, a partir do grego *idios-*, como aquilo que a língua tem de próprio, particular, peculiar. O idiomático merece a atenção de Derrida o tempo todo, como ele afirma:

Ce que j'essaie de penser c'est un idiome (et l'idiome veut dire le propre justement, ce qui est propre) et une signature dans l'idiome de la langue qui fasse en même temps l'expérience de l'inappropriabilité de la langue. (Derrida, 2000d, p.83)³⁰

Como veremos adiante, uma das modalidades de assinatura abordada por Derrida, principalmente em *Signéponge*, é o idiomático da língua, que é também o mais resistente à tradução, pois representa a diferença entre as línguas.

L'idiome c'est ce qui résiste à la traduction, donc ce qui apparemment est attaché à la singularité du corps signifiant de la langue ou du corps tout court mais qui, à cause de cette singularité-là, se dérobe à toute possession, à toute revendication d'appartenance. (Derrida, 2000d, p.86)³¹

³⁰ “Tento pensar um idioma (e o idioma quer dizer justamente *o próprio*, o que é próprio) e uma assinatura no idioma da língua que se lance, ao mesmo tempo, em uma experiência da inapropriabilidade da língua.”

³¹ “O idioma é o que resiste à tradução, portanto o que aparentemente é inerente à singularidade do corpo signifiante da língua ou do corpo *tout court*, mas que, em virtude dessa singularidade, se esquia a toda posse, a toda reivindicação de pertença.”

É exatamente o mais intraduzível que faz com que Derrida busque maneiras de acolher o texto, sendo atento à singularidade da língua do outro. Teremos a oportunidade de verificar que o procedimento do enxerto é uma das maneiras de Derrida acolher o idioma do outro em seu texto, ou seja, o enxerto pode ser visto como um ato de hospitalidade, pois possibilita a percepção do outro como outro, manifestando a abertura àquilo que é o idiomático da língua do outro.

Lembramos que enxerto está presente em diferentes campos, como a agricultura (inserção de uma planta em outra) e a medicina (transplante de células ou tecido de um local para outro do corpo). Nesse sentido, o termo *host* liga-se diretamente ao enxerto, pois uma de suas definições é “*the recipient of a graft*” (cf. *Random House Webster’s unabridged dictionary*) (“aquele que recebe um enxerto”). Com *graphion*, união de *greffe* (enxerto) e *graphie* (grafia), Derrida destaca a coincidência etimológica existente entre enxerto e grafia e lembra que, mais do que estabelecer um “catálogo enciclopédico de enxertos” (cf. Derrida, 1972a, p.230), é preciso

élaborer un traité systématique de la greffe textuelle. Entre autres choses, il nous aiderait à comprendre le fonctionnement d’une note en bas de page, par exemple, aussi bien que d’un exergue, et en quoi, pour qui sait lire, ils importent parfois plus que le texte dit principal ou capital. (Derrida, 1972a, p.230)³²

³² “elaborar um tratado sistemático do enxerto textual. Entre outras coisas, ele nos ajudaria a compreender o funcionamento de uma nota de rodapé, por exemplo, como também de um exergo,

[O ato de escrever estaria, assim, associado ao ato de enxertar.

A cada momento, podemos ter novos elementos enxertados em diferentes textos, formando novas cadeias de substituições em um jogo incessante de significados.]

O enxerto também está relacionado à lógica do suplemento, porque representa uma abertura para uma cadeia de termos suplementares que fornecem um excesso necessário, possibilitando um jogo de substituições. Não se trata de complementar uma falta existente na língua, pois o suplemento opõe-se à lógica do complemento (caracterizada por dicotomias clássicas, como a da língua materna/estrangeira), e diz respeito ao acréscimo do outro diferido, inscrito como *différance*. Como observa Santiago,

Ao *complemento* Derrida opõe o *suplemento*. A um *outro*, ausente e exterior, que venha se acrescentar a um *mesmo* pleno, original e presente, ele propõe um *outro* que já é sempre um *mesmo* diferido, que se inscreve em sua *margem*; como *différance*, sendo mesmo impensável diante das dicotomias inerentes à lógica do complemento. (Santiago, 1976, p.14)

Dessa forma, o enxerto é tomado no sentido de inserir, de transplantar, além de possibilitar a idéia de criar outro por meio da substituição. De acordo com Nascimento, “o enxerto é um dos nomes derridianos para o jogo citacional, marcando o funcionamento incessante de um texto ao mesmo tempo

e como, para quem sabe ler, eles são às vezes mais importantes do que o texto dito principal ou capital”.

auto-referido e aberto à alteridade” (2001, p.87). Essa abertura à alteridade leva-nos novamente para a cadeia da hospitalidade:

L'hospitalité, dans l'usage que Lévinas fait de ce mot, ne se réduit pas simplement, bien que ce soit aussi cela, à l'accueil de l'étranger chez soi, dans sa maison, dans sa nation, dans sa cité. Dès que j m'ouvre, je fais "accueil" pour reprendre le mot de Lévinas, à l'altérité de l'autre, je suis déjà dans une disposition hospitalière. Même la guerre, le rejet, la xénophobie supposent que j'aie affaire à l'autre et que par conséquent je sois déjà ouvert à l'autre. La fermeture n'est qu'une réaction à une première ouverture. De ce point de vue, l'hospitalité est première. (Derrida, 1999a, p.65-6)³³

A maneira como Derrida aborda a discussão de hospitalidade por Lévinas possibilita uma melhor interpretação do conto de Camus e permite o desenvolvimento de reflexões sobre a hospitalidade relacionadas ao acolhimento da língua do outro na tradução. Há, na hospitalidade, uma relação de tensão, pois ao mesmo tempo em que acolho o outro, acabo me responsabilizando por ele.

A estranha lógica da hospitalidade pode ser observada no procedimento do enxerto: o hospedador acolhe o que vem de fora (objeto do enxerto) que, embora assimilado ao novo corpo, pertence e não pertence a ele,

³³ “A hospitalidade, no uso que Lévinas faz da palavra, não se reduz simplesmente, ainda que seja também isso, ao acolhimento do estrangeiro em seu lar, em sua casa, em sua nação, em sua cidade. No momento em que me abro, “acolho”, para retomar a palavra de Lévinas, a alteridade do outro, já estou numa disposição hospitaleira. Mesmo a guerra, a rejeição, a xenofobia supõem que eu tenha uma relação com o outro e que, por consequência, eu já esteja aberto ao outro. O fechamento é apenas uma reação a uma primeira abertura. Desse ponto de vista, a hospitalidade é primeira.”

pois não deixa de ter sido parte de outro corpo, como é o caso do enxerto da língua estrangeira no texto de Derrida.

A preocupação demonstrada por Derrida não diz respeito a aceitar ou não a estrangeirização do texto, mas aos efeitos diversos provocados ou não pelo texto na outra língua. Nesse sentido, o enxerto do termo francês no texto em inglês desencadearia um outro jogo de interpretação que, no entanto, jamais seria o mesmo jogo proporcionado pela ambigüidade do termo francês no texto em francês.

Determinante da constituição textual, o enxerto não é apenas o elemento enxertado, mas também o resultado dessa ação. Considerando o universo da constituição textual derridiana, é possível reunir os enxertos utilizados nas operações de tradução em quatro grandes grupos: o acréscimo de palavras na outra língua entre parênteses, o acréscimo de notas, o acréscimo de mais de uma tradução para um mesmo texto e o acréscimo de comentários sobre a tradução no corpo do texto ou em nota. Em todos os casos a operação de enxertar consiste em inserir algo de um organismo, no caso a língua de partida (doadora) em outro, a língua de chegada (receptora da doação). Nos quatro casos, ocorre uma disseminação de sentidos a partir do momento em que temos novos jogos interpretativos. É importante observar que esses enxertos são calculados, regulados, marcados por uma preocupação de Derrida em relação à singularidade do texto traduzido.

Pode haver rejeição por parte do texto receptor do enxerto, sobretudo no caso do texto dito literário, no qual supostamente não deve ocorrer



intervenção vinda “de fora” nem o “corte” do texto. Na tradução do conto de Camus, por exemplo, seria evitada a todo custo a inclusão da palavra *hôte* ou a explicação de que *hôte* pode ser, ao mesmo tempo, quem dá e quem recebe a hospedagem. Um outro tipo de interferência praticamente impedida nas publicações literárias são as notas do tradutor, utilizadas por Derrida na leitura de *L'arrêt de mort* em *Survivre*, abordado no último capítulo.

O tratamento da língua no texto derridiano possibilita o estudo da tradução a partir de um outro lugar, em que esta não se volta nem para a comunidade da língua materna, nem para a comunidade da língua estrangeira. Antes, ela se concentra no movimento do texto, no acontecimento que tem lugar entre uma língua e outra. Tendo em vista esse redimensionamento, podemos afirmar que o mais importante para o sucesso de uma tradução não é o fato de poder comunicar o que está na língua estrangeira para aqueles que não a lêem, mas a chance de constituir o performativo de uma promessa: a da reconciliação entre as línguas, a de fundar-se como texto, a de ser iterável. Como qualquer promessa, a tradução traz em si a possibilidade do fracasso, remetendo-nos novamente ao *double bind*, ao “vínculo duplo, possível e impossível, da relação entre as línguas, entre os textos original e traduzido, entre autor e tradutor” (Lima e Siscar, 2000, p.111).

O caso do *hôte/guest* encena a impossibilidade de uma hospitalidade incondicional, pois existem restrições colocadas pelo idiomático das línguas. Se, por um lado, a hospitalidade diz respeito à abertura para o outro como estranho e ao não esquecimento daquilo que o constitui como diferente, por outro,

constitui sempre uma resistência, pela impossibilidade de uma afinidade total (ou de ter uma língua única). Derrida menciona essa resistência quando evita falar a língua do outro em ocasiões em que está no país do outro, pois mesmo reconhecendo a hospitalidade recebida, o apego e o amor ao seu idioma impedem que se sinta em casa em outra língua:

Le premier devoir de l'hôte, du guest que je suis, n'est-ce pas en effet de parler un langage intelligible et transparent, donc sans équivoque? Et donc de parler une seule langue, à savoir celle du destinataire, ici de l'hôte (host), une langue singulièrement destinée à qui doit et peut l'entendre, une langue qui se partage, comme la langue même de l'autre, celle de l'autre à qui l'on s'adresse ou à tout le moins une langue que l'auditeur ou le lecteur puisse s'approprier? Une langue traduisible en un mot? (Derrida, 1999c, p.22)³⁴

Diferentemente do que acontece no conto de Camus, dessa vez a língua inglesa fornece aquilo que Derrida precisa para definir, em uma palavra, se está falando do hóspede (*guest*) ou do hospedador/hospedeiro (*host*), distinção inexistente em *hôte*.

³⁴ “Na verdade, o primeiro dever de um hóspede, do ‘*hôte/guest*’ que sou, não é falar uma linguagem inteligível e transparente, ou seja, sem equívoco? Falar, portanto, uma só língua, a saber, a do destinatário, neste caso, do anfitrião (*‘hôte/host’*), uma língua singularmente destinada a quem deve e pode escutá-la, uma língua que se partilha, como a própria língua do outro, aquela do outro a quem nos dirigimos ou, ao menos, uma língua de que o ouvinte ou o leitor possa se apropriar? Em suma, uma língua traduzível?” (Derrida, 2000a, p.15).

I.4. O texto e a constituição do sentido

Nada melhor do que a tradução para explicitar as relações entre sentido e língua, pois é o lugar onde o jogo de determinação de sentidos ocorre de forma mais explícita. Mas também nada melhor do que a tradução para revelar a possibilidade e a impossibilidade de ter o mesmo texto (que ao mesmo tempo é outro) que diga a mesma coisa (que ao mesmo tempo é outra) que o texto de partida. Como diz Derrida,



*Nunca los textos traducidos dicen la misma cosa que el texto original. Siempre ocurre algo nuevo. Incluso, o sobre todo, en las buenas traducciones. Hay transformaciones que responden, por una parte, a la transmisión de un contexto cultural, político, ideológico diferente, a una traducción diferente y que hacen que 'el mismo texto' — no existe **un mismo texto**, incluso el original no es idéntico a sí mismo — incluso en el interior de la misma cultura, tenga efectos diferentes. Por otra, la mejor traducción debe transformar la lengua de llegada, es decir, ser ella misma escritura inventiva, y así transformar el texto. Cuanto más fiel es una traducción, como se dice — o sea, más **acorde** con la singularidad de la firma del texto original — más transforma su propia lengua; y más firma su texto el traductor. (1999b, p.62-3)³⁵*

³⁵ “Nunca os textos traduzidos dizem a mesma coisa que o texto original. Sempre ocorre algo novo. Inclusive, ou sobretudo, nas boas traduções. Há transformações que correspondem, por um lado, à transmissão de um contexto cultural, político, ideológico diferente, a uma tradução diferente e que fazem com que ‘o mesmo texto’ — não existe **um mesmo texto**; nem o original é idêntico a si mesmo — inserido no interior da mesma cultura, produza efeitos diferentes. Por outro lado, a melhor tradução deve transformar a língua de chegada, isto é, ser ela mesma escritura inventiva, e assim transformar o texto. Quanto mais fiel é uma tradução, como se diz — ou seja,

A grande questão a ser considerada, portanto, é a singularidade do texto, seja do original ou do traduzido. Esta singularidade diz respeito à assinatura do original e à contra-assinatura da tradução como marca da leitura de um tradutor, de sua resposta ao apelo do original. O tema da assinatura ultrapassa a questão do nome do autor e de suas intenções, pois diz respeito ao texto como um acontecimento ou um evento, isto é, diz respeito à peculiaridade do texto, ao código de decifração que ele mesmo propõe: o estilo, o tom, os jogos intertextuais. Nesse sentido, a noção de fidelidade é redimensionada e aparece vinculada à singularidade da assinatura. Isso envolve, sobretudo, a atenção à letra do texto por meio da leitura em que se consideram as regras do sistema textual e a especificidade de cada texto. Como lembra Bennington, “deve-se poder procurar, até um certo ponto, os recursos de leitura ‘no’ texto que se lê” (1996, p.73). Derrida fala do respeito da letra como determinante para o tratamento do texto do outro:

Le texte de l'autre doit être lu, interrogé sans merci mais donc respecté, et d'abord dans le corps de sa lettre. Je peux interroger, contredire, attaquer ou simplement déconstruire une logique du texte venu avant moi, devant moi, mais je ne peux ni ne dois le changer. Il y a dans le respect de la lettre l'origine d'une sacralisation. (Derrida, 2001f)³⁶

mais de acordo com a singularidade da assinatura do texto original — mais transforma sua própria língua; e mais o tradutor assina seu texto.”

³⁶ “O texto do outro deve ser lido, interrogado sem piedade, mas portanto respeitado e, antes de tudo, no corpo de sua letra. Eu posso interrogar, contradizer, atacar ou simplesmente desconstruir

O respeito ao outro está relacionado ao cuidado com a letra do texto, à sua singularidade, o que envolve questões de idioma e de assinatura. É preciso levar em consideração a expropriação da língua e o idiomático, que está relacionado à assinatura e é responsável pela identidade do texto. Para se identificar um texto como único e singular, faz-se necessário o que Derrida vai chamar de restância: o resto relacionado ao rastro e à iterabilidade, que representa a possibilidade da repetição (base de toda linguagem), da identidade e da diferença.

A restância é resto que fica, após a tentativa de apropriação inerente a todo jogo da leitura/escritura, mas não é materializado. Em outras palavras, há uma certa resistência do texto, algo não pertencente nem ao autor, nem ao leitor e resistente à apropriação. Nascimento destaca na restância a característica da letra que “‘resta’ ou ‘resiste’ não por algum imperativo absoluto de *permanência* mas pela duplicidade de uma *legibilidade* possível e impossível, pois à *margem* da intencionalidade há sempre um resto (gráfico) para relançar a interpretação” (2001, p.163).

Assim, podemos acrescentar a restância à cadeia de conceitos em ação no tratamento do texto que engloba a *différance* como a possibilidade de o sentido diferir e ser adiado; a disseminação como a multiplicidade irreduzível de sentidos, e o jogo como um deslocamento produtivo da cadeia textual. Tal cadeia

uma lógica do texto vindo antes de mim, diante de mim, mas não posso nem devo mudá-lo. Há no respeito da letra a origem de uma sacralização.”

é redimensionada a partir do momento em que passa a ser caracterizada também pela presença de uma outra língua, vinda em suplemento, muitas vezes por meio do enxerto, como foi dito anteriormente. A lógica do suplemento permite a substituição e o jogo como destruição do significado transcendental. Para a determinação do sentido, portanto, cabe considerar o jogo dos significantes, o suplemento, a *différance* e a restância:

Un texto no se deja apropiar. Dice siempre más o menos de lo que habría debido decir, y se separa de su origen; en consecuencia, no pertenece ni a su autor ni al lector ... Un texto es un foco de resistencia. Y la relación con ese foco de resistencia por parte de un sujeto lector no puede ser más que una forma de resistir, de vencer la resistencia, una forma de entendérselas con la propia resistencia. (Derrida, 1999b, p.53)³⁷

Essa resistência advém da singularidade do texto, que impede sua apropriação e o caracteriza como um acontecimento textual único. Isso comprova a afirmação derridiana de que “não existe *um mesmo* texto” e de que quanto mais uma tradução leva em conta “a singularidade da assinatura do texto original” (cf. 1999b, p.63) maiores são as chances de se constituir em um acontecimento em sua língua, pois, como um ato performativo, toda tradução traz em si a possibilidade de fracasso.

³⁷ “Um texto não se deixa apropriar. Diz sempre mais ou menos o que deveria ter dito, e se separa de sua origem; em consequência, não pertence nem a seu autor nem ao leitor ... Um texto é um foco de resistência. E a relação com esse foco de resistência por parte de um sujeito leitor não pode ser mais que uma forma de resistir, de vencer a resistência, uma forma de lidar com a própria resistência.”

É preciso vencer a resistência do texto, principalmente por meio da descoberta das malhas ou fios do texto, refeitos após cada leitura:

Un texte n'est un texte que s'il cache au premier regard, au premier venu, la loi de sa composition et la règle de son jeu. Un texte reste d'ailleurs toujours imperceptible. La loi et la règle ne s'abritent pas dans l'inaccessible d'un secret, simplement elles ne se livrent jamais, au présent, à rien qu'on puisse rigoureusement nommer une perception. (Derrida, 1992d, p.257)³⁸

Tudo se encontra no limite do texto: sua leitura e a possibilidade de sua transformação em outro. Assim, faz-se necessário responder ao texto do outro, à sua oferta, considerando aquilo que faz dele um acontecimento único:

Je voulais rappeler que le concept de texte que je propose ne se limite ni à la graphie, ni au livre, ni même au discours, encore moins à la sphère sémantique, représentative, symbolique, idéale ou idéologique. Ce que j'appelle 'texte' implique toutes les structures dites 'réelles', 'économiques', 'historiques', socio-institutionnelles, bref tous les référents possibles. Autre manière de rappeler une fois encore qu'il n'y a pas de hors-texte. (Derrida, 1990c, p.273)³⁹

³⁸ “Um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível. A lei e a regra não se abrigam no inacessível de um segredo, simplesmente elas nunca se entregam, no *presente*, a nada que se possa nomear rigorosamente uma percepção” (1991d, p.7).

³⁹ “Gostaria de recordar que o conceito de texto que eu proponho não se limita nem à grafia, nem ao livro, nem mesmo ao discurso, menos ainda à esfera semântica, representativa, simbólica, ideal ou ideológica. O que eu chamo de ‘texto’ implica todas as estruturas ditas ‘reais’,

Não há extra-texto (fora-texto ou fora do texto) e nem há um sentido transcendental plasmado no texto. O movimento de leitura efetuado na desconstrução não solicita estruturas de fora, contudo opera com o interior e do interior. Não há a busca de uma origem da origem, uma vez que, como dissemos, tudo começa pelo rastro que produz as diferenças entre os elementos e possibilita sua articulação em cadeias textuais.

Se, por um lado, não existe um querer dizer dado de antemão, por outro, tampouco há um referente fora do texto e determinante de seu sentido, ou seja, o fora do texto também se refere ao fato de só haver escritura, de não se poder transgredir o texto com algo que não se desdobre em outro texto. Como afirma Derrida,

Dans la mesure où ce qu'on appelle le 'sens' (à 'exprimer') est déjà, de part en part, constitué d'un tissu de différences, dans la mesure où il y a déjà un texte, un réseau de renvois textuels à d'autres textes, une transformation textuelle dans laquelle chaque 'terme' prétendument 'simple' est marqué par la trace d'un autre, l'intériorité présumée du sens est déjà travaillée par son propre dehors. Elle se porte toujours déjà hors de soi. ... Et la notion de texte, pensée avec toutes ses implications, est incompatible avec la notion univoque d'expression. (1972b, p.45-6)⁴⁰

'econômicas', 'históricas', sócio-institucionais, em suma, todos os referenciais possíveis. Outro modo de recordar, uma vez ainda, que não há extra-texto" (1991a, p.203).

⁴⁰ "Na medida em que aquilo a que chamamos o 'sentido' (para 'exprimir') é já constituído por uma textura de diferenças, na medida em que já há um *texto*, uma rede de repercussões textuais de *outros textos*, uma transformação textual em que cada termo 'pretensamente' 'simples' é marcado pela marca de um outro, a presumida interioridade do sentido é já trabalhada pelo seu próprio

Santiago observa que essa rede textual é trabalhada pelo enxerto:

Talvez fosse mais pertinente falar de um *sistema textual*, visto que, graças ao trabalho do *enxerto*, um texto é sempre depositário de elementos vindos de outros textos, o que vem apontar então para o caráter intertextual que deverá ter sua leitura. Esses elementos enxertados, traços suplementares no “*tecido*” textual, serão os *fios* dessa *malha* de relações que se há de descoser, destecer, desvelando sua *textura* de diferenças e de semelhanças para a *construção* do significado”. (Santiago, 1976, p.93)

A tradução surge como uma duplicação do problema da construção do significado, pois acrescenta outra língua àquela que já não era única (a língua do texto). Multiplica-se a resistência do idioma, existente quando estamos tratando de/com uma (única) língua. Como um suplemento que ao mesmo tempo vem suprir uma falta e uma necessidade do texto original (respondendo a um pedido de leitura), a tradução acaba por ser um excesso (pois produz um novo texto). Nesse sentido, podemos compará-la ao hóspede, que aceita um convite e é esperado, mas, quando chega, não deixa de ser um (outro) a mais e causar um desconforto.

exterior. É já sempre utilizada fora de si própria ... E a noção de texto, pensada em todas as suas implicações, é incompatível com a noção unívoca de expressão” (Derrida, 1975b, p.42).



Ao mesmo tempo em que leva a pensar nas diferenças e nas impurezas das línguas, a tradução põe em cena a possibilidade de reconciliação entre elas. Desse modo, a hierarquização entre língua materna e língua estrangeira, na qual esta é vista como secundária, dá lugar a uma outra discussão, em que a primeira língua, materna, é considerada tão impura quanto a estrangeira. Nesse caso, passa a importar muito mais o entrelaçamento entre elas. Isso quer dizer que a inclusão da tradução pode marcar uma estranheza, uma separação das línguas, mas, ao mesmo tempo, ela as aproxima, dando continuidade ao sentido. O que poderia aparecer para “abalar” o texto, acaba surgindo como ponto de conexão entre as línguas. Dessa maneira, a tradução parece surgir como a possibilidade de oferecer hospitalidade ao outro, como uma necessidade de aceitação da alteridade e como respeito à diferença.

Como foi mencionado, a hospitalidade, como outros termos *indecidíveis* de Derrida, deve ser considerada levando-se em conta sua ambivalência: ao lado do acolhimento do outro, há a necessidade de respeitá-lo como diferente, como outro. A característica da hospitalidade acaba sendo também uma hostilidade, pois sempre procuramos no outro o mesmo, ou sempre pretendemos encontrar no outro o que temos em nossa língua. Além disso, por mais que a idéia da hospitalidade diga respeito a um acolhimento amável, não implica, de forma alguma, a não interferência do hóspede na casa do hospedador, pois a interferência é inevitável. Dessa maneira, mesmo que o hóspede tenha sido muito aguardado, mesmo que as expectativas de recebê-lo sejam as melhores, a presença do outro transforma a casa do hospedador, trazendo

consequências às vezes irreversíveis. Haverá sempre uma dívida do hóspede para com o hospedador.

Vemos aqui uma analogia com *A tarefa do tradutor*, de Benjamin (1992), que apresenta o tradutor como endividado em relação ao original. Sua tarefa passa a ser a de restituir a doação recebida. No mesmo ato de demanda do texto original, que aparece como o *hôte* e pede a tradução, o tradutor *hôte* será devedor para sempre. Também podemos relacionar a questão da dívida à comparação de Arrojo entre o papel do tradutor e o da *au-pair*:

A *au-pair*, como o estereótipo do tradutor, funciona como uma substituição inadequada, na qualidade de intrusa que não pertence à família e que, por saber pouco e por ser tão estrangeira, idealmente deveria interferir o menos possível. (Arrojo, 2000b, p.46)

Como a *au-pair* solicitada e aguardada, a tradução também responderia a um apelo do original, com o qual ficaria para sempre endividada. A *au-pair*, estrangeira, é vista como algo pernicioso, até assustador, porque vem ameaçar nossa identidade, nosso etnocentrismo. Nesse sentido, quanto menos visível for, menos visível será a nossa xenofobia. De qualquer forma, ela é necessária; sua “tarefa”, como a do tradutor, é indispensável.

Ocorre com o texto traduzido um movimento semelhante ao que ocorre com a *au-pair*: temos o pedido do texto de partida e, simultaneamente, temos a sua eliminação, por meio da apropriação. Como afirma Rajagopalan,

“traduzir seria apropriar-se do texto dito ‘original’. E toda apropriação, por sua vez, se processaria mediante exercício de violência” (Rajagopalan, 2000, p.124).

A hospitalidade, portanto, é sempre uma manifestação dupla, simultânea, de acolhimento e hostilidade. Para Siscar, “é essa responsabilidade da tradução diante da hospitalidade ou da violência de seu gesto que deveria, portanto, ser alçada à condição de questão para o tradutor” (Siscar, 2000a, p.69).

Assim, embora a hospitalidade e a hostilidade sejam reconhecidas como características opostas, vemos que, assim como o *double bind*, os dois pólos são complementares. Sendo hospitaleiro com a língua do outro, sou hostil com a minha, pois a abandono muitas vezes na busca de algo não oferecido por ela — como se a língua não desse conta do que preciso. Para ser hospitaleiro ao outro é preciso um certo abandono da própria casa — a língua — e, com esse gesto, dar lugar à língua do outro.

Aceitar a língua e o texto do outro é possibilitar ao outro que seja seu hóspede, mas no sentido francês de *hôte*, ao mesmo tempo hóspede e anfitrião. Em nossa análise, veremos que as leis da hospitalidade podem ser notadas nas operações de tradução em Derrida mediante a singularidade do idioma e a resistência à apropriação.

A hospitalidade pode nos dar uma idéia das ambivalências envolvidas no ato de traduzir. Como dissemos, mesmo que sejamos hospitaleiros e acolhamos a língua/o texto do outro, simultaneamente estaremos sendo hostis ao que singulariza a nossa língua, impondo-lhe uma estranheza, ou até ao nosso texto, por exemplo, quando enxertamos citações e traduções em outra língua,

assinando algo que não nos pertence. Por isso, uma total hospitalidade é impossível, uma vez que há sempre uma resistência e, talvez, uma rejeição ao/do outro, muito mais observáveis no texto traduzido porque este envolve não só a apropriação da outra língua e do outro texto, mas também a responsabilidade, inscrita na contra-assinatura do tradutor.

A tradução mostra o jogo de forças entre hóspede e anfitrião, entre um texto e outro, mas, ao mesmo tempo, é a melhor ocasião para a ocorrência da fusão, da afinidade entre as línguas, sobretudo daquilo que possuem de mais singular, o idioma. Ser hospitaleiro, nesse sentido, é “*rendre, laisser, donner la parole à l'autre, c'est dire: vous avez lieu, ayez lieu, venez*” (Derrida, 1993a, p.57) (“devolver, deixar, dar a palavra ao outro, é dizer: vós tendes lugar, tomai lugar, vinde”) (1995a, p.40).

Veremos, a seguir, como o texto derridiano acolhe o texto/a língua do outro, muitas vezes apresentando restrições, expressas por meio de intervenções ou até de contestações em relação às escolhas tradutórias, desencadeadoras de efeitos interpretativos diversos (especialmente no caso dos textos ditos literários, abordados no último capítulo). Alguns momentos pontuais dos textos derridianos poderão confirmar o (des)acolhimento do outro e possibilitarão a comprovação de que o neologismo derridiano *hostipitalité*



(hostipitalidade)⁴¹ apresenta-se como o mais adequado para caracterizar a utilização das operações de tradução por Derrida.

⁴¹ Hostipitalité mostra a contaminação entre as línguas por meio da união entre o termo inglês host (que, como já vimos, pode se referir ao anfitrião, ao hóspede/estrangeiro e ao inimigo) e o francês hospitalité.



Capítulo II: Filosofia, literatura e tradução

A afirmação de que um texto é “uma rede de repercussões textuais de outros textos, uma transformação textual” (1975b, p.42) é exemplar do funcionamento do texto de Derrida. Recorrendo ao campo semântico da hospitalidade, podemos dizer que o texto derridiano é hospitaleiro ao texto do outro ou, mais ainda, que o outro tem lugar em seu texto. Ele é o *hôte* do texto do outro: é o anfitrião que recebe e aceita o outro independentemente da sua língua; é o hóspede (estranho) que interfere no texto do outro, mesmo quando aparentemente não há interferência; é o refém, preso na malha da língua do outro, da qual não consegue sair e é o inimigo (hostil) que tenta se apropriar do texto do outro, procurando vencer sua resistência ou resistindo ao outro. Como veremos, esses papéis se alternam no tratamento do texto e no tratamento das operações de tradução.

O idiomático do texto derridiano, aquilo que constitui a sua assinatura, é o ponto de partida para a abordagem de momentos em que as operações de tradução são utilizadas. Embora esses momentos possam ser reconhecidos em muitos textos, escolhemos os que julgamos significativos para mostrar como a tradução atua na constituição do pensamento de Derrida. Entre os selecionados, alguns se voltam mais especificamente para os textos reconhecidos como filosóficos, ao passo que outros abordam textos ditos literários. Há também dois textos que versam sobre uma tradução feita pelo próprio Derrida, um dos quais procura esclarecer suas expectativas em relação ao texto traduzido.



Visando possibilitar uma análise mais detalhada das operações de tradução, feita no último capítulo, trataremos também de algumas características atribuídas ao texto dito literário, contrapondo-o ao texto filosófico. Dessa maneira, as operações de tradução apresentadas neste capítulo abrem o caminho para o cotejo entre o uso da tradução em textos primordialmente filosóficos e textos em que Derrida lê o literário.

II.1. Um convite do texto de Jacques Derrida

Como vimos no capítulo anterior, “um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo” (1991d, p.7). O texto de Derrida geralmente é visto como um dos maiores representantes dessa afirmação, o que leva muitos leitores (e também aqueles que não o lêem) a considerarem seu texto difícil e até incompreensível. A complexidade é atribuída tanto a uma singularidade do idioma derridiano como a questões de estilo, retórica e tom do texto.⁴² Esse julgamento desencadeia muitos comentários. Culler, por exemplo, afirma que “Derrida não está jogando com as palavras, está apostando com as palavras, empregando-as estrategicamente, com um olho sobre apostas maiores” (1997, p.168).

Parece haver uma concordância às vezes tácita de que a dificuldade de ler Derrida se deve à complexidade de sua escritura. Siscar lembra

⁴² A questão da retórica e do tom em Derrida é tratada por Siscar (1998).



o caso do leitor que pergunta: “por que ele tem que escrever desse jeito?” Para o autor, o imperativo que leva Derrida a escrever “desse jeito” é a existência de “uma ligação necessária entre o texto e o momento, a circunstância, o chamamento que constituem sua gênese” (Siscar, 2000a, p.63-4).

O próprio Derrida deixa claro que é preciso um cuidado com a língua, é preciso cultivá-la, o que envolve, necessariamente, a atenção ao que a língua tem de peculiar: o idioma. Ao externar essa preocupação com o idiomático, Derrida acaba por esbarrar na tradução, lugar em que as diferenças aparecem de forma contundente e as questões de assinatura são mais manifestas:

il faut cultiver l'idiome et la traduction, il faut habiter sans habiter, il faut cultiver la différence linguistique sans nationalisme, il faut cultiver sa différence et la différence de l'autre. (Derrida, 2000d, p.88)⁴³

Derrida evidencia a singularidade do idioma ao tratar da questão do nome próprio e da assinatura em *Signéponge*, quando questiona o valor da citação de um texto considerado único, singular, idiomático e inimitável (cf. 1988, p.23). O idiomático aparece como aquilo que é próprio, como o nome próprio e a assinatura, algo insubstituível, que se repete insistentemente e que resta, nos remetendo à restância.

⁴³ “é preciso cultivar o idioma e a tradução, é preciso habitar sem habitar, é preciso cultivar a diferença lingüística sem nacionalismo, é preciso cultivar sua diferença e a diferença do outro”.

De certa forma, podemos atribuir ao tratamento do idioma francês em Derrida características semelhantes às atribuídas por ele ao alemão de Celan:

Il modifie la langue allemande, il touche la langue mais, pour y toucher, il faut qu'il la reconnaisse, non pas comme sa langue puisque je crois que la langue n'appartient jamais, mais comme la langue avec laquelle il a choisi de s'expliquer, au sens justement du débat, de Auseinandersetzung, de s'expliquer avec la langue allemande. (Derrida, 2000d, p.84)⁴⁴

O próprio Derrida afirma: “*je donne à mon texte une forme absolument propre, singulière, idiomatique ...*” (Derrida, 1988, p.25) (“dou ao meu texto uma forma absolutamente própria, singular, idiomática ...”). Como vimos, o idiomático não se deixa apreender, permanece incontornável em sua singularidade e instaura a necessidade da tradução ao mesmo tempo em que resiste a ela. Em Derrida, esse idiomático é também caracterizado pela multiplicidade de línguas, o que permite a confirmação do *plus d'une langue* e possibilita a percepção, por meio da utilização das operações de tradução, da estranheza característica da outra língua, daquilo que não é pensado da mesma forma na sua língua.

⁴⁴ “Ele modifica a língua alemã, ele toca a língua mas, para tocá-la, é preciso que a reconheça, não como sua língua, visto que eu acredito que a língua nunca nos pertence, mas como a língua com a qual ele escolheu se explicar, justamente no sentido de discussão, de *Auseinandersetzung*, de debater com (*s'expliquer avec*) a língua alemã.”

Já foi mencionado que, embora Derrida se considere monolíngüe (cf. 1996b, p.13) ele traz, simultaneamente, muitas línguas em seu texto; esse entrelaçamento das línguas sem que haja a perda do que lhe é próprio nem a perda do estrangeiro pode ser observado por meio das operações de tradução. A leitura do texto derridiano deve considerar ainda a ampla utilização de recursos gráficos, como itálicos, sublinhados e aspas, como estratégias que apontam para um outro sentido (às vezes encenando a função de paleonímia).

A respeito da suposta dificuldade de acesso ao sentido em sua obra, Derrida afirma que há um desejo paradoxal em não ser entendido, algo meio perverso, impulsionando-o a escrever coisas que nem todo o mundo pode compreender imediatamente, ao mesmo tempo em que há um desejo de ser claro e “até pedagógico” (cf. 2001c, p.31).

Podemos reconhecer nessas observações a resistência característica do texto, o “inacessível de um segredo”, representativo da própria demanda textual, do pedido de leitura. Nas palavras de Derrida:

But I have to admit that there is a demand in my writing for this excess even with respect to what I myself can understand of what I say — the demand that a sort of opening, play, indetermination be left, signifying hospitality for what is to come [l'avenir]. (Derrida, 2001c, p.31)⁴⁵

⁴⁵ “Mas tenho que admitir que há uma demanda na minha escritura por esse excesso com respeito ao que eu mesmo consigo entender do que digo — a demanda de que uma espécie de abertura, jogo, indeterminação seja deixada, significando hospitalidade ao que está por vir [l'avenir].”

Todo texto deve convidar a uma leitura ou, mais do que isso, deve estar aberto à leitura. Derrida lembra que a característica do convite é ser livre, mas também insistente, de forma a despertar o desejo do convidado.⁴⁶ *“Sans la pression de quelque désir — qui à la fois dit ‘viens’ et laisse à l’autre, néanmoins, son absolute liberté — la invitation se retire aussitôt et devient inhospitalière”* (Derrida, 1993c, p.36) (“Sem a pressão de um certo desejo — que ao mesmo tempo diz ‘venha’ e deixa ao outro, contudo, sua liberdade absoluta —, o convite imediatamente volta atrás e se torna inospitaleiro”) (1995c, p.25). A questão é deixar ao leitor o livre arbítrio da resposta ao mesmo tempo em que procura tomá-lo como “refém”. Aparece, assim, um duplo gesto textual de atração e resistência:

Giving to the other to be read is also a leaving to be desired, or a leaving the other room for an intervention by which she will be able to write her own interpretation: the other will have to be able to sign my text. And it is here that the desire not to be understood means, simply, hospitableness to the reading of the other, not the rejection of the other.
(Derrida, 2001c, p.31-2)⁴⁷

⁴⁶ A estrutura convite/resposta pode ser reconhecida, de diferentes formas, em *Passions*, Jacques Derrida e *De l'hospitalité*.

⁴⁷ “Dar-se ao outro para ser lido é também *um deixar para ser desejado*, ou um deixar espaço ao outro para uma intervenção pela qual ela poderá escrever sua própria interpretação: o outro terá que ser capaz de assinar meu texto. E é aqui que o desejo de não ser compreendido significa, simplesmente, hospitalidade (*hospitableness*) à leitura do outro, não à rejeição do outro.”

Estar aberto à leitura significa estar preparado para receber o outro sempre, uma vez que a hospitalidade implica a aceitação do outro mesmo que não o tenhamos convidado. Como afirma Derrida, *“that radical hospitality consists, would have to consist, in receiving without invitation, beyond or before the invitation”* (Derrida, 2002a, p.360) (“essa hospitalidade radical consiste, teria que consistir, em receber sem convite, além ou antes do convite”). Isso permite pensar no fato de que um texto pede a contra-assinatura do outro, representada por sua leitura (ainda que o outro seja eu mesmo, como observa Bennington) (1996, p.117). Essa leitura será sempre única, pois como afirma Derrida, *“contre-signer, c’est signer autre chose, la même chose et autre chose pour faire advenir autre chose. La contresignature suppose en principe une liberté absolue”* (1999a, p.60) (“contra-assinar é assinar outra coisa, a mesma e outra coisa para fazer acontecer outra coisa. A contra-assinatura supõe, em princípio, uma liberdade absoluta”).

Se, por um lado, a singularidade do texto derridiano provoca críticas em relação à dificuldade e à complexidade, por outro, incita leituras bastante profícuas, como Derrida reconhece sobretudo em relação às traduções de seus textos. Afirma que *“a work that appears to defy translation is at the same time an appeal for translation”* (2001c, p.16) (“uma obra que parece desafiar a tradução é, ao mesmo tempo, um apelo para a tradução”).

La singularité réside peut-être dans ce fait: alors que ce que j'écris et enseigne est lié corps et âme à l'idiome français et à l'idiome le moins traduisible, [alors qu'] écrire de façon assez idiomatique pour rendre

la traduction difficile est même une sorte de règle que je me donne, néanmoins la lecture à l'étranger, loin d'en être découragée, en est au contraire intensifiée. C'est avec les traducteurs de tous les pays que je m'entends le mieux, que je travaille le mieux. Voilà une des choses très singulières et très difficile à penser par tout le monde: comment se fait-ce que le plus intraduisible se traduise le plus et passe le plus les frontières?
(Derrida, 1999a, p.55-6)⁴⁸

O texto de Derrida encena a destruição da torre de Babel, a confusão das línguas, a desconstrução (*détruire, destruction, deconstruction*), a impossibilidade de haver uma língua única mostrada também pela inserção da língua do outro. O mito da torre de Babel não é apenas uma maneira de Derrida tratar da multiplicidade de línguas e, conseqüentemente, do problema da tradução, mas também a possibilidade de mostrar a inevitável hospitalidade em relação à língua do outro. Se a tradução total e unívoca é impossível, a intraduzibilidade total também o é, o que acaba por impelir a convivência entre as línguas.

É possível verificar que as leituras realizadas por Derrida em uma resposta ao apelo da tradução também acabam voltadas para autores e obras tradicionalmente intraduzíveis, ou que apresentam alguma expressão ou termo cuja intraduzibilidade merece ser destacada. Embora essa intraduzibilidade muitas vezes não seja o tema principal do texto, em algum ponto ela acaba por determinar

⁴⁸ “Talvez a singularidade resida neste fato: ainda que isso que escrevo e ensino esteja ligado de corpo e alma ao idioma francês e ao idioma menos traduzível, [ainda que] escrever de maneira bastante idiomática para tornar a tradução difícil seja até uma espécie de regra que adoto; contudo, a leitura no estrangeiro, longe de ser desencorajada é, ao contrário, intensificada. É com os tradutores de todos os países que eu me entendo melhor, que trabalho melhor. Eis aí uma das

a leitura derridiana e seus efeitos. Não se trata apenas de termos em francês cujas nuances serão dificilmente traduzidas para outras línguas (como *différance* ou, em outra instância, *hôte*), mas também de termos em outras línguas que passaram por um ato tradutório ao serem utilizados no texto em francês, como veremos a seguir.

Características do texto derridiano, como a busca etimológica do sentido da palavra ou o recurso a explicações do dicionário, mostram um cuidado em alertar para as interpretações possíveis, mesmo que ele saiba que o sentido, como um conjunto de rastros de um elemento em outro, não tem origem preestabelecida e determinada, pois é sempre diferido e adiado.

A utilização de operações de tradução em Derrida pode ser vista como a sua resposta ao texto traduzido: é a sua tentativa de retomar a singularidade do texto. Por isso, a maioria das obras trazem enxertos na forma de intervenções em relação às escolhas tradutórias e de observações para o tradutor, responsabilizando-o verbalmente por seu ato. Dessa maneira, a responsabilidade assumida por Derrida quando coloca sua contra-assinatura (ao ler e utilizar o texto traduzido) cria um outro acontecimento e permite novas interpretações a partir do momento em que explicita a presença do texto do outro.

coisas mais singulares e mais difíceis de se pensar por todo o mundo: como pode acontecer de o mais intraduzível ser o que mais se traduz e atravessa mais fronteiras?"



II.2. Algumas considerações sobre o papel do tradutor Derrida

Como sabemos, um fato que pode ter levado Derrida a valorizar o papel da tradução e exteriorizar essa valorização foi o seu trabalho como tradutor do livro *L'Origine de la géometrie*, de Edmund Husserl, precedido de uma longa introdução, também assinada por Derrida.⁴⁹ Depois da experiência como tradutor, o filósofo parece não mais se esquecer de que o Husserl em francês é o seu Husserl, o Husserl de Derrida, assim como todos os textos traduzidos aos quais ele recorre serão textos contaminados por uma leitura e escrita tradutórias.

A conscientização da responsabilidade e da influência do tradutor ao produzir um novo texto é explícita, sobretudo nas ocasiões em que Derrida recorre às traduções publicadas, estratégia adotada desde essa tradução de Husserl, como pode ser confirmado com a nota que diz: *“Pour la traduction des concepts usuels de la langue husserlienne, nous nous sommes naturellement conformé aux usages consacrés par la traduction des grands ouvrages de Husserl”* (1962, p.12) (“Para a tradução de conceitos usuais da língua husserliana, naturalmente nos conformamos com os usos consagrados pela tradução das grandes obras de Husserl”), traduzidas por Ricoeur, Bachelard e Élie.

A problemática da responsabilidade pela tradução do outro não se limita à presença da tradução consagrada, do *hôte* convidado (o texto traduzido)

⁴⁹ Nessa Introdução à tradução, há seis notas de rodapé sobre as opções tradutórias derridianas, enquanto cerca de uma dezena diz respeito a outras traduções adotadas. O texto, com mais de cento e cinquenta páginas, trata explicitamente de questões tradutórias propriamente ditas em cerca de uma dúzia delas, dando à Introdução um caráter diferente das tradicionais introduções a traduções.

nem ao seu acolhimento pelo *hôte* anfitrião (o texto derridiano), mas diz respeito ao próprio gesto de hospitalidade e suas condições. Ao mesmo tempo em que Derrida parece contra-assinar a tradução, chama o outro à responsabilidade, provocando um novo jogo, possibilitando a conexão entre duas leituras, a de Derrida que lê o texto traduzido e a do texto traduzido que lê o texto original.

Derrida acaba procurando no texto traduzido a mesma precisão e o mesmo cuidado com a singularidade do texto apresentadas por ele em seu próprio texto. Está em jogo a responsabilidade de assumir uma leitura e escritura levando em conta a alteridade, considerando, ao mesmo tempo, a *mise en abyme* característica de todo texto, o fato de não ser possível sair de sua interioridade e o fato sempre existir a restância. Como vimos, isso equivale a afirmar que não existe o fora do texto, pois todo texto é um texto sobre um texto sobre um outro texto, e que não há contexto totalmente determinável, já que não se pode saturar um contexto.

Podemos levantar algumas contribuições de Derrida à tradução que corroboram as várias afirmações sobre o cuidado derridiano com a(s) língua(s) e com a letra do texto. A propósito do papel de Derrida como tradutor, encontramos em Siscar uma retomada de grande relevância:

Claro, como tradutor, Derrida contribuiu para a língua filosófica francesa propondo interferências criativas; como tradutor de Husserl, criou o *vouloir-dire* (querer-dizer), por exemplo, em lugar de *Bedeutung* (significação); como tradutor ocasional da linguagem heideggeriana associou o *es gibt* (*il y a*; há, existe) ao *donner* (dar); trouxe o *acontecer* para a rede de



sentidos do *événement* (evento, acontecimento), como modo do *vir* (*venir*, *avènement*, *avenir*, *aventure*); reinterpretando proposições de Kant, criou uma cadeia de referências extremamente profícua com o *tom*; os exemplos são muitos de como se traduz assumindo a responsabilidade, inclusive teórica, de sua tradução. (Siscar, 2000a, p.66)

Dedicando-se especialmente a explicar uma opção de tradução, o próprio Derrida desenvolve o texto *Qu'est-ce qu'une traduction 'relevante'?* (O que é uma tradução 'relevante?'), no qual justifica sua tradução de *seasons* por *relève* e não por *tempère*, utilizando algumas passagens da tradução de um texto literário, *Le Marchand de Venise* (*O mercador de Veneza*), de Shakespeare, para o francês (feita por François-Victor Hugo). Esse texto é uma comprovação da preocupação de Derrida com o idiomático do texto, cujo efeito é duplicado ao se tratar de um texto traduzido.

De acordo com Derrida, “*when mercy seasons justice*” não seria traduzido por “*quand le pardon tempère la justice*”, como faz Hugo, mas por “*quand le pardon relève la justice (ou le droit)*” (1999c, p.42) (“quando o perdão releva a justiça (ou o direito)”) (2000a, p.37).⁵⁰ A respeito da tradução, o filósofo afirma:

*Mais à cette traduction de François-Victor Hugo (“tempère”)
qui n’est pas mauvaise, je serais tenté d’en substituer une autre. Ce ne sera*

⁵⁰ A tradução em português acaba assumindo o jogo entre o francês e o inglês de *relevant*, destacado por Derrida, quando conserva o termo sem tradução, possibilitando que o leitor faça o entrelaçamento das três línguas, conforme veremos a seguir.

*pas une vraie traduction, surtout pas une traduction relevante. Elle ne répondra pas au nom de "traduction". Elle ne **rendra** pas, elle ne s'acquittera pas, elle ne restituera pas tout, elle ne paiera pas toute sa dette, et d'abord à un concept supposé, à une identité de sens alléguée du mot "traduction". Elle ne va pas relever de ce qu'on appelle couramment une traduction, une traduction **relevante**.* (1999c, p.42)⁵¹

Completa que a tradução de *seasons* por *relève* faz parte de sua história, de uma iniciativa de traduzir o *Aufheben, Aufhebung* de Hegel, realizada há mais de trinta anos, que acabou por ser a tradução consagrada em francês. Derrida justifica sua tradução de três maneiras: considerando a conotação culinária *relever*, encontrada também em *to season* (relevar como condimentar, temperar); considerando a idéia de exaltação da justiça (relevar como sublimar, exaltar); considerando a idéia dupla de substituir e elevar, que determinou a sua escolha por *relève* ao traduzir o termo hegeliano (cf. 1999c, p.42-4; 2000a, p.37-9). Para Derrida, essas três justificativas resumem as razões de sua escolha da melhor tradução possível, a mais econômica, que "*permettrait de traduire tant de mots, de langues même, de dénotations et de connotations en un seul mot*" (1999c, p.46) ("permitia traduzir tantas palavras, até mesmo tantas línguas, denotações e conotações em uma única palavra") (2000a, p.41).

⁵¹ "Mas essa tradução de F.-V. Hugo ('*tempère*'), que não é má, eu estou tentado a substituí-la por outra. Não será uma verdadeira tradução, sobretudo não será uma tradução relevante. Ela não responderá pelo nome de 'tradução'. Ela não *devolverá*, não *saldará*, não *restituirá* tudo, não pagará toda sua dívida, primeiramente a um suposto conceito, a uma identidade de sentido alegada pela palavra 'tradução'. Ela não vai substituir aquilo que chamamos comumente uma tradução, uma tradução *relevante*" (2000a, p.37).

Embora não seja o ponto principal da discussão, ao tratar da tradução de “relevante”, Derrida aborda novamente a multiplicidade de línguas, já vista com o “*he war*”. *Relevante* não é unicamente francês, pois também faz parte da língua inglesa (e da portuguesa, embora em cada uma possa ter diferentes nuances). Em várias ocasiões, Derrida destaca a dificuldade de traduzir um texto escrito em mais de uma língua, especialmente quando uma das línguas em questão é a língua da tradução. Ele lembra, por exemplo, o caso da tradução de Benjamin, em que:

Benjamin vient de citer Mallarmé: en français, après avoir laissé dans sa propre phrase un mot latin, que Maurice de Gandillac a reproduit en bas de page pour bien marquer que par ‘génie’, il ne traduisait pas de l’allemand mais du latin (ingenium). Mais bien entendu, il ne pouvait en faire autant avec la troisième langue de cet essai, le français de Mallarmé donc Benjamin avait mesuré l’intraduisibilité. (Derrida, 1987a, p.212)⁵²

A língua hóspede no texto de Benjamin deixa de ter esse status no texto traduzido por Gandillac, remetendo-nos à afirmação já mencionada de que a tradução é incapaz de mostrar que há “*plusieurs langues, et il y a de l’impureté dans chaque langue*” (cf. Derrida, 1982, p.134) (“várias línguas, e há impurezas em cada língua”). Esse é um dos aspectos destacados por Derrida

⁵² “Benjamin acaba de citar Mallarmé: em francês, após ter deixado em sua própria frase uma palavra latina, que Maurice de Gandillac reproduziu no rodapé da página para marcar bem que por “gênio” ele não traduzia do alemão, mas do latim (*ingenium*). Mas, bem entendido, ele não podia fazer o mesmo com a terceira língua desse ensaio, o francês de Mallarmé do qual Benjamin havia medido a intraduzibilidade” (2002b, p.28).

na tradução em geral e em textos literários em particular, como veremos com o caso do conto *The purloined letter*, de Poe, traduzido por Baudelaire.

De qualquer forma, o enfoque derridiano em *Qu'est-ce qu'une traduction 'relevante'?* diz respeito à lei da economia, à possibilidade de traduzir uma palavra por outra levando em conta o maior número de jogos de sentido possível.

*Une traduction relevante serait donc, tout simplement, une 'bonne' traduction, une traduction qui fait ce qu'on attend d'elle, en somme, une version qui s'acquitte de sa mission, honore sa dette et fait son travail ou son devoir en inscrivant dans la langue d'arrivée l'équivalent le plus **relevant** d'un original, le langage **le plus** juste, approprié, pertinent, adéquat, opportun, aigu, univoque, idiomatique, etc. (Derrida, 1999c, p.24)⁵³*

Gostaríamos de destacar um dos sentidos do *relever*: a substituição. Uma tradução relevante é também aquela que substitui o outro. E qualquer substituição só pode se dar na diferença, como afirma Derrida ao tratar da substituição como parte da cadeia da hospitalidade:

At bottom, in every substitution, whatever its terms, the units or identities, the conceptual equivalence of the contents, the homogeneity of

⁵³ “Uma tradução relevante seria, portanto, simplesmente, uma ‘boa’ tradução, uma tradução que faz tudo o que dela se espera, uma versão, em suma, que cumpre sua missão, honra sua dívida e faz seu trabalho, ou seu dever, inscrevendo na língua de chegada o equivalente mais ‘relevante’ de um original, a linguagem a *mais* precisa, apropriada, pertinente, adequada, oportuna, penetrante, unívoca, idiomática, etc.” (2000a, p.17).

seriality, in every substitution, one finds singularity and exceptionality of the units of the substitutions. Even if I replace a grain of sand by a grain of sand, an hour by another, a hand by another (to recall the Kantian example of dissymmetry), each unit, each identity, each singularity is irreplaceable in its factual existence; it is even elected in a certain manner, even if this election becomes precarious or unconscious. It is therefore not the criteria of irreplaceability, of singularity and unicity (solo numero) which distinguishes the "ethical" substitution — let us call it that, to go quickly — from simple, arithmetic substitution. One must take into account, if one can say so, with these values of compassion, expiation and sacrifice, another deal or hand [une autre donne]. And with it, we will find ourselves again at the heart of the question of hospitality, hostipitality [hostipitalité]. (Derrida, 2002a, p.419)⁵⁴

Essa substituição acontece dentro de um jogo de rastros e suplementos constitutivos de um texto, sem nenhuma referência absolutamente exterior, uma vez que não há algo fora do texto. A substituição sempre poderá gerar novas substituições, desencadeando novas interpretações e provocando

⁵⁴ “No fundo, em toda substituição, quaisquer que sejam seus termos, as unidades ou identidades, a equivalência conceitual dos conteúdos, a homogeneidade da serialidade, em toda substituição, encontra-se a singularidade e excepcionalidade das unidades das substituições. Mesmo que eu substitua um grão de areia por um grão de areia, uma hora por outra, uma mão por outra (para recordar o exemplo kantiano de dissimetria), cada unidade, cada identidade, cada singularidade é insubstituível em sua existência factual; é até mesmo escolhida de uma certa maneira, mesmo que essa escolha se torne precária ou inconsciente. Portanto, não é o critério de insubstituibilidade, de singularidade e unicidade (*solo numero*) que distingue a substituição “ética” — vamos chamá-la assim para irmos rapidamente — da substituição simples, aritmética. É preciso levar em conta, se é que se pode falar assim, com esses valores de compaixão, expiação e sacrifício, outra distribuição ou mão [*une autre donne*]. E com isso, nos encontraremos novamente no cerne da questão da hospitalidade, hostipitalidade [*hostipitalité*].”

novos efeitos. Nesse sentido, a tradução como substituição de um texto acrescenta a lei da hospitalidade à idéia derridiana de transformação de um texto em outro.

Ao contrário do que alguns insistem em afirmar, definir a tradução como transformação ou como substituição não implica um vale-tudo, visto que envolve dois imperativos que, aparentemente, poderiam ser vistos como contraditórios. Por um lado, é necessário considerar a lei do texto de partida e respeitá-la; por outro, é necessário transformar o texto do outro para que possa ser a promessa de um acontecimento textual na língua da tradução.

Malgré tout, me semble-t-il, la traduction doit s'efforcer d'être le plus fidèle possible, non par souci d'exactitude calculable, mais parce qu'elle nous rappelle à la loi de l'autre texte, à son injonction, à sa signature, à cet autre événement en tant qu'il a déjà eu lieu avant nous, et dont nous devons répondre en héritiers. Il est là, et à traduire, avant nous, devant nous: hétéronomie qui fait que j'accepte la loi de l'autre, non pas en y obéissant passivement, mais en contresignant, en inventant une signature qui, dans ma langue, dans une situation tout à fait différente, dans une langue incommensurable, s'allie très étrangement à l'autre et souscrit à la loi de l'autre. (Derrida, 1998c, p.262-3)⁵⁵

⁵⁵ “Apesar de tudo, parece-me, a tradução deve se esforçar para ser o mais fiel possível, não por cuidado da exatidão calculável, mas porque ela nos chama à lei do outro texto, à sua injunção, à sua assinatura, a esse outro acontecimento na medida em que ele já teve lugar antes de nós, e ao qual devemos responder como herdeiros. Ele está lá, e a traduzir, antes de nós, diante de nós: heterônimo que faz com que eu aceite a lei do outro, não lhe obedecendo passivamente, mas contra-assinando-a, inventando uma assinatura que, na minha língua, numa situação totalmente diferente, numa língua incommensurável, se alie muito estranhamente ao outro e subscreva a lei do outro.”

A fidelidade a qual Derrida se refere não diz respeito a um sentido unívoco resgatável nem às intenções de um autor e nem mesmo aos objetivos de uma comunidade interpretativa. A fidelidade em questão diz respeito à dívida instaurada pela singularidade do texto e pela sua assinatura (estilo e tom), que reivindicam uma certa atenção à letra do texto e a consideração do texto traduzido como um novo texto, no qual os jogos de sentido serão outros.

Ao dizer que a singularidade do texto deve ser respeitada, que se deve levar em conta questões de língua e de assinatura, enfim, que para ler um texto é preciso considerar a lógica do próprio texto, Derrida mostra-nos que a tradução é um assunto sério. Ele mesmo lembra a afirmação de Heidegger: “*Dis-moi ce que tu penses de la traduction, je te dirais qui tu es*” (1987b, p.17) (“Dize-me o que pensas da tradução, e eu te direi quem és”) (1990a, p.12).

Essa seriedade pode ser comprovada no tratamento das operações de tradução que veremos a seguir.

II.3. O acolhimento da tradução do outro

Ao lado de sua própria experiência como tradutor, é preciso considerar que Derrida é o filósofo mais traduzido no mundo, de acordo com o *Libération* (cf. Le Vaillant, 2002), aspectos que o levam constantemente a pensar a tradução. O resultado dessa conscientização aparece em seus textos e possibilita afirmações como a de uma de suas tradutoras americanas, Barbara Johnson, para quem “o trabalho de Derrida sempre foi, na verdade, (sobre) tradução”



(1998, p.28) e para quem “todo o empreendimento filosófico de Derrida pode ser visto como uma análise do processo de tradução que atua em qualquer texto” (1998, p.31).

Derrida não só questiona as opções de tradução, como veremos, mas também a omissão da tradução. Nesse sentido, um caso emblemático é sua discussão da supressão do penúltimo parágrafo de *Discours de la méthode*, no qual Descartes afirma: “*et si j'écris en français, qui est la langue de mon pays ...*” (cf. Derrida, 1990b, p.283) (“e se escrevo em francês, que é a língua do meu país ...”). Derrida vê nesse enunciado um desafio ignorado pelas traduções para o latim de Étienne de Courcelles e da edição Adam et Tanneu. No primeiro caso, a passagem simplesmente desaparece e, no segundo, a omissão é assinalada por meio da afirmação “*il n'y avait pas lieu de (le) traduire en effet*” (cf. Derrida, 1990b, p.308) (“realmente não tinha motivos para traduzir”). Ao interpretar essa afirmação, Derrida entrelaça três diferentes códigos: o jurídico, que rege a obrigação (“não é preciso”, “é proibido” traduzir); o da utilidade técnica (não é útil traduzir) e o da conveniência social (é inconveniente traduzir) (cf. Derrida, 1990b, p.313). Se as traduções deixassem claro, em latim, que Descartes escreve em francês, explicitariam ao leitor do latim que está lendo uma tradução, ou seja, que o texto filosófico em questão, geralmente escrito em latim, aparece inicialmente na língua do outro.

Derrida lembra que a questão principal é: “*quel sens y aurait-il à dire en latin 'je parle français'?*” (“que sentido teria dizer em latim ‘eu falo francês’?”) Completa ainda:



Ainsi quand un "original" parle de sa langue en parlant sa langue il prépare une sorte de suicide à la traduction, comme on dit suicide au gaz ou suicide par le feu. Plutôt suicide par le feu, car il laisse détruire presque sans reste, sans reste apparent dans le dedans du corpus. (Derrida, 1990b, p.309)⁵⁶

A frase em questão é intraduzível não devido a uma dificuldade lingüística, mas à sua performatividade. O performativo, segundo Austin, diz respeito ao “quando dizer é fazer”, isto é, a afirmação de que escreve em francês já é a concretização do ato da escrita. Sua resistência à tradução diz respeito à mudança de língua: “*changer de langue c'est, dans ce cas, annuler le coeur même du 'signifié'*” (mudar de língua é, nesse caso, abater o próprio coração do ‘significado’) (Derrida, 1990b, p.312).

Os enunciados performativos não são os únicos a provocarem a discussão sobre a intraduzibilidade. O *coeur* francês também dará a Derrida a oportunidade de colocar em cena a tradução do idiomático. Com o uso de *par coeur*, Derrida (1992c) mostra a (im)possibilidade da tradução da expressão idiomática relacionada à própria (im)possibilidade de “definir” poesia. O *par coeur* não trata apenas do sentimento, do coração, mas da memória, da cabeça. Como ocorre nas poesias, a definição de Derrida possibilita a disseminação de

⁵⁶ “Assim quando um ‘original’ fala de sua língua falando sua língua ele provoca uma espécie de suicídio para a/com a tradução, como se diz suicídio com gás ou suicídio com fogo. Melhor suicídio com fogo, porque se deixa destruir quase sem resto, sem resto aparente no *interior* do corpus.”

sentidos, não só no interior da língua francesa, como também nas outras línguas. A dificuldade de traduzir poesia excede o espaço poético e alcança a sua definição, ou seja, o texto *Che cos'è la poesia?* mostra que a experiência da tradução é tão (im)possível quanto a do poema. A tradução, como a poesia, pode ser comparada ao ouriço: vulnerável e perigoso, não se consegue tocar, mas está lá. Afasta e aproxima ao mesmo tempo.

A traduzibilidade é colocada em xeque em situações em que o idiomático é mais manifesto, tanto no caso do francês como no caso da outra língua inserida no texto derridiano. Em *Limited Inc.*, por exemplo, Derrida afirma:

*J'aurais pu simuler ce qu'on appelle en français un 'faux départ'
(j'insiste auprès du traducteur pour qu'il garde les guillemets,
les parenthèses, les italiques, et le français) ... (1990c, p.63)⁵⁷*

O enxerto do comentário entre parênteses explicita a conscientização de Derrida de que o texto passará por pelo menos uma tradução, já que, por se tratar de sua discussão com o americano Searle a respeito da teoria anglo-americana dos atos de fala, estava destinado a ser publicado primeiramente em inglês. A advertência parentética não diz respeito somente ao francês, mas também aos recursos gráficos utilizados na palavra, essenciais para a

⁵⁷ “Teria podido simular o que se chama, em francês, um *faux départ* (insisto com o tradutor que mantenha as aspas, os parênteses, os itálicos, e o francês) ...” (1991a, p.43).

interpretação dos jogos derridianos. Ainda em *Limited Inc.*, mais adiante, fala novamente sobre a tradução, desta vez dando nome ao tradutor:

*Je ne sais pas comment Sam Weber traduira 'contre-pied'.
Je précise, à son intention que je l'entends d'abord, depuis mon adolescence,
dans le code du football: ruse active pour surprendre l'adversaire engagé
dans l'autre direction. (1990c, p.138-9)⁵⁸*

A insistência inicial e a quase imposição no sentido de preservar a forma como o francês é utilizado dão lugar a um tratamento mais pessoal: o tradutor é chamado pelo nome e incluído no texto, sugerindo uma aproximação e um maior acolhimento ao trabalho de Weber. Os dois exemplos podem despertar o interesse do leitor para a tradução, convidando-o a conferir quais foram as saídas encontradas na língua inglesa.

O reconhecimento da dificuldade que cerca a tradução é expresso por meio de “recados” para o tradutor no decorrer de vários textos derridianos. *Survivre*, como veremos, é exemplar porque não apresenta apenas notas ao tradutor, mas também notas do tradutor (Derrida) a respeito do ato tradutório no mesmo momento em que ele está ocorrendo. Outros casos, ainda que em menor grau, exemplificam o papel do *hôte*, que intervém no texto do outro. Em *Passions*, Derrida afirma em nota: *On devrait ne pas devoir [difficile à*

⁵⁸ “Não sei como Sam Weber traduzirá ‘contre-pied’. Esclareço, pensando nele, que entendo isso primeiro, desde minha adolescência, no código do futebol: ardil ativo para surpreender o adversário engajado numa outra direção” (1991a, p.103).

traduire en anglais, mais je l'ai fait exprès: laisser le français dans le texte] (1993c, p.75) (“*On devrait ne pas devoir* (difícil de traduzir para o inglês, mas fiz por gosto: deixar o francês no texto)”) (1995c, p.53). Por um lado, ele impõe seu “gosto”, seu desejo de não traduzir; por outro, deixa claro que está criando uma dificuldade adicional para o tradutor, quase uma imposição para que o francês seja mantido no texto em inglês. O próprio Derrida, ainda nas notas de *Passions*, fala sobre a imposição da língua ao abordar a tradução da palavra *intraitable*:

Si ailleurs il s'est souvent imposé, le mot français intraitable est sans doute difficile à traduire ... Autant dire que le mot intraitable est lui-même intraitable (par exemple intraduisible) — et c'est pourquoi j'ai dit qu'il était imposé (1995c, p.84-5)⁵⁹

Novamente Derrida está tratando a intraduzibilidade da palavra francesa para o inglês, o que poderia provocar um questionamento de um tradutor que não enfrenta o mesmo problema ao traduzir para uma terceira língua: como falar da intraduzibilidade de uma palavra que pode ser traduzida sem maiores dificuldades?

Apesar de terem sido escritos em francês, *Limited Inc.* e *Passions* destinavam-se a ser publicados inicialmente em inglês; o que justifica a atenção de Derrida à (im)possibilidade de traduzir para esta língua. Ao pensarmos

⁵⁹ “Embora tenha se imposto alhures com frequência, a palavra francesa *intraitable* (intratável) é provavelmente difícil de traduzir. Equivale a dizer que a própria palavra *intraitable* é intratável (por exemplo intraduzível) — e é por isso que eu disse que ela se tinha imposto” (1995c, p.59).

na tradução do francês para outras línguas, as dificuldades serão outras e, a elas, será acrescida a questão da (ir)relevância de falar sobre o desafio de traduzir para uma língua que não é a língua do texto traduzido, uma vez que, em princípio, importa ao leitor de uma língua a dificuldade de traduzir para a sua própria língua, não para uma terceira.

Talvez o exemplo em que o idiomático derridiano se manifesta mais irredutivelmente seja o título, considerado o nome próprio do texto. Como para dramatizar a intraduzibilidade do nome próprio, Derrida denomina seus textos de maneira a dificultar e por vezes impedir a tradução, (na medida em que o “impedimento” está ligado à necessidade da tradução, ao *double bind*). Podemos lembrar alguns títulos cuja (in)traduzibilidade foi várias vezes discutida (pelo menos nas versões para as línguas portuguesa e inglesa): de *Des tours de Babel*, passando por *L'autre cap*, *Signéponge*, *Demeure* até *Le facteur de la vérité* e *Survivre* (analisados mais detidamente no último capítulo), podemos dizer, usando uma expressão de Siscar, que o idiomático da língua derridiana parece instituir o “impossível como imperativo” (cf. Siscar, 2000a, p.64). Os títulos colocam o *double bind* em cena, a necessidade e a impossibilidade de traduzir.

O texto de Derrida é sempre um acontecimento único e a escolha do título tanto reflete essa singularidade, pois tem a função nominal de permitir que um texto seja reconhecido por aquele nome, como instaura para os tradutores a necessidade de pensar sobre a possibilidade de dizer a mesma coisa, que também é outra, na sua língua.



A discussão sobre o processo tradutório não se limita à (im)possibilidade de traduzir do francês para outras línguas, muito pelo contrário. Há inúmeros casos em que está em questão o uso de palavras em outra língua no texto derridiano em francês, seu acolhimento das traduções francesas de textos em alemão, latim, grego, etc. Para a abordagem dessa utilização, não podemos esquecer, contudo, de dois aspectos já tratados: a hospitalidade característica do acolhimento e as concepções de língua de Derrida (sua percepção de que a língua francesa não é unívoca e de que há uma dispersão de línguas e de idiomas).

O cuidado com o idiomático da língua francesa é repetido em relação à língua do outro. Derrida mostra que está atento às inevitáveis transformações do texto traduzido (com as quais nem sempre concorda) mediante seus comentários e modificações às traduções explicitadas por meio de notas ou no corpo do texto. Se, por um lado, Derrida mostra-se hospitaleiro às traduções consagradas, acolhendo-as em seu texto, por outro, seu acolhimento pode se dar de forma “hostil”, especialmente quando deixa claro que tem restrições em aceitá-las. Em *La pharmacie de Platon*, ele afirma:

*On aura remarqué que nous utilisons une traduction consacrée de Platon, celle des éditions Guillaume Budé, qui fait autorité. Ici, pour le **Phèdre**, celle de Léon Robin. Nous continuerons à le faire, en insérant toutefois, quand cela nous paraîtra opportun et, quant à notre propos, pertinent, le texte grec entre parenthèses. (1992d, p.266)⁶⁰*

⁶⁰ “Ter-se-á notado que utilizamos uma tradução consagrada de Platão, a das edições Guillaume Budé, cuja autoridade é reconhecida. Aqui, para o *Fedro*, aquela de Léon Robin. Continuaremos a

Ao afirmar que pode lançar mão do uso parentético, Derrida não assinala simplesmente que se trata de uma tradução. A inclusão da outra língua permite um jogo de interpretação inexistente sem essa presença. Ao que parece, a questão é chamar a atenção do leitor por meio de um ótimo estratagema: deixar claro que a tradução é “corrente” na língua, mas que pode modificá-la ou acrescentar o termo na língua original, por meio do procedimento do enxerto, se o “contexto o exigir”, como afirma em outros lugares (cf., por exemplo, 1987b, 1993a, 1999c). Dessa forma, aponta o problema e simultaneamente mostra que a solução é não ter solução, pois, a partir do valor de uso que a palavra assume na tradução, qualquer alternativa surge como suplemento, mas não apaga a opção anterior.

O caso do *pharmakon* ilustra muito bem a irreducibilidade da tradução e suas conseqüências para uma determinada interpretação filosófica: ao se priorizar um ou outro pólo de significação, remédio ou veneno, estará se privilegiando também uma determinada noção de escritura. O *pharmakon* faz parte dos termos utilizados por Derrida que possuem um valor duplo, indecível, e que não devem ser reduzidos a um só pólo de significação. Além de *pharmakon*, os mais citados são a *différance* e o *double bind*, em que, já na língua de partida (respectivamente, o grego, o francês e o inglês), aparece a impossibilidade de eliminar a aporia que determina a articulação textual. Embora muitas vezes sejam

fazê-lo, inserindo contudo, quando isto nos parecer oportuno e pertinente quanto a nosso propósito, o texto grego entre parênteses” (1991d, p.15-6).



apontados como intraduzíveis, esses termos continuam sendo traduzidos, como foi visto em relação à *différance* e como pode ser comprovado em relação ao *double bind*, com as opções apresentadas por, entre outros, Nascimento (2001, p.99) e Viscardi (cf. Chamberlain, 1998, p.51) e em relação ao *pharmakon*, com a análise da tradução francesa pelo próprio Derrida.⁶¹

No momento em que se opta por um dos sentidos, no caso dos indecidíveis, a polissemia é anulada pelo contexto e a disseminação deixa de ocorrer, como vemos em *Phédre*:

Relisons maintenant, toujours dans la traduction de Robin, telle phrase du Phèdre: 'Voici, ô Roi, dit Theuth, une connaissance (mathema) qui aura pour effet de rendre les Égyptiens plus instruits (sophôterous) et plus capables de se remémorer (mnemonikôterous): mémoire (mnèmè) aussi bien qu'instruction (sophia) ont trouvé leur remède (pharmakon)'. (1992d, p.295)⁶²

Como acredita Derrida, a tradução por remédio não é inexata porque Theuth quer mostrar o lado positivo de seu produto. Entretanto, a ambigüidade desaparece e acaba por mostrar a ingenuidade de Theuth ao esconder, talvez inconscientemente, o lado negativo, o veneno. Além disso,

⁶¹ As opções de tradução de Nascimento são: duplo elo, dupla ligação, dupla obrigação, dois gumes, duplo bando, dupla ereção, dupla banda, dupla borda ou beira. A opção de Viscardi é duplo vínculo.

⁶² "Releiamos agora, sempre na tradução de Robin, a seguinte frase do *Fedro*: 'Eis aqui, oh, Rei', diz Theuth, 'um conhecimento (*máthema*) que terá por efeito tornar os egípcios mais instruídos (*sophoterous*) e mais aptos para se rememorar (*mnemenikotérous*): memória (*mnème*) e instrução (*sophía*) encontraram seu remédio (*phármakon*)'" (Derrida, 1991d, p.44).

o remédio, enquanto algo científico, também esconde a “mágica” característica da escritura, o que talvez pudesse ser mantido em uma outra palavra capaz de remeter à idéia de bom e mau ao mesmo tempo. Como ocorre com o *hôte/guest* no conto de Camus, determinados efeitos interpretativos são impedidos a partir do fim da ambivalência, que Derrida de certa forma devolve ao texto, ao enxertar as palavras na outra língua, entre parênteses. Nem esse fato nem o fato de Derrida advertir o leitor de que a tradução provoca “habituais efeitos” garantem, de maneira alguma, que a percepção do leitor será aquela que ele almeja, como ele bem sabe. De qualquer modo, quando Derrida mostra a (outra) língua, é como se avisasse o leitor de que há uma interpretação intermediária entre o texto inicial e aquele que o leitor tem em mãos, possibilitando que o tradutor apareça. Tal estratégia acaba por representar um *double bind* para o tradutor, pois, ao mesmo tempo em que permite o reconhecimento de sua interferência no texto do outro, leva o leitor a perceber que não está lendo o texto original (o que às vezes é impossibilitado pela omissão da tradução, como no enunciado de Descartes).

O caso do termo alemão *Geist*, abordado em *De l'esprit* é semelhante ao do *pharmakon*. Para defender a não tradução de *Geist*, Derrida apresenta alguns extratos de *Friendship's Garland*:

*Quelques fragments pour inviter à lire ou à relire quelqu'un qui,
déjà au siècle dernier, ne fut sans doute pas tout à fait sourd à une certaine*

intraductibilité du Geist. Il sut en tout cas laisser le Geist intouché dans sa langue ... (Derrida, 1987b, p.115)⁶³

No início do livro, Derrida afirma que *De l'esprit* é um título muito francês para “fazer ouvir” o *Geist*. Completa ainda:

Peut-être en tout cas serons-nous plus justement sensibles à sa germanité si nous le laissons résonner depuis une langue étrangère pour le mettre à l'épreuve de la traduction, ou plutôt si nous mettons à l'épreuve sa résistance à la traduction. Et si nous mettons notre langue à la même épreuve. (1987b, p.16-7)⁶⁴

O jogo constante com a língua alemã no texto em francês leva a uma contaminação entre as línguas e à discussão do papel que a tradução exerce, a ponto de Derrida questionar:

‘Doch was ist der Geist?’, demande en effet Heidegger. Qu'est-ce que l'esprit? Réponse: ‘Der Geist ist das Flammende ...’ (p.59). Plus loin, ‘Der Geist ist Flamme’ (p.62).

⁶³ “Alguns fragmentos para convidar a ler ou a reler alguém que, já no século passado, não foi sem dúvida inteiramente surdo a uma certa intraduzibilidade do *Geist*. Soube, em todo o caso, deixar o *Geist* intocado, em sua língua” (1990a, p.89).

⁶⁴ “Talvez, em todo o caso, sejamos mais corretamente sensíveis à sua germanidade se o deixarmos ressoar em uma língua estrangeira, para pô-lo à prova na tradução, ou antes, se pusermos à prova sua resistência à tradução, e se submetemos nossa língua à mesma prova” (1990a, p.11-2).

Comment traduire? L'esprit est ce qui enflamme? Plutôt ce qui s'enflamme, mettant feu, mettant le feu à soi-même? L'esprit est flamme. ...
(1987b, p.132-3)⁶⁵

A resistência à tradução aparece por meio da hostipitalidade à língua do outro: embora haja o acolhimento da língua alemã, em itálico, sua presença causa um estranhamento para o leitor e possibilita que ele também coloque em discussão a tradução para o francês. No mesmo texto, Derrida também lança mão do enxerto, inserindo o termo em alemão entre parênteses após o termo em francês, especialmente quando se trata de termos da família do *Geist*. Outro sinal gráfico discutido por Derrida a partir do *Geist* heideggeriano são as aspas. Podemos dimensionar a importância do seu uso a partir da seguinte citação:

Le mot 'esprit' ... Heidegger ne le prend pas à son compte, il l'héberge à peine. L'hospitalité offerte, en tout cas, ne va pas sans réserve. Même quand on l'accueille, le mot se trouve contenu sur le pas de la porte ou retenu à la frontière, flanqué de signes discriminants, tenu à distance par la procédure des guillemets. A travers ces artifices d'écriture, c'est le même mot, certes, mais aussi un autre. (1987b, p.51-2)⁶⁶

⁶⁵ 'Doch was ist der Geist?', pergunta com efeito Heidegger. Que é o espírito? Resposta: 'Der Geist ist das Flammende ...' (p.59). Mais longe, 'Der Geist ist Flamme' (p.62). Como traduzir? O espírito é o que inflama? Antes, o que se inflama, pondo fogo, pondo fogo *em si mesmo*? O espírito é chama. ... (1990a, p.102)

⁶⁶ "A palavra 'espírito' ... Heidegger não a toma por conta própria, ele só a abriga. A hospitalidade oferecida, contudo, não é sem reservas. Mesmo quando a acolhe, a palavra se acha contida no umbral da porta ou retida na fronteira, flanqueada por sinais discriminatórios, mantida à distância pelo procedimento das aspas. Através desses artificios da escrita, é a mesma palavra, certamente, mas também uma outra" (1990, p.40).

Novamente a língua do outro fornecerá aquilo que Derrida necessita para definir o que chama de “*signaux de lecture*” (“sinais de leitura”):

*Je rappelle qu'en allemand 'guillemet' se dit **Anführungsstriche** ou **Anführungszeichen**. **Anführen**, conduire, prendre la tête, mais aussi duper, se payer la tête ou bourrer le crâne de quelqu'un.* (1987b, p.106)⁶⁷

O alemão possibilita o embasamento da argumentação de Derrida em relação ao papel das aspas de *Geist* no texto de Heidegger, ao mesmo tempo em que nos alerta para seu papel na escritura derridiana, repleta de “sinais de leitura”.

O enxerto da outra língua após o termo traduzido ou sem tradução não é o único procedimento adotado por Derrida. Antes de passarmos para a questão do literário, trataremos de mais um tipo de enxerto: duas ou mais traduções do mesmo texto inseridas no texto em francês. Novamente, essa operação está disseminada por grande parte da obra de Derrida. Em certos casos, ele apenas cita as traduções lado a lado, especificando o nome do tradutor, sem nenhum comentário, por exemplo: (“*He appeared*”, *says one translation [By Edouard Dhormes]*; “*he makes himself seen*” *says another [by André Chouraqui]*) (2002a, p.372) (“Ele apareceu”, diz uma tradução [de Edouard

⁶⁷ “Lembro que em alemão “aspas” se diz *Anführungsstriche* ou *Anführungszeichen*. *Anführen*, conduzir, tomar a frente, mas também enganar, pagar com a cabeça ou enganar alguém” (1990a, p.83).

Dhormes]; “ele se faz ver”, diz outra [de André Chouraqui]). Em *De l'hospitalité*, repete essa estratégia, às vezes adjetivando as traduções:

Les hommes de Sodome veulent voir ces hôtes afin de les 'pénétrer', dit une traduction (celle de Chouraqui: 'Fais-les sortir vers nous: pénétrons-les!'), pour les 'connaître', dit pudiquement une autre (celle de Dhorme dans la Bibliothèque de la Pléiade: 'Fais-les sortir vers nous pour que nous les connaissions'). (Derrida, 1997a, p.133, destaque nosso)⁶⁸

Embora reconheça a possibilidade de mais de uma tradução e declare que não pretende apresentar juízos de valor, Derrida acaba por fazer alguns comentários a respeito da tradução, mesmo que se resumam a um único adjetivo, como nesse caso. Essa citação da tradução bíblica é usada para tratar da questão moral e de uma certa ética da hospitalidade, ao mesmo tempo em que enfoca o poder do pai e a questão da hierarquia e da diferença sexual (entregar as filhas no lugar dos homens). Nesse sentido, a tradução de Chouraqui é mais *relevante*, já que possibilita as referências à questão homossexual de Sodoma.

Shibboleth talvez seja o texto em que esse último procedimento é mais recorrente. As traduções dos poemas em alemão de Celan aparecem no corpo do texto, quando há uma única edição francesa. Quando há mais de uma

⁶⁸ “Os homens de Sodoma querem ver os hóspedes (*hôtes*) a fim de ‘penetrá-los’, diz uma tradução (a de Chouraqui: ‘Faça-os sair até nós: penetremo-los!’), para ‘conhecê-los’, diz pudicamente uma outra (a de Dhorme na *Bibliothèque de la Pléiade*: ‘Faça-os sair até nós para que os conheçamos.’).”

versão, Derrida tanto cita as traduções em nota (geralmente duas versões), como cita uma em nota e a outra no corpo do texto, por exemplo:

Page 93: Trad. André du Bouchet (Strette, p.22-3): '(Fussé-je pareil à toi. Toi-même, à moi./Ne sommes-nous pas debout/sous un seul vent traversier?/Nous sommes étrangers.)' Maurice Blanchot (Le dernier à parler, p.30-1) '(Si j'étais comme toi. Si tu étais comme moi./Ne nous sommes-nous pas tenus debout/ensemble sous un même vent contraire?/Nous sommes des étrangers.)'. (Derrida, 1986d, p.126)⁶⁹

Contudo, o filósofo deixa claro, na primeira nota, que não está priorizando uma ou outra e que sempre dá preferência às traduções bilíngües:

En citant les traductions existantes, je souhaite d'abord dire une immense dette et rendre hommage à ceux qui ont pris la responsabilité ou le risque de traduire des textes dont chaque lettre, on le sait, chaque blanc aussi, la respiration et les césures défient la traduction, mais l'appellent et la provoquent du même coup. ... Le lecteur disposera ici du texte original et des traductions publiées. La juxtaposition, parfois, de plusieurs traductions n'est pas là pour l'effet de concurrence. Elle me paraît servir une lecture plus aiguë de l'original, et l'accès aux vraies difficultés. (Derrida, 1986d, p.115-6)⁷⁰

⁶⁹ "Página 93: Trad. André du Bouchet (Strette, p.22-3): '(Fosse eu igual a você. Você mesmo, a mim./Não resistiríamos/contra um único vento transversal?/Nós somos estrangeiros.)'. Maurice Blanchot (Le dernier à parler, p.30-1) '(Se eu fosse como você. Se você fosse como eu./Não teríamos força/juntos contra um mesmo vento contrário?/Nós somos os estrangeiros.)'."

⁷⁰ "Citando as traduções existentes, em primeiro lugar desejo expressar uma imensa dívida e render homenagem àqueles que aceitaram a responsabilidade ou o risco de traduzir textos nos

Mesmo que, nesse caso, Derrida se abstenha de fazer qualquer tipo de julgamento, não podemos deixar de lado a necessidade de escolha, especialmente quando apresenta uma tradução incorporada ao texto enquanto outra aparece em nota, ou seja, ele não deixa de eleger uma ou outra para “compor” seu texto. Entretanto, isso não significa que esteja priorizando uma tradução, pois, como Derrida mesmo afirma, o que muitas vezes parece “secundário, lateral, marginal” importa mais do que os pontos considerados “centrais” (cf. 1991a, p.65). Nesse caso, teríamos que considerar que o fato de a tradução estar em nota é tão representativo de sua importância quanto se estivesse no corpo do texto.

Embora o objetivo de Derrida aparentemente não seja fazer um trabalho de tradução comentada, seu ato acaba por instigar o leitor a cotejá-las, conscientizando-o das inevitáveis diferenças entre uma tradução e outra, mostrando a impossibilidade de a língua ser única e a possibilidade de dizer a mesma coisa (que também é outra) de diferentes maneiras na mesma língua.

Uma nota em *De l'esprit* pode ajudar a comprovar essa hipótese: são elencadas duas traduções utilizadas pelo mesmo tradutor para “*Die Sprache west als dieser Zuspruch*” (1. *La parole se déploie en tant que cette parole adressée*. 2. *La parole se déploie en tant que cette adresse*) (1987b, p.153)

quais cada letra, sabemos disso, cada branco também, a respiração e as cesuras desafiam a tradução mas, no mesmo gesto, a pedem e provocam. ... O leitor terá aqui à disposição o texto original e as traduções publicadas. A justaposição às vezes de várias traduções não está aqui para fins de concorrência. Ela me parece servir a uma leitura mais aguda do original e ao acesso às verdadeiras dificuldades.”

(“1. A fala se desenrola como fala dirigida. 2. A fala se desenrola como endereço”) (1990a, p.119). A conclusão de Derrida a respeito das opções do tradutor reitera as diferenças entre as línguas e na própria língua: “*Les deux traductions sont justes même si elles sont vouées à être incomplètes et à tenter, en vain, de se compléter*” (1987b, p.154) (“As duas traduções estão corretas, mesmo que estejam votadas a ser incompletas e a tentar, em vão, se completar”) (1990a, p.119).

Nosso intuito ao tratar desses casos é mostrar que a preocupação com a tradução é constante no texto derridiano, a ponto de determinar a constituição desse texto. Não se trata de um comentário marginal (externo), mas de um elemento primordial para a lógica textual.

Observamos algumas situações principais em que Derrida utiliza as operações de tradução por meio do enxerto: a inserção da outra língua sem tradução; a inserção da outra língua entre parênteses, depois da tradução; a inserção de “recados” para o tradutor e a inserção de mais de uma tradução para o mesmo texto. Embora alguns dos casos tratados até agora já digam respeito à leitura do texto literário traduzido, veremos a seguir determinadas características que especificam a relação de Derrida com o literário, primordiais para as análises de *Le facteur de la vérité* e de *Survivre*, realizadas no último capítulo.



II.4. A especificidade do texto literário

A questão da literatura é indissociável da questão da língua e de suas instituições (cf. Derrida, 2002c). Tradicionalmente, essa indissociabilidade é um dos fatores que alimenta a crença de que o texto literário contém, em sua origem, algo de intraduzível. Em *A taste for the secret*, Derrida afirma que geralmente a filosofia é vista como traduzível, que o filosófico pode ser traduzido sem perdas, contrariamente ao que ocorre com o literário. Segundo Derrida,

*Yes, things do **appear** to look that way. But if it were really the case, then we would be dealing with two different fields, disciplines, texts or events, with philosophy on one side and literature on the other. Without mixing them up, and without reducing the one to the other, perhaps it may be said that **there is always**, in what we call 'philosophical', an adherence to natural language, a profound indissociability of certain philosophemes from the Greek, the German, the Latin, which is not the literary part of philosophy, but is instead something that philosophy shares with literature. And conversely, there is something translatable in literature, a promise of translation, and thus an aspect that is not extraneous to philosophy. (Derrida, 2001c, p.11)⁷¹*

⁷¹ “Sim, *parece* realmente que as coisas são dessa maneira. Mas se fosse realmente o caso, então estaríamos tratando de dois campos, disciplinas, textos ou eventos diferentes, com a filosofia de um lado e a literatura do outro. Sem misturá-las, e sem reduzir uma à outra, talvez se possa dizer que *sempre há*, no que chamamos de ‘filosófico’, uma aderência à língua natural, uma profunda indissociabilidade de certos filosofemas do grego, do alemão, do latim, que não é a parte literária da filosofia, mas sim algo que a filosofia compartilha com a literatura. E, por outro lado, há algo

A singularidade do idioma, entretanto, não é o único aspecto que determina a especificidade do literário, pois em textos ditos filosóficos, por exemplo, o idiomático também pode aparecer de forma contundente. Não cabe aqui nos determos a longas explanações sobre a dicotomia filosofia/literatura, mas levantar algumas características relacionadas ao papel da tradução para os dois campos. Reconhecemos, no entanto, que a hierarquização tradicional entre os dois campos é discutida e questionada por Derrida, bem como faz parte de estudos sobre a obra do filósofo.⁷² O fato de Derrida nos convidar a pensar de uma outra forma a literatura e a filosofia não implica, de forma alguma, a delimitação e a definição de cada uma, ao contrário: Derrida não tem, e nem pretende ter, a resposta definitiva para o que caracteriza o literário como tal; inclusive, questiona a existência de características delimitadoras. Contudo, podemos lembrar alguns aspectos importantes por ele abordados.

Partindo da leitura de *Devant la loi*, tradução de *das Gesetz*,⁷³ de Kafka, Derrida levanta alguns axiomas sobre as características convencionalmente atribuídas ao texto literário (como questões de autoria e direitos autorais) e afirma que “*il n’y a pas d’essence de la littérature, pas de domaine proprement littéraire et rigoureusement identifiable en tant que tel ...*”

traduzível na literatura, uma promessa de tradução e, assim, um aspecto que não é estranho à filosofia.”

⁷² Siscar, por exemplo, lembra que o tratamento que Derrida confere à oposição filosofia e literatura vai muito além da argumentação conflitante de Harbemas, resumida em: nivelamento das diferenças, coincidindo literatura e filosofia; reconhecimento da diferença e a escolha de um dos pólos, a literatura (cf. Siscar, 1998, p.56).

⁷³ Esse texto, traduzido como *Diante da lei*, faz parte do nono capítulo de *O processo*.

(Derrida, 1985, p.104) (“não há essência da literatura, domínio propriamente literário e rigorosamente identificável enquanto tal ...”).

Embora a literariedade não seja uma essência natural ou uma propriedade intrínseca do texto, segundo Derrida isso não quer dizer que ela seja uma característica meramente subjetiva “*in the sense of the empirical subjectivity or caprice of each reader*” (1992b, p.44) (“no sentido de subjetividade empírica ou capricho de cada leitor”).

Como afirma Nascimento,

O princípio de um texto literário pode se dar *a partir* de qualquer lugar. Quer dizer, apenas o fator seletivo intervém recolhendo no texto do outro os motivos e as técnicas que mais interessam ao procedimento em causa. Um poema se faz através desse ‘mosaico de citações’ — de acordo com a fórmula célebre de Kristeva, extraída de Bakhtin — em que ele próprio se transforma num pré-texto para outros textos. Daí o texto articular uma estrutura aberta, um todo não fechado em si próprio, oferecendo-se *em pedaços*. (Nascimento, 2001, p.87)

Em geral, consideram-se os contextos dos textos não literários um tanto determinados e delimitados, o que permite o desenvolvimento de um filtro regulador das interpretações, ao passo que os textos literários são considerados “livres”, criam o próprio contexto, o que dificultaria a estabilização de sentidos.

Segundo Derrida, o “*texte doit donc se déchiffrer à l’aide du code qu’il propose et qui appartient à sa propre écriture*” (1987a, p.147) (“o texto



deve, pois, ser decifrado com a ajuda do código que ele mesmo propõe e que pertence à sua própria escritura”) (2000b, p.191). Se o próprio texto deve estabelecer a lei de sua decifração, o ato de leitura do texto literário envolve, então, questões trazidas pela própria “instituição literária”, como questões de assinatura e contra-assinatura, que determinarão a legitimação do literário enquanto tal.

No texto literário, a questão da assinatura assume maior importância, pois supostamente garante a autoria e a originalidade do texto. Reconhece-se, nesse ponto, a problemática da tradução, pois o texto traduzido representa a contra-assinatura, mas só existe na diferença, como, aliás, acontece com todo texto. A tradução surge como resultado de uma leitura, na forma de um outro texto, aberto a novas contra-assinaturas. Conseqüentemente, embora o texto ganhe uma sobrevida com a tradução, ao mesmo tempo ela conduz à problematização da questão do idiomático, da originalidade e da autoria, pois é outro texto.

Como vimos, a leitura só pode acontecer na apropriação que se faz do texto do outro; é impossível haver um respeito total ao texto do outro, pois isso implicaria uma total não intervenção total, uma não leitura, ou uma não contra-assinatura. Como observa Bennington, o prefixo “contra-” marca “este valor contestatório que reside, a princípio, em toda leitura” (1996, p.119). A dependência gerada pela necessidade da contra-assinatura do outro faz com que haja um endividamento recíproco no ato de leitura, evidenciado na relação entre o texto de partida e o texto traduzido que, como um outro acontecimento textual,

estará aberto a novas contra-assinaturas, ou seja, também permitirá o acolhimento de outras leituras.

Derrida coloca essas questões de tradução em cena especialmente nos textos ditos literários e, nesse gesto, não só possibilita que a(s) língua(s) apareça(m), como também mostra o desconforto, a angústia gerados no embate com o texto da literatura. A singularidade do texto literário permite o questionamento de desde o próprio estatuto do texto (aquilo que faz com que seja classificado como literário) até as interpretações desencadeadas por esse texto. O texto que aparentemente representaria o “não sério” ou o “não referencial” acaba surgindo como o que mais demanda a responsabilidade da leitura do outro.

A idéia da tradução como intervenção no texto e produção de um texto que não seja a cópia do original tradicionalmente é vista como problemática, sobretudo quando se trata do texto literário. Em geral, considera-se esse tipo de texto intraduzível, em virtude da impossibilidade de haver os mesmos recursos estéticos na outra língua. Acredita-se que não é possível traduzir nada mais do que a temática do texto, o que leva a tradução a ser considerada, também tradicionalmente, como perda ou até traição do texto original.

Arrojo atribui a intraduzibilidade a um desejo do autor ou de uma comunidade interpretativa de manter o texto intacto. Para a autora, a questão da intraduzibilidade pode deixar de existir a partir do momento em que “consideremos a tradução como uma forma de transformação, como uma intervenção inevitável que não pode deixar intocado nenhum de seus participantes: nem o original, nem o tradutor, nem o autor, nem as línguas



envolvidas” (Arrojo, 1993, p.128). Afirma também que “a intraduzibilidade não é uma característica intrínseca de certos textos, mas a expressão de um desejo de manter o texto intocado” (1993, p.123). Com base em “teorias de leitura inspiradas na desconstrução” (1993, p.179), Arrojo analisa um conto de Guimarães Rosa, ilustrando o poder do autor e do narrador de seduzir o leitor, cabendo ao tradutor respeitá-lo, ser fiel ao significado do texto, protegendo-o. Sua conclusão:

Enquanto concordarmos em situar a ‘literariedade’ do romance na peculiaridade de sua linguagem e enquanto concordarmos em desempenhar o papel do seduzido visitante do narrador, também teremos que concordar que essa literariedade deve permanecer impenetrável, intraduzível para qualquer outra língua ou veículo. Em outras palavras, a intraduzibilidade de qualquer texto, mesmo de um texto como *Grande Sertão: Veredas*, não é uma característica intrínseca ao literário; é, na verdade, o que garante e protege os domínios daquilo que aceitamos cercar sob os rótulos de ‘literário’ ou ‘poético’. (Arrojo, 1993, p.203-4)

Por mais que a resistência à tradução do texto literário possa ser atribuída a “um desejo autoral de proteção contra a invasão e a interferência de uma leitura que possa forçar o ‘original’ a enfrentar a inevitabilidade da diferença (e da *différance*)” (Arrojo, 1993, p.178), não parece ser apenas isso que determina a intraduzibilidade de um texto. Podemos dizer que faz parte da constituição do texto ser intraduzível. É o *double bind* do qual ele não pode escapar, o que não significa que a tradução não acontece, muito pelo contrário, já que, como vimos

com Derrida, o mais intraduzível paradoxalmente é aquele que mais pede a tradução.

De acordo com Berman, embora muitas vezes a intraduzibilidade seja atribuída à diferença entre as línguas, a traduzibilidade continua sendo solicitada e as línguas continuam sendo traduzidas e, por isso, pode-se dizer que tanto a traduzibilidade como a intraduzibilidade são noções relativas. Enquanto a traduzibilidade diz respeito ao “destino próprio” de toda obra, a intraduzibilidade estaria relacionada à questão lingüística (impossibilidade da igualdade entre as línguas). Como afirma Berman, “o intraduzível, na realidade, não é isso ou aquilo, mas a totalidade da língua estrangeira em sua estranheza e sua diferença” (2002, p.109).

A questão da intraduzibilidade em Derrida passa por outros questionamentos. Como vimos, qualquer texto é caracterizado pelo *double bind*, pela necessidade e impossibilidade da tradução. O reconhecimento da multiplicidade de idiomas e a impossibilidade de uma língua ser única colocam uma dificuldade à tradução, em especial quando há uma palavra que pertence a mais de uma língua ao mesmo tempo ou quando a disseminação de sentidos é privilegiada.

Como afirma Derrida, “*dès lors qu’on renonce à cette équivalence économique, d’ailleurs strictement impossible, on peut tout traduire*” (1996b, p.102) (“desde que se renuncie a esta equivalência econômica, aliás estritamente impossível, pode traduzir-se tudo”) (2001b, p.88). E conclui: “*rien n’est intraduisible en un sens, mais en un autre sens tout est intraduisible,*



la traduction est un autre nom de l'impossible" (1996b, p.103) ("nada é intraduzível num sentido, mas *num outro sentido* tudo é intraduzível e a tradução é o outro nome do impossível") (2001b, p.88).

O aspecto não econômico está relacionado ao acréscimo de notas, comentários, enfim, ao enxerto, na tradução, de elementos não existentes no texto de partida. Geralmente espera-se que não haja esse tipo de intervenção no texto literário traduzido, ou seja, evita-se toda e qualquer manifestação de interferência no discurso interpretado. O enxerto torna possível a percepção do outro, mostrando que há uma tensão no texto e possibilitando o reconhecimento de que uma nova cadeia é formada a partir desse acréscimo vindo em suplemento (e que rompe com a cadeia anterior). Ao mostrar que o texto literário, como qualquer outro, pode ser citado, repetido, colocado em outro lugar, e, além disso, que está sujeito à intervenção, Derrida desestabiliza a noção de intraduzibilidade literária.

O já mencionado texto de Kafka torna possível o questionamento derridiano da lei da literatura, feito principalmente com base na tradução francesa (*Devant la loi*) de Alexandre Vialatte e Marthe Robert (cf. Derrida, 1985, p.100-1). Trata-se da história do homem do campo que pede para entrar na lei. O porteiro diz ser possível, mas não naquele momento e acrescenta que, depois dele, há outros mais poderosos guardando a lei. O homem do campo decide esperar e assim fica, até o fim de sua vida, entre observar o porteiro e resignar-se com o impedimento de entrar na lei. Por fim, pergunta ao porteiro por que apenas ele, em todos aqueles anos, tinha tentado entrar na lei,



que deveria ser uma aspiração de todos. O porteiro responde que a porta tinha sido feita para ele e que agora ela seria fechada e o porteiro iria embora.

Inicialmente, Derrida cita o texto completo em francês, sem nenhum tipo de enxerto (notas, acréscimos da língua alemã ou comentários), assumindo o que se espera dos textos literários traduzidos. Entretanto, ao fazer um recorte do mesmo texto de Kafka, no intuito de analisá-lo, Derrida acrescenta o alemão na citação do texto em francês, colocando em questão os dois primeiros axiomas sobre o literário, dos quatro por ele abordados: a unidade e a autoria do texto. Ao “fragmentar” o texto e inserir a língua do outro no texto em francês, Derrida possibilita um novo jogo relacional de elementos e, simultaneamente, “abala” a paternidade do texto que já não é mais parte de *Devant la loi* de Kafka, mas da leitura que Derrida faz dele. Nesse momento, os dois textos se transformam, o texto enxertado e o que recebe o enxerto, contaminando-se e gerando novas interpretações.

*L'homme de la campagne ne s'attendait pas à de telles difficultés; la loi ne doit-elle pas être accessible à tous et toujours, mais, comme il regarde maintenant plus précisément (**genauer**) le gardien dans son manteau de fourrure [**in seinem Pelzmantel**: l'ornement pileux d'artifice, celui de la ville et de la loi, qui va s'ajouter à la pilosité naturelle] avec son [grand] nez pointu [**seine grosse Spitznase**], la “taille” est omise dans la traduction française] sa barbe de Tartare longue, maigre et noire (**den langen, dünnen, schwarzen tatarischen Bart**), il en arrive à préférer attendre, attendre [littéralement: il se décide à préférer attendre, **entschliesst er sich, doch lieber zu warten, bis er die Erlaubnis zum Eintritt bekommt**] jusqu'à ce*

qu'on lui accorde la permission d'entrer. (Kafka, apud Derrida, 1985, p.113)⁷⁴

Os enxertos do texto original possibilitam o destaque de Derrida à descrição que o narrador faz do guarda, de seu grande nariz pontudo, relacionando-o (mesmo afirmando não haver conexão direta entre Freud e Kafka) com o papel do nariz proeminente, pontudo e com pêlos, símbolo da região genital, tratado nas discussões psicanalíticas (cf. Derrida, 1985, p.112). Para Derrida, a relação é clara: o homem do campo decide esperar do lado de fora porque se depara com o grande nariz pontudo com pêlos abundantes, para ele o *unheimlich* (estranho). A descrição que aparece como determinante para a interpretação da decisão é impedida pela omissão ocorrida na tradução. Vemos aqui a inserção de algo que vem complementar uma falta ocorrida no texto traduzido, lido por meio de uma operação de enxerto, por sua inscrição em um novo texto (de Derrida) e um novo contexto. O elemento vindo de fora, para Freud, o *Unheimlich*, o que não é da casa, aos poucos passa a ser visto não mais como o totalmente estranho/estrangeiro, chegando a se tornar familiar para o homem do campo (em um movimento semelhante ao ocorrido com Daru e seu hóspede, no conto de Camus).

⁷⁴ “O homem do campo não esperava tais dificuldades: a lei deve ser acessível a todos e a qualquer hora, pensa ele; agora, no entanto, ao examinar mais perto (*genauer*) o porteiro com seu casaco de pele [*in seinem Pelzmantel*: o ornamento piloso artificial, aquele da vila e da lei, que vai se acrescentar à pilosidade natural], o [grande] nariz pontudo [*seine grosse Spitznase*] o ‘tamanho’ é omitido na tradução francesa], a longa barba tártara, rala e preta (*den langen, dünnen, schwarzen tatarischen Bart*), ele decide que é melhor aguardar [literalmente: ele se decide por preferir aguardar, *entschliesst er sich, doch lieber zu warten, bis er die Erlaubnis zum Eintritt bekommt*]

O terceiro axioma “*il y a du récit dans ce texte intitulé **Devant la loi** et ce récit appartient à ce que nous appelons la littérature*” (Derrida, 1985, p.103) (“há um *récit* nesse texto intitulado *Diante da lei* e esse *récit* pertence ao que chamamos de literatura”)⁷⁵ leva à discussão principal, sobre a definição e a constituição do literário. O texto de Kafka é um *récit* que poderia ser tomado como exemplo de relato histórico, relato de fatos cotidianos, relato jurídico, enfim, de textos em princípio não pertencentes ao gênero literário. A questão derridiana é: quem decide, quem julga o que constitui o literário?

Uma das características que determinam a literariedade de um texto é o título, tópico do quarto axioma de Derrida. *Devant la loi* denominaria, idiomáticamente, o texto kafkaniano e poderia levar a pelo menos duas interpretações: diante da lei no sentido de comparecer ou ser levado à justiça, como parte de um processo (título do livro de Kafka), e diante da lei no sentido de localização, tanto do porteiro quanto do homem do campo. A lei também possibilita diferentes interpretações, podendo se referir à lei dos homens ou à lei de Deus, as quais Derrida relaciona com a lei dos judeus (da obediência e da obrigação de ser justo) (cf. 1985, p.107). Ao lado dessas interpretações, *Devant la loi* permite a Derrida colocar em cena a dualidade da lei: ao mesmo tempo em que existe para permitir, ela também proíbe. Assim, quando o homem do campo tenta entrar e depara-se com o porteiro, a lei aparece como algo intransponível. Diante

até receber a permissão de entrada.” (Tradução de Modesto Carone. Nos acréscimos de Derrida, tradução nossa).

⁷⁵ A tradução de *récit* será discutida a seguir.

do desconhecido, ele recua e espera por toda a sua vida, até que o porteiro passa a lhe ser familiar, quando finalmente descobre ser o único que poderia ter entrado.

O título de Derrida, *Préjugés Devant la loi*, de certa forma antecipa essas interpretações, pois o *préjugés* leva-nos a pensar em prejulgamentos, conjecturas, formação de opinião sem maiores conhecimentos sobre o assunto. O texto permite o questionamento do literário e também da lei imposta ao homem do campo. Diante da lei (representada pelo porteiro), ele presume a existência de uma regra impedindo sua entrada e só vem a ter conhecimento, muito mais tarde, de uma outra forma de interpretar a resposta do porteiro. Ele prejulga que jamais seria concedida a permissão, já dada por antecipação.

O texto, como a porta, está aberto a interpretações. Contudo, isso não garante a sua apropriação ou o seu domínio pelo homem do campo porque sua acessibilidade é concomitante à sua inacessibilidade. Como a lei, ele se guarda, resistindo ao outro. O texto pode ser lido, mas ao mesmo tempo supõe uma ilegibilidade, pois não se deixa decifrar totalmente, ou seja, há sempre a resistência, a restância.

Devant la loi é objeto de estudos não só literários, mas também jurídicos e psicanalíticos, o que corrobora o questionamento apresentado por Derrida, ou seja, não há uma delimitação preestabelecida que permita identificar o texto como conto, fábula, parábola, etc. Assim, a lei da literatura é abordada a partir da lei trazida pelo texto (literário) de Kafka:



Ici, das Gesetz, on ne sait pas ce que c'est, on ignore qui c'est. Et alors commence peut-être la littérature. Un texte philosophique, scientifique, historique, un texte de savoir ou d'information n'abandonnerait pas un nom à un non-savoir, du moins ne le ferait-il que par accident et non de façon essentielle et constitutive. (Derrida, 1985, p.124)⁷⁶

O fato de *Gesetz*, em alemão, se escrever com letra maiúscula, permite que Derrida relacione-o ao nome próprio, jogo impedido na língua francesa. O nome do texto (não traduzido) possibilita a relação do literário à questão do nome próprio e da assinatura, ou seja, permite o questionamento da essência do literário, de sua lei.

A lei de Kafka não é a única a ser relacionada à literatura. Em *La loi du genre* (1986b), Derrida questiona a constituição do literário a partir do *récit* de Maurice Blanchot. A tradução aparece novamente como a possibilidade de discutir o gênero por meio dos comentários derridianos sobre a dificuldade de traduzir *récit* e, conseqüentemente, como a dificuldade de determinar o próprio estatuto do *récit*, questão mencionada rapidamente em *Devant la loi* e retomada em *Survivre* (1986a).

De acordo com *Le Petit Robert*, *récit* pode ser definido como um relato oral ou escrito de fatos verdadeiros ou imaginários. Podemos dizer que *récit* engloba tanto a narração como relato (exposição, história, resenha) quanto a

⁷⁶ “Aqui, *das Gesetz*, não se sabe o que é, ignora-se quem é. E então talvez comece a literatura. Um texto filosófico, científico, histórico, um texto de saber ou de informação não abandonaria um nome a um não-saber, ao menos só o faria acidentalmente e não de forma essencial e constitutiva.”

narração como narrativa (conto, novela, romance, fábula, mito). O fato de o título do texto de Blanchot, *La folie du jour*, vir seguido pela expressão *un récit*? dá margem ao questionamento de Derrida sobre o estatuto do *récit* a partir do próprio *récit* (de Blanchot). A supressão da interrogação (*un récit*) nas publicações seguintes possibilita a argumentação derridiana da não existência de gêneros definidos de antemão e da inevitável contaminação entre os gêneros. O ponto de interrogação é o recurso gráfico determinante para a argumentação derridiana. De acordo com o filósofo,

Tout texte participe d'un ou de plusieurs genres, il n'y a pas de texte sans genre, il y a toujours du genre et des genres mais cette participation n'est jamais une appartenance. (1986b, p.264)⁷⁷

O questionamento levantando por Blanchot sobre o estatuto de seu próprio texto confirmaria que o texto não pertence intrinsecamente a um único gênero.

A lei do gênero tratada no texto derridiano também se refere ao jogo entre o masculino e o feminino, com base em *le jour* (o dia), (de *La folie du jour*), e *la loi* (a lei), entrelaçando os conceitos trazidos pelo texto de Blanchot. Derrida lembra que esse jogo é possível graças ao idiomático da língua francesa

⁷⁷ “Todo texto *participa* de um ou de vários gêneros, não há texto sem gênero, sempre há gênero ou gêneros, mas essa participação nunca é uma pertença.”

porque no alemão, por exemplo, a lei pertence ao gênero neutro (cf. Derrida, 1986b, p.286-7).

Verificamos, assim, que pelo menos duas questões tradutórias possibilitam a abordagem de Derrida sobre a lei do gênero literário: a maiúscula do texto de Kafka e o *récit* de Blanchot. A lei surge na forma do *récit* como um performativo usado por Derrida para mostrar o funcionamento da literatura, a qual depende da lei do texto, de sua singularidade e iterabilidade. É a lei de um texto que faz parte do gênero em que se pode dizer tudo sem censura ou, paradoxalmente, sem lei. Este é o maior segredo da literatura: dizer tudo (e ainda restar o segredo do texto).

Já podemos observar a semelhança entre o tratamento da tradução dos textos literários e dos textos filosóficos em Derrida. Uma justificativa de tal postura vem de seu pensamento sobre a letra do texto, pois o que interessa é o texto como escritura, sua estrutura de iteração e sua possibilidade de ser repetido (na diferença), características tanto do texto literário como do filosófico. Entretanto, a escritura literária apresenta algumas especificidades que se vinculam ao “amor” de Derrida, um fascínio por aquilo que o texto literário pode despertar:

C'est parce que la littérature peut tout le temps jouer économiquement, elliptiquement, ironiquement, de ces marques et non-marques, et donc de l'exemplarité de tout ce qu'elle dit ou fait, que sa lecture est à la fois une interprétation sans fin, une jouissance et une

frustration sans mesure: elle peut toujours vouloir dire, enseigner, donner plus qu'elle ne fait, autre chose, en tout cas. (Derrida, 1993c, p.90)⁷⁸

Como uma instituição que pode dizer tudo de todo jeito, a literatura nos dá a oportunidade de pensar a possibilidade do impossível, de pensar uma outra relação entre a possibilidade da tradução e a impossibilidade de deixar o texto intacto.

*La littérature garde un secret qui n'existe pas, en quelque sorte. Derrière un roman ou un poème, derrière ce qui est en effet la richesse d'un sens à interpréter, il n'y a pas de sens secret à chercher. Le secret d'un personnage, par exemple, n'existe pas, il n'a aucune épaisseur en dehors du phénomène littéraire. Tout est secret dans la littérature et il n'y a pas de secret caché derrière elle, voilà le secret de cette étrange institution au sujet de laquelle et dans laquelle je ne cesse de (me) débattre — plus précisément et plus récemment dans des essais comme *Passions* ou *Donner la mort*, mais aussi bien, déjà, dans ce qui est de part en part une fiction, *La Carte postale*. (Derrida, 2001f)⁷⁹*

⁷⁸ “É porque a literatura pode jogar o tempo todo econômica, elíptica e ironicamente com essas marcas e não-marcas, e portanto com a exemplaridade de tudo aquilo que ela diz ou faz, que sua leitura é ao mesmo tempo uma interpretação sem fim, uma fruição e uma frustração sem medida: ela pode sempre querer dizer, ensinar, dar mais do que o faz ou, em todo caso, outra coisa” (1995c, p.62).

⁷⁹ “A literatura guarda um segredo que não existe, de certa maneira. Atrás de um romance ou um poema, atrás disso que é, realmente, a riqueza de um sentido a interpretar, não há sentido secreto a procurar. O segredo de um personagem, por exemplo, não existe, não há nenhuma consistência fora do fenômeno literário. Tudo é segredo na literatura e não há segredo escondido atrás dela, eis o segredo dessa estranha instituição a respeito da qual e na qual eu não deixo de (me) debater

Se, por um lado, a possibilidade de dizer tudo permite uma interpretação sem fim, por outro, acaba levando a uma responsabilidade ainda maior daquele que contra-assina o texto literário, no caso do tradutor, deixando outro texto aberto para novas contra-assinaturas. A literatura, portanto, surge como um discurso que nos ajuda a pensar o advento do outro, aberto ao outro em um gesto de doação.

De acordo com Nascimento, a abordagem do texto literário por Derrida abre espaço para uma *literatura pensante*. Embora essa categoria não esteja desenvolvida com esse nome em nenhum texto derridiano, Nascimento a utiliza para colocar a possibilidade de haver pensamentos tão ou mais pensantes do que a filosofia⁸⁰ (Nascimento, 2001, p.275).

Ao argumento de Nascimento, podemos acrescentar a afirmação de Bennington, que vê a literatura como “uma escritura aparentemente absorvida completamente por si própria, [que] pode, entretanto, abrir-se melhor à singularidade da coisa e à vinda do outro do que todas as escrituras aparentemente mais sérias e referenciais” (1996, p.132).

Os textos ditos literários, tradicionalmente considerados mais atentos à assinatura, mostram-se como um dos textos que mais convidam à leitura

— mais precisamente e mais recentemente em ensaios como *Passions* ou *Donner la mort*, mas também já naquilo que era, do começo ao fim, uma ficção, *La Carte postale*.”

⁸⁰ A constatação de Nascimento só vem corroborar o que Derrida mostra em sua obra, contrariando a argumentação de Eagleton de que “a literatura, para os desconstrucionistas, testemunha a impossibilidade de que a linguagem venha a fazer algo mais do que falar sobre o seu próprio fracasso, como os bêbedos tediosos” (Eagleton, 2001, p.201).



e à tradução. Conseqüentemente, por estarem abertos à intervenção do outro, também possibilitam que se coloquem em cena atos de hospitalidade.

É possível reconhecermos o entrelaçamento da lei da tradução e da lei da literatura no texto de Derrida, já que, como veremos a seguir, a tradução muitas vezes é responsável pela leitura derridiana do texto dito literário e pelo desenvolvimento de reflexões filosóficas decorrentes dessa leitura.



Capítulo III: Tradução, texto literário e desconstrução

Neste capítulo, partimos da leitura de Derrida de *La lettre volée*, tradução francesa de Charles Baudelaire do conto *The purloined letter*, de Edgar Allan Poe. Essa tradução foi feita em 1856 e, desde então, vem sendo considerada um exemplo de acontecimento textual. Desse modo, mesmo que outras traduções de Poe tenham sido publicadas na França, a importância de Baudelaire como divulgador da obra de Poe e a importância de sua tradução como desencadeadora de leituras e discussões são inegáveis. Além do texto *Le facteur de la vérité*, de Jacques Derrida, *La lettre volée* foi o ponto de partida para *Le Séminaire sur La lettre volée* (Seminário sobre A carta roubada), de Jacques Lacan (1966). Em *Positions*, Derrida dedica uma longa nota à explicação de sua relação com os *Écrits*, de Lacan, e anuncia que desenvolverá uma análise sobre *Le Séminaire sur La lettre volée* e sobre o texto de Poe (cf. 1972b, p.112-9), projeto levado a cabo em *Le facteur de la vérité* (1975a). Por sua vez, os textos de Derrida e Lacan foram responsáveis pelo desenvolvimento de várias outras leituras, muitas delas evocando a querela entre os dois pensadores e o papel da psicanálise (cf., por exemplo, Johnson, Forrester e Willermart). Além disso, o próprio Derrida retoma algumas questões discutidas em *Le facteur de la vérité* em alguns textos posteriores, como em *Passions* (cf. 1993c, p.74).

Neste capítulo, *Le facteur de la vérité* é o ponto de partida para analisarmos o uso e a função das operações de tradução, essenciais para o



desenvolvimento da argumentação de Derrida em relação à leitura lacaniana da tradução de Baudelaire e em relação a sua própria leitura dessa tradução.

Ainda com o intuito de comprovar, de uma outra maneira, a importância das operações de tradução para o pensamento derridiano, analisamos *Survivre*, resultado de uma leitura em que Derrida relaciona *The triumph of life*, de Shelley e *L'arrêt de mort*, de Blanchot. Esse é um dos textos derridianos no qual a problemática da(s) língua(s) e da tradução é mais manifesta, como podemos confirmar com as afirmações de Chamberlain, para quem *Survivre* versa “sobre os problemas de tradução de seus próprios termos ambíguos, assim como os de Shelley e Blanchot” (1998, p.49) e com as afirmações de Johnson, que destaca o fato de Derrida escrever para o tradutor sobre as dificuldades de tradução (cf. 1998, p.31).

Survivre nos fornece a oportunidade de abordar a questão da indissociabilidade entre a teoria e a prática da tradução. No texto desenvolvido na borda, Derrida insere notas dele mesmo como tradutor e apresenta questionamentos e sugestões aos tradutores. Ao mesmo tempo, no texto desenvolvido na parte superior, joga com os textos nas duas línguas (francês e inglês) e coloca em cena aspectos discutidos na borda.

III.1. Algumas questões de literatura em *Le facteur de la vérité*

Le facteur de la vérité mostra-se ideal para analisarmos o uso das operações tradutórias porque nele a tradução atua como principal responsável



pela argumentação, ou seja, há o desencadeamento de determinados efeitos interpretativos com base em uma leitura do texto traduzido. Dessa forma, Derrida subverte a distinção entre essencial e não essencial, mostrando que algo geralmente tratado como marginal, a tradução, pode ser central.

O texto apresenta um movimento bastante peculiar, com longas citações, ora no corpo do texto, ora recuadas, ora aspeadas, ora entre parênteses, ora com referências à página da publicação original, ora sem referência alguma, além de muitas notas, a maioria bastante extensa. Cada inscrição corrobora a afirmação “*un texte se trouve dans l'autre*” (Derrida, 1975a, p.99) (“um texto encontra-se em outro”). Não há uma origem determinada, há sempre rastros de um texto em outro, em uma estrutura de restância sem começo nem fim delimitados. Em *Le facteur de la vérité*, as citações inseridas no texto derridiano revelam esse entrelaçamento de textos e, ao mesmo tempo, encenam a presença da letra do texto do outro. É uma maneira de Derrida abrir espaço para o outro em seu texto, o que significa também deixar a língua do outro tomar o lugar da sua, de certa forma desfazendo a hierarquia entre a língua materna e a língua estrangeira.

A leitura derridiana também possibilita o questionamento do estatuto do texto literário, tomado como “testemunho” de uma verdade, inicialmente por Freud, em sua leitura do conto de Hans Andersen (*Les habits neufs de l'empereur/A roupa nova do imperador*) e, em seguida por seus herdeiros, Jacques Lacan e Marie Bonaparte, nas leituras do conto *The purloined letter (La lettre volée/A carta roubada)*, de Edgar Allan Poe. No texto de Derrida, podem ser encontrados rastros dos textos de Andersen, Poe, Freud, Lacan,

Bonaparte, além, é claro, dos de Baudelaire, tradutor de Poe, responsável pela tradução causadora de toda a polêmica. Não se pode estabelecer claramente qual texto desencadeou ou foi desencadeado pelos outros: não se sabe se Derrida leu primeiro Lacan e depois Bonaparte, se leu antes Baudelaire e depois o original de Poe, assim como não se pode determinar se Lacan leu primeiro Poe e Baudelaire e depois Bonaparte ou ainda se leu Bonaparte e depois Baudelaire e Poe.

É formada uma rede textual que impede a determinação da derivação, mostrando a existência de relações de complementaridade entre os diferentes textos. Assim, um discurso é inserido em outro e essa inserção provoca uma intervenção no discurso interpretado. Como afirma Kofman,

Os textos são enxertados uns nos outros, se fazem eco, sem que seja possível encontrar um primeiro texto, um primeiro germe que portaria em potencial todos os outros. Relação em espelho, em abismo, sem fundo.
(Kofman, 1984, p.32, tradução nossa)

A lógica do enxerto estaria, portanto, relacionada com o movimento que rompe o dentro e o fora de um contexto, engendrando novos contextos, sem fim nem começo absolutos.

Desde o título, *Le facteur de la vérité*, Derrida coloca em questão a verdade da/na ficção desenvolvida por todo o texto. O título, como nome próprio do texto, nos alerta para a singularidade do que será tratado, levando-nos a pensar nas possíveis interpretações do *facteur* (fator, carteiro,

mandatário, intermediário, multiplicador, construtor) e da verdade, convidando-nos a uma leitura.

O primeiro a ter voz no texto derridiano é Baudelaire, com a epígrafe que trata da verdade na ficção:

Ils le remercient pour les grandes vérités qu'il vient de proclamer, — car ils ont découvert ... que tout ce qu'il a énoncé est absolument vrai; — bien que d'abord, avouent ces braves gens, ils avaient eu le soupçon que ce pouvait bien être une simple fiction. Poe répond que, pour son compte, il n'en a jamais douté. (Baudelaire, apud Derrida, 1975a, p.98)⁸¹

A questão principal para Derrida será o uso da ficção na interpretação da cena psicanalítica, seja no caso de Freud, seja no caso de Bonaparte, mas de forma especial no caso de Lacan. Está em discussão o fato de “colocar a verdade em cena”. Por um lado, essa verdade pode ser entendida como “um movimento de *aletheia*”, uma vez que o texto é considerado uma representação, a ilustração daquilo que Freud e Lacan mostram em seus textos (respectivamente, a explicação analítica do sonho e a explicação sobre o papel de cada personagem no triângulo lacaniano do conto *A carta roubada*). Por outro lado, Derrida mostra que a verdade também pode ser entendida como *homoiosis* ou adequação se considerarmos a relação entre o texto de ficção literária e o texto

⁸¹ “Eles lhe agradecem pelas grandes verdades que ele acaba de proclamar, — pois descobriram ... que tudo o que ele enunciou é absolutamente verdadeiro; — ainda que, em primeiro lugar, reconheçam esses bravos homens, tenham tido a suspeita de que podia ser uma simples ficção. Poe responde que, de sua parte, nunca duvidou disso.”



científico psicanalítico. Tanto na abordagem do conto de Andersen (por Freud) quanto na abordagem do conto traduzido de Poe (por Lacan), poder-se-ia observar uma correspondência com a idéia da castração: no primeiro caso, mostrada por meio da vergonha de estar nu e, no segundo, pela falta da carta (atributo fálico) e pelo lugar onde ela é encontrada (simbolicamente, o lugar do falo). Derrida acredita que a importância do falo, mais especificamente, da “falta de um atributo fálico”, será o ponto principal da leitura dos dois contos.

A psicanálise parece surgir como algo que pode interpretar o texto e desvendar o que o texto não vê, o que está escondido, velado, precisando ser descoberto ou desnudado. Derrida constata que não é dada a devida atenção ao texto, nem por Freud, nem por Lacan, pois, em ambos, o conteúdo semântico é privilegiado em detrimento da escritura literária. Em outras palavras, não se questiona o estatuto do literário ou as características que instituem a literariedade de um texto.

De acordo com Derrida, “*une psychanalyse de la littérature respectueuse de l’originalité du signifiant littéraire n’as pas encore commencé*” (“uma psicanálise da literatura respeitadora da *originalidade do signifiante literário* ainda não foi iniciada”), ou seja, a leitura psicanalítica do texto literário está voltada para a “*analyse des signifiés littéraires, c’est-à-dire, non-littéraires*” (1967b, p.340) (“análise dos *significados literários*, isto é, *não-literários*”) (1971, p.227).



Derrida afirma que *Le Séminaire sur La lettre volée* apresenta um

Parcours admirable, je le dis sans convention, mais qui me paraît, pour être pressé d'y trouver l' 'illustration' d'une 'vérité' (p.12), méconnaître la carte, le fonctionnement ou le fictionnement du texte de Poe, de celui-ci et de son enchaînement à d'autres, disons la carrure d'une scène d'écriture qui s'y joue (1972b, p.118)⁸²

A esse respeito, Kofman acrescenta ainda:

a psicanálise interrompe (*arrête*) o jogo, quando faz a análise de um texto literário, ela respeita mais o 'significado' do que o 'significante', é cega a 'uma certa estrutura da cena textual'. Para Derrida, trata-se, nesse ponto, ao mesmo tempo de abrir a questão da escritura filosófica ou literária à psicanálise, rompendo um campo relativamente fechado, mas também de abrir a psicanálise à questão da escritura. (Kofman, 1984, p.90, tradução nossa)

Tratando o texto unicamente como testemunho de uma verdade a ser descoberta, Freud e Lacan ignoram questões caras a Derrida, que envolvem “*la texture du texte, la lecture et l'écriture, la maîtrise et le jeu*” (1992d, p.259) (“a textura do texto, a leitura e a escritura, a mestria e o jogo”) (1991d, p.9).

⁸² “Percurso admirável, digo-o sem convenções, mas que me parece, por ter a preocupação de aí encontrar a ‘ilustração’ de uma ‘verdade’ (p.12), desconhecer o *mapa*, o funcionamento ou ficcionamento do texto de Poe, deste e do seu encadeamento com outros, digamos o *aspecto* de uma cena de escrita que aí se coloca em jogo” (1975b, p.110).



Interessa, para Derrida, o jogo da escritura do texto literário, que não coincide integralmente com a idéia de significante (nos termos de Saussure), mas se caracteriza pela repetição na alteridade, pela ausência (do autor e do destinatário), pelo risco do desvio, entendido aqui como a possibilidade de não chegar, destacada por Derrida em sua leitura de *La lettre volée*.

Um dos argumentos apontados por Derrida da não consideração da singularidade do texto literário é o fato de a interpretação lacaniana apresentada em *Le Séminaire sur La lettre volée* deixar de fora o narrador. Lacan precisa deixá-lo de fora para que seja possível sua análise das três cenas com três personagens (rainha, ministro e Dupin) (cf. Lacan, 1966). Assim, ele tem a cena do roubo da carta da rainha pelo ministro, a cena da busca da carta pela polícia e a cena da recuperação da carta por Dupin. Três olhares merecem destaque: o olhar que não vê (o rei, a polícia); o olhar que vê o que o primeiro não vê e se engana ao ver coberto o que ele esconde (a rainha, o ministro) e o olhar que vê e toma para si o que deveria estar escondido (o ministro, Dupin) (cf. Lacan, 1966, p.24). Interessa, para Lacan, a idéia freudiana do automatismo de repetição (por isso o enfoque na repetição das cenas e na repetição do papel dos personagens). Dessa forma, a história em si torna-se muito mais importante do que os aspectos que caracterizariam o texto como literário. Nesse sentido, o fundamental para Lacan seria o sentido “comunicável” da tradução, que Benjamin afirma ser o “inessencial”, o “indício da má tradução” (cf. 1992, p.V).

Ao deixar de fora o narrador, fica impossibilitada a intertextualidade de *La lettre volée* com pelo menos os dois contos de Poe que



formam a trilogia de Baudelaire, *The mystery of Marie Roget* (*Mystère de Marie Rogêt/O mistério de Marie Rogêt*) e *The murders in the rue Morgue* (*Double assassinat dans la rue Morgue/Os crimes da rua Morgue*)⁸³. Além disso, ao ignorar o narrador, Lacan compromete sua própria analogia entre o papel do analista e o papel de Dupin, uma vez que o narrador é quem apresenta as características de Dupin que possibilitarão tal analogia. Ele não só o ignora, mas também afirma que o narrador não acrescenta nada “*par hypothèse*” (cf. Lacan, 1966, p.29). Como veremos, o narrador desprezado por Lacan tem um papel primordial em *Le facteur de la vérité*, pois é por meio de suas narrações que se forma a rede textual analisada por Derrida.

III.2. “A roupa nova do imperador” e a leitura derridiana de Freud

Como multiplicador da verdade, *Die Traumdeutung* é o pré-texto que fornece o pretexto para o estabelecimento do lugar da literatura na análise psicanalítica em *Le facteur de la vérité*. O uso dos enxertos do texto freudiano no texto derridiano, em especial de termos em alemão, mostram a atenção de Derrida à singularidade do texto de Freud e à sua letra: a letra do texto fornece aquilo que Derrida precisa para desenvolver sua argumentação.

A tradução do termo *Einkleidung* conduz a um dos primeiros questionamentos derridianos sobre o texto literário: a tradução para o termo

⁸³ *Os crimes da rua Morgue* também foi traduzido, para o português, por *Os assassinatos da rua Morgue*. Assumimos aqui a tradução que nos pareceu mais prestigiada.



francês *fable*⁸⁴, que “reduz a dobra (*pli*) metafórica” (cf. Derrida, 1975a, p.98). Derrida não acolhe bem o termo em francês e acaba assumindo o termo em alemão, mesmo sabendo da impossibilidade de evitar a palavra em francês. Novamente, o uso da língua estrangeira, uma das marcas idiomáticas de Derrida, permite a realização de um movimento entre as línguas, estabelecendo um vínculo e um estranhamento e possibilitando o questionamento do estatuto do *Einkleidung*: a narrativa (*récit*), o conto (*Märchen*) de Andersen.

A interpretação de Freud de que o conto “ilustra” a verdade que aparentemente só ele é capaz de “desnudar” é colocada em questão por Derrida:

Qu'énonce-t-il d'abord? Que le récit littéraire est une élaboration secondaire et, à ce titre, une Einkleidung, c'est son mot, un vêtement formel, un revêtement, le travestissement d'un rêve typique, de son contenu originaire et enfantin. Le conte dissimule ou déguise la nudité du Stoff. Comme tous les récits, comme toutes les élaborations secondaires, il voile une nudité. (Derrida, 1975a, p.99)⁸⁵

A psicanálise surge, então, como algo capaz de interpretar o texto e desvendar o que o texto não vê, o que está escondido, velado, precisando ser descoberto ou desnudado.

⁸⁴ Derrida trata da *fable* no texto *Inventions de l'autre*, publicado em *Psyché* (Derrida, 1987a).

⁸⁵ “O que ele enuncia em primeiro lugar? Que a narrativa literária (*récit*) é uma elaboração secundária e, a esse título, uma *Einkleidung*, é sua palavra, uma vestimenta formal, um revestimento, um travestimento de um sonho típico, de seu conteúdo originário e infantil. O conto dissimula ou disfarça a nudez do *Stoff*. Como todas as narrativas (*récits*), como todas as elaborações secundárias, ele vela uma nudez.”

A conservação do termo em alemão, seja ou não entre parênteses, é a operação de tradução predominante em Derrida ao ler a leitura freudiana de *A roupa nova do imperador*. Uma das passagens em que isso ocorre torna possível justificar a argumentação derridiana sobre o uso que Freud e seus seguidores fazem da literatura. Derrida explica que vai abordar um curto capítulo de Freud a respeito de certos sonhos de vergonha (*Sham*) ou de confusão (*Verlegenheitsstraum*), sonhos relacionados à nudez (*Nacktheit*):

Le typique d'un tel rêve, c'est justement cette 'contradiction'. Pour la décrire, pour l'expliquer aussi, Freud a besoin d'un exemple, d'une illustration littéraire, de ce qu'il appelle un 'intéressant témoignage' dont il se trouve que nous 'disposons' (Wirbesitzen eis interessantes Zeugnis dafür). (Derrida, 1975a, p.98)⁸⁶

A língua do outro surge como uma informação adicional que se torna indispensável por se fazer necessária para a interpretação de Derrida do texto freudiano em francês. Dessa maneira, os parênteses são usados não para acrescentar algo dispensável ao texto, mas como são usados em operações matemáticas: para reunir os participantes de uma operação que, juntos, compõem uma estranha unidade. Não se trata de um complemento de algo faltante, pois existe a tradução para o francês; no entanto, há uma necessidade de acréscimo.

⁸⁶ "O típico de um tal sonho, é justamente essa 'contradição'. Para descrevê-la, assim como para explicá-la, Freud precisa de um exemplo, de uma ilustração literária, disso que ele chama de um 'interessante testemunho', do qual parecemos 'dispor' (*Wirbesitzen eis interessantes Zeugnis dafür*)."

De qualquer forma, a língua francesa não parece ser suficiente para o desenvolvimento da argumentação derridiana ou não apresenta as nuances lidas por Derrida no texto freudiano em alemão. Nesse sentido, a necessidade derridiana de objetividade terminológica, numa preocupação em abrir espaço para a letra freudiana, tanto pode ser uma maneira de reconhecer uma falta em sua língua “materna”, como uma forma de Derrida mostrar-se prudente com a tradução da obra freudiana. Assim, não assume as traduções reconhecidas (como faz usualmente), já que, na França, as traduções de Freud se caracterizam por inúmeras controvérsias.⁸⁷

O capítulo a que Derrida faz referência em sua leitura de Freud é *O material e a fonte dos sonhos*, na subparte *Sonhos embaraçosos de estar despido* (Freud, 1987, p.257), em que se usa como exemplo ou testemunho *A roupa nova do imperador*:

Le conte d'Andersen nous relate l'histoire de deux imposteurs qui tissent pour l'empereur un vêtement précieux, qui toutefois ne doit être visible qu'aux bons et loyaux sujets. L'empereur sort vêtu de cet habit invisible et tous, effrayés par la force de ce tissu qui les met à l'épreuve, font comme s'ils ne remarquaient pas la nudité de l'empereur. ...

L'imposteur est le rêve, l'empereur est le rêveur lui-même, et la tendance moralisatrice ... trahit une obscure notion qu'il s'agit, dans le

⁸⁷ Esse tema foi abordado em nossa dissertação de Mestrado, mais especificamente em “Características da tradução freudiana: a *Standard Edition* e as versões francesas” (cf. Lima, 1996, p.41-52).



contenu latent du rêve, de désirs illicites, sacrifiés au refoulement. (Freud, apud Derrida, 1975a, p.98-9)⁸⁸

Derrida observa que Freud acrescenta uma nota: *“Mais l’enfant apparaît aussi dans le conte, puisqu’un petit enfant y crie soudain: ‘Mais il n’a vraiment rien sur lui’”* (Derrida, 1975a, p.99) (“Uma criança desempenha também seu papel no conto de fadas, pois uma delas exclama subitamente: ‘Mas ele não está usando nada!’”) (Freud, 1987, p.259). Basicamente, são esses os extratos usados por Derrida como fundamento para a seguinte constatação: *“Freud ne prête aucune attention à un pli du texte, à une complication structurale qui enveloppe son discours”* (Derrida, 1975a, p.99) (“Freud não presta atenção alguma a uma dobra (*pli*) do texto, a uma complicação estrutural que envolve seu discurso”).

A síntese do conto apresentada por Freud não deixa ver sua riqueza, os detalhes a respeito da personalidade do rei e de seus súditos, nem o enfoque na pureza da criança que confessa a nudez do rei, remetendo-nos ao comentário de Derrida sobre não se considerar a singularidade do texto literário. Há uma apropriação que guarda alguma analogia com a apropriação de Poe (ou, mais especificamente, do Poe de Baudelaire) por Lacan.

⁸⁸ “O conto de Hans Andersen relata-nos como dois impostores tecem para o imperador um traje dispendioso que, segundo eles, só seria visível para as pessoas virtuosas e leais. O imperador sai com essa vestimenta invisível, e todos os espectadores, intimidados pelo poder do tecido de atuar como pedra de toque, fingem não notar a nudez do imperador. ... O impostor é o sonho e o imperador é o próprio sonhador; o propósito moralizador ... revela um conhecimento obscuro do fato de que o conteúdo onírico latente diz respeito a desejos proibidos que foram vítimas de recalque” (Freud, 1987, p.258-259).



No conto, o rei, detentor do poder (*Stücke*), depende dos outros para assegurar suas qualidades (inclusive sua sabedoria), isto é, o anfitrião acaba subordinado ao estrangeiro, dando-lhe não apenas lugar, mas também poder (dinheiro). Com vergonha (*Scham*) de parecer incapaz, veste uma roupa não existente, permanecendo desvestido (*Entkleidung, Unbekleidung*). O menino, como uma criança que ainda tem muito a aprender, aparece como a voz do saber, como quem sabe mais do que os outros. Assim, um elemento marginal, secundário (parte da multidão que olha o rei) rompe a hierarquia e passa a ter um papel principal.

Derrida monta uma rede “estrangeira” no texto em francês, enxertando termos alemães em pontos específicos do texto freudiano citado e provocando um determinado efeito interpretativo. Ao falar, por exemplo, do desnudamento do *Stoff*, a palavra em alemão aparece para esconder ainda mais o que deve ser desnudado, o material dos sonhos. A presença da outra língua reforça a sensação de confusão e insegurança provocada pela nudez. O uso do francês seguido do enxerto do alemão entre parênteses e o uso do alemão, sem tradução para o francês, podem ser considerados uma maneira de desvendar a interpretação do sonho por Freud, por meio do conto de Andersen, com a utilização de palavras-chave deixadas na outra língua, escondendo o que Freud quer mostrar.

O alemão é como o estranho no texto, o hóspede convidado, mas que não deixa de causar um estranhamento, mesmo que às vezes seja utilizado um recurso como os parênteses, como para encobrir sua presença ou,



em todo caso, colocar o hóspede no lugar do hóspede. A hospitalidade característica do acolhimento da outra língua revela o *double bind* da tradução, a necessidade e a impossibilidade de traduzir, a aceitação do outro no texto caracterizada também por uma resistência. O enxerto dos termos na língua de Freud representa o acolhimento do hóspede pelo texto em francês e o desencadeamento de novos jogos de sentido, ao mesmo tempo em que mostra a tensão entre as línguas.

A tradução aparece como suplementaridade, como o excesso necessário, pois acrescenta, “*au défaut d’une unité pleine, une autre unité qui vient la suppléer, étant à la fois assez la même et assez autre pour remplacer en ajoutant*” (1992d, p.384) (“na falta de uma unidade plena, uma outra unidade que vem supri-la, sendo ao mesmo tempo a mesma o bastante e outra o bastante para substituir acrescentando”) (Derrida, 1991d, p.122). A substituição de um texto por outro, como vimos, só pode se dar por meio da diferença, da transformação de um texto em outro.

O jogo de sentido depende da presença da outra língua para se estabelecer. Como o sonho velado/desvelado, a língua também faz um jogo: o que Derrida mostra na língua do outro (o alemão) permanece oculto na sua língua (para o leitor francês). Ao mesmo tempo em que provoca um estranhamento, alertando o leitor para o fato de estar tratando de um texto que não lhe pertence e cuja língua é estranha, possibilita um outro jogo de interpretações, uma vez que o estranho também é aquilo que atrai. Assim, o que o leitor francês supostamente não entenderia (o alemão) surge como acréscimo (des)necessário.



III.3. As operações de tradução em *La lettre volée*

O conto de Poe diz respeito à apropriação de uma carta da rainha pelo ministro D., que pretendia, com isso, ter domínio sobre a rainha, já que o rei não podia saber da existência da carta. Aproveitando a entrada do rei, o ministro substitui a carta que não lhe pertence por outra. Após muitas tentativas frustradas, o sr. G., chefe de polícia encarregado de recuperar a carta, pede ajuda a Dupin. No primeiro encontro, Dupin obtém todas as informações sobre a aparência da carta e sobre as buscas realizadas pela polícia, porém não se dispõe a encontrá-la. No segundo encontro, o chefe de polícia chega muito nervoso com o caso da carta, ainda não encontrada. Sabendo da recompensa de cinquenta mil francos pela devolução da carta, Dupin consegue recuperá-la e recebe o dinheiro. Após a resolução do caso, Dupin conta ao narrador como recuperou a carta seguindo o que considerava ser o raciocínio do ministro. Dessa forma, encontrou-a não escondida, como supunha o chefe de polícia, mas com uma aparência disfarçada, bem às vistas de quem quer que fosse. Para “roubar” a carta, Dupin simula um acidente na rua, bem debaixo da janela do ministro, no intuito de chamar sua atenção. Assim, enquanto o ministro se entretém com o episódio da rua, Dupin pode recuperar a carta sem o ministro se dar conta disso, tendo tempo, inclusive, de deixar outra em seu lugar. Ocorre a substituição de uma carta por outra aparentemente igual, mas que, como se dá em qualquer substituição, só pode ser diferente.



Na leitura derridiana de *La lettre volée*, há vários cruzamentos de enxertos, cujo reconhecimento é possibilitado pelas operações de tradução: um enxerto comenta outro, conectando diferentes textos, mostrando seus pontos de tensão, como veremos com base nas citações derridianas de Poe. A maior delas é a única de *La lettre volée*:

“J’étais à Paris en 18... Après une sombre et orageuse soirée d’automne, je jouissais de la double volupté (twofold luxury) de la méditation et d’une pipe d’écume de mer, en compagnie de mon ami C. Auguste Dupin, dans sa petite bibliothèque ou cabinet d’étude (in his little back library, or book-closet) au troisième, n° 33, rue Dunôt faubourg Saint-Germain. Pendant une bonne heure, nous avons gardé le silence (we had maintained a profound silence); chacun de nous, pour le premier observateur venu (to any casual observer), aurait paru profondément et exclusivement occupé des tourbillons frisés de fumée qui chargeaient l’atmosphère de la chambre. Pour mon compte, je discutais en moi-même certains points (certain topics), qui avaient été dans la première partie de la soirée l’objet de notre conversation; je veux parler de l’affaire de la rue Morgue et du mystère relatif à l’assassinat de Marie Rogét. Je rêvais donc à l’espèce d’analogie (something of a coincidence) qui reliait ces deux affaires quando la porte de notre appartement s’ouvrit et donna passage à notre vieille connaissance, à Monsieur G.—, le préfet de police de Paris. ... Comme nous étions assis dans les ténèbres, Dupin se leva pour allumer une



lampe; mais il se rassit en n'en fit rien ..." (Poe, apud Derrida, 1975a, p.134)⁸⁹

O acréscimo da língua estrangeira entre parênteses ((*twofold luxury*), (*in his little back library, or book-closet*), (*we had maintained a profound silence*), (*to any casual observer*), (*certain topics*), (*something of a coincidence*)) possibilita, em um só gesto, o questionamento da unidade das línguas e dos textos em inglês (de Poe) e em francês (de Poe sob a interferência de Baudelaire) e as opções de tradução de Baudelaire (sob a interferência da presença da língua de Poe). Por meio dos termos enxertados em inglês, Derrida destaca a tradução de Baudelaire e a abertura para o jogo intertextual com os outros contos da trilogia, muitas vezes impedida pela tradução.

Na citação acima, ao destacar a *petite bibliothèque ou cabinet d'étude* (*in his little back library, or book-closet*) Derrida evidencia a relação existente entre o lugar onde o chefe de polícia encontra o narrador e Dupin, e o local onde os dois personagens se encontraram pela primeira vez. Não é fortuito, então, que o primeiro encontro, ocorrido em *Double assassinat dans la*

⁸⁹ "Em Paris, pouco depois de escurecer, num ventoso anoitecer do outono de 18., eu estava desfrutando o duplo prazer (*twofold luxury*) da meditação e de um cachimbo de espuma, em companhia do meu amigo C. Auguste Dupin, na sua pequena biblioteca de fundos, ou depósito de livros (*in his little back library, or book-closet*), no terceiro andar do n. 33 da rua Dunôt, no Faubourg St. Germain. Durante uma hora, pelo menos, ficamos em silêncio profundo (*we had maintained a profound silence*); para qualquer observador casual (*to any casual observer*), cada um de nós teria parecido estar intensa e exclusivamente ocupado com as espirais de fumaça que dominavam a atmosfera do cômodo. De minha parte, contudo, estava discutindo mentalmente certos itens (*certain topics*) que foram o tema da nossa conversa num período anterior da tarde; refiro-me ao caso da rua Morgue e ao mistério que cercava o assassinato de Marie Rogêt. Por isso, achei que houve algo de coincidência (*something of a coincidence*) no fato de a porta de nosso apartamento se escancarar, deixando entrar nosso velho conhecido, sr. G..., o chefe da polícia

rue Morgue, tenha lugar exatamente em “*un obscur cabinet de lecture (obscure library)*” (Derrida, 1975a, p.135) (“numa livraria obscura”) (Poe, 1998, p.14), onde ambos procuravam um livro raro.

Em *Double assassinat dans la rue Morgue*, a importância dos livros para Dupin e seu amigo, o narrador, já tinha sido expressa: “*Les livres, en fait, étaient son seul luxe (his sole luxuries), et à Paris, on se les procure facilement*” (Poe, apud Derrida, 1975a, p.135) (“Os livros, porém, eram seu único luxo, e em Paris eles são facilmente comprados”) (Poe, 1998, p.14). Em *La lettre volée*, Derrida observa que Baudelaire traduziu *luxury* por *volupté*, dificultando a relação com *luxuries*, traduzido por *luxe* em *Double assassinat dans la rue Morgue*.⁹⁰ A coincidência da busca pelo livro leva a outras coincidências, também impossibilitadas pela tradução. Em *La lettre volée*, ela é substituída por *l'espèce d'analogie (something of a coincidence)*, enquanto, em *Mystère de Marie Rogêt*, ocorre a omissão das três últimas palavras na epígrafe em francês: “*There are ideal series of events which run parallel with the real ones. They rarely coincide*” (Derrida, 1975a, p.146, nota 27). (“Há séries ideais de acontecimentos que correm paralelamente às reais. Raramente coincidem”) (Poe, 1998, p.49)⁹¹. Derrida lembra que o termo *coincidences* aparecerá três vezes na mesma página, no início

parisiense. ... Estávamos sentados no escuro e Dupin se levantou com a intenção de acender uma luz, mas se sentou outra vez sem fazê-lo ...” (Poe, 1998, p.103, acréscimos de Derrida).

⁹⁰ Na tradução para o português utilizada aqui, a relação também é impedida, pois *luxury* é traduzido por *prazer* (em *A carta roubada*) e *luxe* é traduzido por *luxo* (em *Os crimes da rua Morgue*).

⁹¹ Diferentemente do francês, a tradução em português apresenta as três ocorrências (do termo coincidência) citadas por Derrida.



do conto *Mystère de Marie Rogêt* e que a última se refere aos assassinatos tratados no conto *Double assassinat dans la rue Morgue*:

*Les détails extraordinaires que je suis invité à publier forment, comme on le verra, quant à la succession des époques, la première branche d'une série de coïncidences à peine imaginables (*scarcely intelligible*), dont tous les lecteurs retrouveront la branche secondaire ou finale (*concluding*) dans l'assassinat récent de Mary Cecilia Rogers, à New York. (Poe, apud Derrida, 1975a, p.146, sublinhado nosso)⁹²*

Desta vez, a tradução possibilita a ligação entre os dois contos, mas continua impedindo a ligação com *La lettre volée*, quebrando o jogo textual que Derrida retoma ao citar o texto em inglês, seguindo os rastros do texto traduzido.

A estratégia textual de tomar a tradução como ponto de partida desencadeia algumas conseqüências no momento em que a outra língua (o que estaria fora) passa a habitar o texto e abre o caminho para a conexão com outros textos, uma vez que Derrida busca nos contos da trilogia ocorrências de traduções dos “mesmos” termos. Ao apontar as diferentes decisões de Baudelaire, em um mesmo gesto, por um lado, confirma que há diferenças na (mesma) língua, que não é única e que sempre há mais de uma maneira de traduzir o que deveria ser o

⁹² “Os detalhes extraordinários que agora sou levado a tornar públicos formam, no que diz respeito à sequência do tempo, o ramo principal de uma série de coincidências dificilmente inteligíveis (*scarcely intelligible*), cujo ramo secundário ou definitivo (*concluding*) será reconhecido por todos os leitores no recente assassinato de Mary Cecilia Rogers, em Nova York” (Poe, 1998, p.49, acréscimos de Derrida).

mesmo, pois existem diferenças no interior de uma só língua (por isso Baudelaire pode traduzir *coïncidences* por *analogie* ou, simplesmente, suprimir o termo). Por outro lado, as diferentes escolhas para um mesmo termo mostram que Baudelaire não teve o devido cuidado com a letra do texto, uma preocupação hermenêutica constante em Derrida.

Ao fazer enxertos em inglês, Derrida possibilita a comparação entre a escolha de Baudelaire e o texto de partida, deixando visível, por exemplo, qualquer omissão no francês, como ocorre no início da *La lettre volée*, quando “*a profound silence*” de Poe deixa de ser profundo e dá lugar a “*le silence*”, o silêncio sem nenhuma adjetivação de Baudelaire.

Em relação ainda às opções baudelairianas destacadas nas citações de Derrida, “*to any casual observer*” é traduzido por “*pour le premier observateur venu*”. Com isso, a tradução deixa de destacar qualquer observador e passa a priorizar o primeiro, abrindo caminho para outra interpretação.

Na citação de *Mystère de Marie Rogêt*, também se nota a diferença de enfoque entre o inglês e o francês, por exemplo, quando Poe diz que as coincidências eram “*scarcely intelligible*”, traduzido por “*peine imaginables*”. Baudelaire opta por uma palavra cujo campo semântico é muito mais relacionado à fantasia (imaginável) do que ao intelecto, como ocorre com inteligível.

A leitura da tradução baudelairiana leva Derrida a questionar a apropriação de Poe por Baudelaire, usando, para tal questionamento, uma citação da tradução de *Double assassinat dans la rue Morgue*, quando o narrador descreve seu primeiro encontro com Dupin:

*"Je fus profondément intéressé par sa petite histoire de famille, qu'il me raconta minutieusement avec cette candeur et cet abandon — ce sans-*façon* du moi, — qui est le propre de tout Français quand il parle de ses propres affaires"* (OC, trad, p.11) (*"I was deeply interested in the little family history which he detailed to me with all the candor which a Frenchman indulges whenever mere self is the theme"*) Suffit-il de parler français, d'avoir appris à parler français, d'être ou d'être devenu citoyen français pour s'appropriier (à) ce qui est, selon la traduction, justement si personnelle, de Baudelaire — traduction plus appropriante qu'appropriée — *"le propre de tout Français"*? (Derrida, 1993c, p.74-5)⁹³

O comentário de Derrida traz novamente a discussão sobre a apropriação da língua, possibilitada pela tradução "pessoal" de Baudelaire, para quem a história da vida de Dupin é contada de uma forma característica de todo francês. Derrida não apenas cita a tradução de Baudelaire, como também insere o texto de Poe em inglês, um procedimento não utilizado em *Le facteur de la vérité*, em que se limita a apresentar o francês baudelairiano seguido de algumas expressões do inglês entre parênteses. Além de questionar a propriedade da língua francesa pelo cidadão francês, ao afirmar que a tradução de Baudelaire é mais

⁹³ "“Interessou-me profundamente a pequena história de família que ele me contou pormenorizadamente, com toda a franqueza com que um francês fala quando ele próprio é o tema da conversa.” (Idem, p.66) *"Je fus profondément intéressé par sa petite histoire de famille, qu'il me raconta minutieusement avec cette candeur et cet abandon — ce sans-*façon* du moi, — qui est le propre de tout Français quand il parle de ses propres affaires."* ... (*"I was deeply interested in the little family history which he detailed to me with all the candor which a Frenchman indulges whenever mere self is the theme"*.) Será suficiente falar francês, ter aprendido a falar francês, ser ou ter se tornado cidadão francês para se apropriar daquilo que é, conforme a tradução tão



apropriante do que apropriada, Derrida nos leva a pensar na questão da fidelidade e da relevância na tradução. Fidelidade no sentido de atenção à singularidade do texto e de sua assinatura, que nem sempre é uma característica da tradução de Baudelaire. Relevância no sentido daquela tradução que, como vimos com Derrida, utiliza “a linguagem a *mais* precisa, apropriada, pertinente, adequada, oportuna, penetrante, unívoca, idiomática ...” (2000a, p.17). Conforme podemos comprovar por meio dos comentários derridianos e dos enxertos na outra língua, não parece ser essa a opinião de Derrida sobre a tradução de Baudelaire.

Ainda na citação de *La lettre volée*, Derrida recorre ao itálico (aqui negrito) para mostrar a língua do outro, mesmo recurso usado por Poe no texto em inglês quando destaca o endereço: “*J’étais à Paris en 18... (...), en compagnie de mon ami C. Auguste Dupin, dans sa petite bibliothèque ou cabinet d’étude (in his little back library, or book-closet) au troisième, n° 33, rue Dunôt faubourg Saint-Germain.*” O francês de Poe não é o mesmo francês no texto derridiano, pois desaparece parte do estranhamento, mesmo ao se tentar preservá-lo com o uso do itálico, que não produz o mesmo efeito conseguido com a inclusão da língua do outro.

Derrida discute várias vezes a questão de traduzir o francês no texto original para o francês no texto traduzido, como vimos anteriormente com o caso da tradução de Benjamin, em que Mallarmé é deixado em francês no texto em alemão e, ao ser traduzido por Maurice de Gandillac, também é deixado em

peçoal de Baudelaire — tradução mais apropriante que apropriada —, “*le propre de tout Français*”?” (1995c, p.53).



francês no texto em francês, desencadeando outro jogo de leitura (cf. Derrida, 1987a).

O francês, língua hóspede de Poe em inglês, deixa de ser a língua estrangeira do texto traduzido para o francês, ou seja, ocorre uma assimilação completa do francês de Poe pelo texto francês de Baudelaire. A não tradução encena o *double bind*, a necessidade de preservar a mesma língua e a impossibilidade de mostrar a língua do outro, que, no caso, passa a ser a mesma. O efeito de pluralidade é impossibilitado, e um texto que é escrito em várias línguas, e mostra a conexão entre elas, acaba reduzido a uma única língua. Nesse caso, a tradução francesa passa a ser o original para o leitor francês, que não vai notar o que seria peculiar ao texto em inglês. O leitor do inglês terá uma interpretação diferente, ao pensar que a trama se dá em outro país, a França, jogo inacessível para o leitor em francês, para quem tudo ocorre “em sua própria casa”. O uso do itálico não garante a estranheza e nem guarda o segredo do endereço; logo, não impede a chegada do outro (o hóspede indesejado, já que o segredo do endereço visa a garantir a privacidade). Trata-se de um dos riscos da tradução destacado por Derrida: não deixar notar a multiplicidade de línguas e impedir um efeito possibilitado pelo texto escrito em mais de uma língua. Como vimos, ele também denomina essa impossível traduzibilidade de “suicídio com/para a tradução”, que ocorre quando a língua de partida e a de chegada passam a ser a mesma, desfazendo-se a diferença entre elas.



A importância da outra língua aparece particularmente porque se trata do endereço da casa dos personagens. A esse respeito, o narrador em *Double assassinat dans la rue Morgue* esclarece:

“Si la routine de notre vie dans ce lieu avait été connue du monde, nous eussions passé pour fous, — peut-être pour des fous d’un genre inoffensif. Notre réclusion (*seclusion*) était complète. Nous ne recevions aucune visite (*We admitted no visitors*). Le lieu de notre retraite était resté un secret — soigneusement gardé — pour mes anciens camarades (*Indeed the locality of our retirement had been carefully kept a secret from my own former associates*) ...” (Poe, apud Derrida, 1975a, p.136-7)⁹⁴

O francês no texto inglês ajuda a manter a reclusão e o segredo, impedindo uma referência direta ao endereço, oculto na língua, além de dificultar a presença de estranhos. Essa interpretação é dificultada (ou até impedida) quando o texto é traduzido para o francês.

O “lugar secreto” da moradia de Dupin e do narrador é mencionado também nos outros contos, como Derrida observa em *Passions*. Entretanto, o fato de o segredo ter sido revelado não significa que ele foi violado:

⁹⁴ “Se alguém conhecesse a rotina de nossa vida nesse lugar, iria achar que éramos malucos, embora, talvez, malucos de natureza mansa. Nossa reclusão (*seclusion*) era perfeita. Não recebíamos visitas (*We admitted no visitors*). É certo que a localização do nosso refúgio foi cuidadosamente mantida em segredo dos meus antigos amigos (*Indeed the locality of our retirement had been carefully kept a secret from my own former associates*)...” (Poe, 1998, p.15).

Et cela parce qu'il s'agit de trace, et dans la trace de discours, et dans le discours d'inscription, de transcription ou, si on veut suivre la convention, d'écrit et dans l'écrit de littérature, et dans la littérature de fiction, et dans la fiction de narration, et placée dans la bouche d'un narrateur auquel, pour toutes ces raisons accumulées, rien ne nous oblige à faire crédit. Qu'un secret puisse être déclaré sans être dévoilé, autrement dit que le secret soit manifeste, voilà ce qu'il y a (es gibt) et restera toujours à traduire, ici même, etc. (Derrida, 1993c, p.74)⁹⁵

Como um texto que pode dizer tudo, o literário pode dizer o segredo e ele continuar lá, à espera de tradução, revelando, mais uma vez, a restância constitutiva do texto, sua resistência a uma completa apropriação.

Para comprovar a importância do papel do narrador nos contos, Derrida apresenta pelo menos cinco citações de *Double assassinat dans la rue Morgue* diretamente relacionadas com *La lettre volée* e com *Le mystère de Marie Rogêt*. A conexão deste último com o primeiro é explicitada no título: *Mystery of Mary Roget: a sequel to 'The murders in the rue Morgue'* (*Double assassinat dans la rue Morgue* ; *suivi de Le mystère de Marie Rogêt/O mistério de Marie Rogêt (continuação de 'Os crimes da rua Morgue')*). Assim, embora o “principal” desencadeador da leitura de Lacan seja *La lettre volée*, Derrida mostra a impossibilidade de desvinculá-lo dos demais, sobretudo em virtude da recorrência

⁹⁵ “E isto porque se trata de rastro, e no rastro do discurso, e no discurso de inscrição, de transcrição ou, se quisermos seguir a convenção, de escrita e na escrita de literatura, e na literatura de ficção, e na ficção de narração, e colocado na boca de um narrador ao qual, por todas essas razões acumuladas, nada nos obriga a dar crédito. Que um segredo possa ser declarado sem ser desvendado, em outras palavras, que o segredo seja manifesto, eis o que há (*es gibt*) e resta sempre a traduzir, aqui mesmo etc.” (Derrida, 1995c, p.52).



e inter-relação dos comentários do narrador nos três contos. Nesse mesmo gesto, Derrida mostra o entrelaçamento das línguas, como podemos ver novamente em uma das citações de *Double assassinat dans la rue Morgue*, ainda sobre Dupin e o narrador:

Mon ami avait une bizarrerie d'humeur (a freak of fancy), — car comment définir cela? — c'était d'aimer la nuit pour l'amour de la nuit; et je tombai moi-même tranquillement dans cette bizarrerie (bizarrerie) comme dans toutes les autres qui lui étaient propres, me laissant aller au courant de toutes ses étranges originalités avec un parfait abandon (abandon). La noire divinité (the sable divinity) ne pouvait pas toujours demeurer avec nous; mais nous en faisons la contrefaçon (but we could counterfeit her presence). (Poe, apud Derrida, 1975a, p.137)⁹⁶

Nessa citação, a impossibilidade de traduzir aparece em *abandon (abandon)*, em que o termo é comum nas duas línguas, e em *bizarrerie (bizarrerie)*, em que há o emprego do francês no texto em inglês (que possui o termo *bizarre*, mas não *bizarrerie*). Ocorre, nesse ato de tradução, uma operação semelhante à tradução do *he war* de Joyce, em que uma palavra pertence a mais de uma língua (cf. Derrida, 1987a). O gosto pela noite, explicitado em *Double assassinat dans la rue Morgue*, aparecerá novamente no início de *La lettre volée*,

⁹⁶ “Meu amigo (de que outro jeito poderei chamá-lo?) tinha a esquisitice (*a freak of fancy*), de gostar da Noite em si. Segui essa *esquisitice (bizarrerie)* de caráter, bem como todas as outras que tinha. Entreguei-me às suas extravagantes fantasias com perfeito abandono (*abandon*). A negra divindade (*the sable divinity*) não podeira estar sempre conosco, mas podíamos fingir sua presença (*but we could counterfeit her presence*)” (Poe, 1998, p.15, acréscimos de Derrida).



quando Dupin se levanta para acender a luz mas muda de idéia, permanecendo no escuro (que, de acordo com ele, era melhor para a reflexão).

Vemos, portanto, que as inserções de termos em inglês no texto traduzido funcionam como rastros, conduzindo-nos a outros textos e outras interpretações. Como na leitura derridiana de Freud, a língua convidada é acolhida como suplemento, o acréscimo necessário para que haja o “encontro” textual. Ao citar o conto, Derrida possibilita novos jogos de interpretação, em especial porque entrelaça o texto traduzido (do qual ele parte) com o texto em inglês.

III.4. A polêmica tradução de Baudelaire

Um ponto específico da tradução de *La lettre volée* pode ser visto como o maior desencadeador da leitura de Lacan, Bonaparte e Derrida, e dos estudos provenientes dessas leituras. Ao tratar do famoso lugar onde a carta foi encontrada nos aposentos do ministro, Baudelaire traduz a preposição *beneath* por *dessus*, quando o esperado era *dessous*.⁹⁷ O comentário de Bonaparte e a tradução de Baudelaire citados por Derrida que possibilitam o jogo de sentido são estes:

*“Muni de lunettes qui lui permettent de bien voir tout en cachant
ses propres yeux, il se rend chez le ministre, sous un prétexte quelconque,*

⁹⁷ As traduções para o português tampouco parecem entrar em um acordo sobre o lugar em que se encontrava a carta, apresentando opções como: *sob o meio da cornija da lareira, por cima da lareira, no meio da parte de cima da lareira, no meio do consolo da lareira, sob o meio da escarpa da chaminé*. A tradução utilizada aqui, de Geraldo Galvão Ferraz, é: “pendurado... num pequeno gancho de metal bem no meio da parte de cima da lareira” (Poe, 1998, p.120).



et découvre la lettre dans un porte-cartes en vue, "suspendu... à un petit bouton de cuivre, juste au-dessus du milieu du manteau de la cheminée"¹.

Ici, donc, une note de Bonaparte: "1. That hung... from a little brass knob just beneath the middle of the matelpeece. Traduction BAUDELAIRE: suspendu... à un petit bouton de cuivre au-dessus du manteau de la cheminée.

"L'inexactitude de la traduction de Baudelaire, en ce qui concerne cette phrase, apparaît. En particulier, beneath (au-dessous), y est rendu par au-dessus, qu'il ne saurait en aucun cas signifier." (Derrida, 1975a, p.116)⁹⁸

Derrida diz que Lacan demonstra ter lido Bonaparte, quando acrescenta a seguinte nota no *Seminário sobre A carta roubada*:

"La question de savoir s'il le saisit sur le manteau comme Baudelaire traduit, ou sous le manteau de la cheminée comme le porte le texte original, peut être abandonnée sans dommage aux inférences de la cuisine"¹⁵ [Ici, donc, une note de Lacan: "15. Et même de la cuisinière." (p.36)] (Lacan, apud Derrida, 1975a, p.116)⁹⁹

⁹⁸ "Munido de óculos que lhe permitem ver tudo claramente, escondendo seus próprios olhos, ele se dirige até a casa do ministro, sob um pretexto qualquer, e descobre a carta em um porta-cartões à vista, "pendurado... num pequeno gancho de metal bem no meio da parte de cima da lareira"¹.

Aqui, então, uma nota de Bonaparte: "1. That hung... from a little brass knob just beneath the middle of the matelpeece. Tradução de Baudelaire: suspendu... à un petit bouton de cuivre au-dessus du manteau de la cheminée.

"A inexactidão da tradução de Baudelaire, naquilo que concerne a essa frase, é visível. Em particular, beneath (au-dessous) (embaixo, sob), é traduzido por au-dessus (em cima, sobre), o que não poderia significar em caso algum."

⁹⁹ "A questão de saber se ele o apanha sobre a coberta como Baudelaire o traduz, ou sob a coberta da lareira como traz o texto original, pode ser abandonada sem dano às inferências da cozinha"¹⁴. (Lacan, 1978, p.43) "[Aqui uma nota de Lacan): E mesmo da cozinheira.]"

Essa discussão sobre o lugar da *lettre* permite a Derrida questionar a teoria psicanalítica da castração, que ele vê ilustrada por meio do conto. É importante não esquecermos que a língua francesa mostra-se mais hospitaleira ao termo *letter* do que a língua portuguesa, uma vez que *lettre* também preenche as gamas de significados encontradas em inglês, no qual a mesma palavra pode ser tomada por *carta* ou por *letra*. A opção por um dos pólos, em português, tira a ambigüidade da palavra e impede uma das leituras possíveis. A tradução para *carta*, que não remete à *letra*, acaba por apresentar uma impossibilidade de interpretação da argumentação lacaniana, pois quando fala do “retorno ao destino”, não está se referindo especificamente à carta, mas notadamente à letra, como representativa da letra freudiana (do legado psicanalítico).

Se a *lettre/carta* não se encontra no lugar simbólico do falo, não se justifica a leitura lacaniana da falta e do retorno da *lettre/carta* ao seu destino. Bonaparte, apesar de basear sua leitura na análise biográfica de Poe e abordar o texto de forma diferente, também havia chegado à mesma interpretação sobre a *lettre/carta* como exemplo da castração baseada na analogia entre o corpo da mulher e o local onde se encontra a *lettre/carta*. O conflito entre Lacan e Bonaparte deve-se, segundo Derrida, a uma luta pelo poder da transmissão da palavra (letra) freudiana, que Lacan vê ameaçada pela leitura “extraviada” de Bonaparte. Para Lacan, o local em que a carta é encontrada passa a ser de valor secundário a partir do momento em que seu trajeto já está determinado, independentemente de a tradução ter ou não mudado esse local.



A declaração de que a tradução de Baudelaire por *sur* onde seria *sous* pode ser deixada de lado deve-se também ao argumento lacaniano de que a carta pode ter sido desviada de seu destino, mas continua a ter um trajeto próprio. Por isso, para Lacan importaria muito mais a tradução do título. Citando Lacan, Derrida lembra que, para o psicanalista, importa o trajeto próprio e circular da *lettre*:

“C’est ainsi que nous nous trouvons confirmé dans notre détour par l’objet même qui nous y entraîne: car c’est bel et bien la *lettre détournée* qui nous occupe, celle dont le trajet a été **prolongé** (c’est littéralement le mot anglais), ou pour recourir au vocabulaire postal, la *lettre en souffrance*.”
(Lacan, apud Derrida, 1975a, p.111)¹⁰⁰

Logo a seguir, Lacan afirma que Baudelaire (apesar de sua devoção) “traiu” Poe, ao traduzir *the purloined letter* por *la lettre volée*, pois o termo em inglês seria bem mais raro do que a opção baudelairiana. Recorre ao *Oxford* para justificar sua crítica e sua escolha por “*lettre en souffrance*” (Lacan, 1966, p.40), que corresponderia, no vocabulário postal, à carta que está extraviada mas que vai chegar ao destino. Em português, o título geralmente é

¹⁰⁰ “É assim que vemo-nos confirmados em nosso desvio pelo objeto mesmo que aí nos conduz: pois é exatamente a *carta desviada* que nos ocupa, aquela cujo trajeto foi *prolongado* (é literalmente a palavra inglesa), ou para recorrer ao vocabulário postal, a *carta em instância*” (Lacan, 1978, p36).



traduzido por *A carta roubada*, mas também encontramos *A carta furtada*,¹⁰¹ o que levantaria outras questões, especialmente no campo jurídico.

O título não é a única tradução criticada por Lacan. Em mais duas ou três situações, afirmará que a escolha de Baudelaire não foi adequada (cf. Lacan, 1966, p.33; p.43-4). Aparentemente não há uma coerência no tratamento da tradução: ora ela é importante, ora pode ser deixada de lado, o que, de certa forma, invalida as demais críticas de Lacan à tradução baudelairiana e coloca em questão o comentário de Berman sobre a importância das correções sugeridas por Lacan para a “tradução ‘canônica’ que Baudelaire fez de Edgar Poe” (Berman, 2002, p.311).

Mais do que questionar o poder da tese lacaniana, Derrida põe em xeque a origem dessa tese, as leituras parciais de Lacan, nas quais as escolhas tradutórias são ou não importantes de acordo com o que interessa para sua argumentação.

Derrida utiliza a tradução do lugar da carta para mostrar que tanto Lacan como Bonaparte estão ilustrando a verdade psicanalítica do legado freudiano, em especial o falocentrismo, que aparece tanto em relação ao lugar onde a carta se encontra, como na falta da carta, que supostamente é devolvida a seu lugar. Embora esse seja o caso de tradução que despertou mais estudos em relação à discordância entre Lacan e Derrida, sua importância para o texto derridiano também se deve à intertextualidade com *Double assassinat dans la rue*

¹⁰¹ Encontramos a influência explícita de Baudelaire em uma tradução brasileira de Oscar Mendes, que apresenta inclusive uma nota do francês. Temos outras traduções além dessa, como as de José Paulo Paes, Breno Silveira, José M. Machado, Erlene T. V. dos Santos e Geraldo G. Ferraz.

Morgue: o lugar da carta, a *lareira*, vai nos conduzir ao lugar onde foi encontrado o cadáver da filha de Madame L'Espanaye.

Um texto literário enxerta-se em outro, possibilitando uma rede de referências, como a *lareira* (no caso da carta e do cadáver) e a biblioteca (lugar do encontro entre Dupin e o narrador e do encontro dos dois com o chefe de polícia). Entretanto, essas não são as únicas “coincidências”. O conto *La fausse monnaie*, de Baudelaire, também apresenta uma dupla masculina, semelhante a Dupin e ao narrador, que se encontra em um ambiente caracterizado pelo fumo e possui como “luxo” não os livros, mas o tabaco. Outra comparação apresentada por Derrida diz respeito ao dom:

comme Auguste Dupin (il est 'réduit' à la 'pauvreté' mais vit convenablement à crédit, by courtesy of his creditors, et peut même s'offrir le luxe des livres), les deux amis ne sont pas nécessairement riches mais ils peuvent se payer le luxe de faire l'aumône. (Derrida, 1991c, p.160-1)¹⁰²

Tais coincidências levam Derrida a afirmar que *La lettre volée* é um modelo para seu tradutor Baudelaire (cf. Derrida, 1991c, p.136-8). O enxerto da língua do outro no texto traduzido permite que Derrida mostre o jogo de interpretações e relações (entre um lugar e outro, entre as características de Dupin e do narrador apresentadas em um conto e não em outro). As operações de

¹⁰² “como Auguste Dupin (ele é ‘reduzido’ à ‘pobreza’ mas vive convenientemente a crédito, *by courtesy of his creditors*, e pode até se dar o luxo dos livros), os dois amigos não são necessariamente ricos, mas podem se permitir o luxo de dar esmola.”

tradução possibilitam a tessitura da malha dos textos, como comprova-se na análise de extratos do conto de Poe presentes no texto derridiano.

O conteúdo da carta deixada por Dupin em substituição à carta roubada abre o caminho para o último argumento de Derrida em relação à leitura lacaniana e encerra *Le facteur de la vérité*. Dupin, em sua visita ao ministro, observa a carta aparentemente esquecida na lareira e confecciona uma semelhante, na qual escreve, em francês: *Un dessein si funeste, S'il n'est digne d'Atrée, est digne de Thyeste* (Poe, apud Derrida, 1975a, p.139) (“Um desígnio tão funesto, / se não é digno de Atreu, é digno de Tiestes”) (Poe, 1998, p.123). Novamente, o francês do texto de Poe deixa de ser estrangeiro e de representar um segredo para o destinatário/leitor francês como pode representar para o inglês. Derrida lembra que, em *Le Séminaire sur La lettre volée*, não há *dessein* (desígnio), mas *destin* (destino), o que condiz com a própria argumentação lacaniana, uma vez que o *destino* determina o trajeto próprio da carta. Mais do que isso, interessa-nos a substituição feita por Dupin da carta roubada por outra aparentemente igual, mas diferente por apresentar a marca do outro, sua assinatura em forma de citação de uma outra narração (o mito de Atreu e seu irmão Tiestes), possibilitando a montagem de mais uma rede textual.

Dupin, o convidado não convidado, é acolhido na casa do ministro e, invadindo sua privacidade, repete-lhe o gesto de forma diferente, desta vez mais violenta, pois deixa na carta a marca de sua apropriação, além de agir à surdina, com a ajuda de um terceiro que, da rua, chama a atenção do ministro, criando a oportunidade para a substituição. O selo de Dupin, imitação do selo do

ministro forjada em miolo de pão, permite a substituição da carta sem que o ato seja notado imediatamente, postergando a descoberta da assinatura para o momento da leitura da citação pelo ministro. Essa assinatura também tem sabor de revanche para Dupin, já que é a sua resposta à peça que o ministro havia lhe pregado há algum tempo em Viena. Não há garantias de que sua carta irá provocar no ministro as reações esperadas por Dupin, uma vez que pode não ocorrer a leitura (e a carta não chegar ao destino).

Les effets de signature sont la chose la plus courante du monde.

Mais la condition de possibilité de ces effets est simultanément, encore une fois, la condition de leur impossibilité, de l'impossibilité de leur rigoureuse pureté. Pour fonctionner, c'est-à-dire pour être lisible, une signature doit avoir une forme répétable, itérable, imitable; elle doit pouvoir se détacher de l'intention présente et singulière de sa production. C'est sa même qui, altérant son identité et sa singularité, en divise le sceau. (Derrida, 1990c, p.49)¹⁰³

Podemos dizer que *Le facteur de la vérité* é um texto que trata do segredo do literário por meio das operações de tradução. A possibilidade incondicional de abertura ao outro, característica do literário, paradoxalmente faz com que a atenção à singularidade do texto, à assinatura, ao idioma e à letra deva

¹⁰³ “Os efeitos de assinatura são a coisa mais corrente do mundo. Mas a condição de possibilidade desses efeitos é simultaneamente, ainda uma vez, a condição de sua impossibilidade, da impossibilidade de sua pureza rigorosa. Para funcionar, isto é, para ser legível, uma assinatura deve ter uma forma repetível, iterável, imitável; deve poder destacar-se da intenção presente e singular de sua produção. É a sua mesmidade que, alterando sua identidade e sua singularidade, constitui seu selo” (Derrida, 1991a, p.36).

ser ainda mais acentuada. A tradução também permite questionar o próprio estatuto do literário e os objetivos aos quais se pode destinar, como no caso da psicanálise, em que se considera a capacidade do literário testemunhar ou ilustrar uma verdade.

Os contos de Poe, particularmente *Double assassinat dans la rue Morgue*, permitem o questionamento da verdade na ficção, pois será uma notícia de jornal (supostamente verdadeira) o ponto de partida da história de Poe. Também a partir da utilização de uma história “verdadeira”, o autor desenvolve e soluciona o mistério da morte de Marie Rogêt. Tais “coincidências” possibilitam mais uma vez o questionamento do que constitui ou não o gênero literário, discutido outras vezes por Derrida (com *Devant la loi*, por exemplo).

A tradução de Baudelaire é necessária para que Derrida encene seus pensamentos sobre a língua e sobre a tradução, ou seja, o texto traduzido possibilita pensar a tradução e os efeitos interpretativos que ela pode desencadear. O acolhimento da tradução não é gratuito: Derrida se abre ao texto do outro em um ato de doação, mas ao mesmo tempo contrai uma dívida com o texto traduzido, pois sem ele não seria possível questionar Baudelaire e, por meio desse questionamento, interrogar o uso da tradução por Lacan.

Isso não significa que Derrida seja sempre hospitaleiro a qualquer tradução ou, nesse caso específico, a qualquer opção de Baudelaire. Como vimos, sua hospitalidade caracteriza-se também pela hostilidade, pela interferência. Derrida deixa claro que nem sempre respeita as escolhas tradutórias do poeta, chegando a aconselhar: “*il faut lire le tout, dans les deux langues*”

(Derrida, 1975a, p.146, nota 28) (“é preciso ler tudo, nas duas línguas”). O filósofo não só mostra que há diferença em cada língua e no interior de uma só língua, mas também que há singularidade em cada texto (escrito em cada língua) e que o texto traduzido só pode ser outro, pois sempre ocorre algo novo; “não existe *um mesmo texto*, nem o original é idêntico a si mesmo” (cf. Derrida, 1999b, p.62-3).

A tradução de Baudelaire é um exemplo de apropriação do texto do outro, que deixa de ser o hóspede (no sentido francês de *hôte*: anfitrião e hóspede ao mesmo tempo) e acaba fazendo o papel do *refém*, não podendo mais escapar da leitura já legitimada de um tradutor, que, como um original da outra língua, desencadeará outras leituras.

A tradução, como transformação de um texto em outro, pode ser entendida como um ato performativo que traz em sua constituição a possibilidade do fracasso, assim como ocorre com a carta, que pode não chegar ao destino. Como diz Derrida, “*non que la lettre n’arrive jamais à destination, mais il appartient à sa structure de pouvoir, toujours, ne pas y arriver*” (1975a, p.115) (“não que uma *lettre* não chegue nunca ao destino, mas pertence à sua estrutura a possibilidade, sempre, de não chegar”). A própria estrutura do texto de Derrida parece ser uma maneira de mostrar que não há garantias da chegada da carta ao destino. A esse respeito, podemos recorrer ao que afirma Barbara Johnson:

E o texto derridiano não somente é precedido de vários anos de notas marginais e notas de rodapé anunciadoras, como também se estrutura por seu próprio adiamento, sua *différance* (cf. a repetição de expressões



como 'mais nous n'en sommes pas encore là' [mas ainda não chegamos lá], etc.). Ademais, um grau excepcionalmente elevado de aparente digressão caracteriza esses textos, a tal ponto que o leitor é levado a imaginar se realmente encerram algum tema. (Johnson, 1980, p.111, tradução nossa).

De acordo com Johnson, o texto derridiano apresenta um ponto falho porque não considera a publicação completa do texto de Lacan, detendo-se apenas na parte dedicada à *lettre*/carta, esquecendo-se, por exemplo, do jogo do par ou ímpar. De fato, Derrida deixa de fora o que não interessa para sua argumentação: a questão do automatismo de repetição relacionado às dimensões lacanianas do Real, Simbólico e Imaginário, tratadas na continuação do *Seminário*. A partir do momento em que a leitura de Derrida é determinada pelo modo como a *lettre*/carta é tratada no texto de Lacan, justifica-se o não interesse de Derrida pela continuação do texto lacaniano. Além disso, os pontos cegos vistos por Derrida continuam válidos, pois a desconsideração dos outros contos e a falta de importância ao narrador permanecem mesmo na segunda parte.

Na continuação do *Seminário*, escrita dez anos depois, Lacan retoma a afirmação de que um efeito da *lettre*/carta é poder atuar tanto para dentro dos atores do conto ("incluindo o narrador"), como para fora (sobre os leitores e o autor), "sem que jamais ninguém tenha se preocupado com o que ela queria dizer. O que de tudo o que se escreve é a sorte comum" (Lacan, 1978, p.63). Dessa vez, o narrador é citado porque o enfoque de Lacan é o jogo do par ou ímpar (explicado por Dupin ao narrador) usado para desenvolver a idéia de determinação simbólica lacaniana, porém seu papel de alguém capaz de interferir e influenciar

na interpretação do leitor continua sendo desprezado. Novamente, a ambivalência da *lettre* não possibilita que se perceba, na tradução para o português (*carta*), o jogo com o sentido, que pode se referir tanto à herança psicanalítica quanto à carta do conto.

Assim como Derrida deixa de fora o que não importa para sua argumentação, Barbara Johnson faz o mesmo em relação à primeira parte do texto derridiano, excluindo a leitura de Freud. Ao contrário de Derrida, para Johnson importa considerar o jogo do par ou ímpar porque possibilita o jogo dos dois oponentes (Lacan/Derrida), base de grande parte de sua argumentação. Como os autores citados, também rejeitamos o que não interessa a nossa leitura, para nos determos em pontos específicos de *Le facteur de la vérité* nos quais vemos uma explicitação das operações de tradução.

O texto de Poe traduzido por Baudelaire coloca em cena o jogo entre as línguas inglesa e francesa, útil para Derrida, Bonaparte e Lacan. Para Derrida, interessa o jogo entre Freud, Lacan e Bonaparte, desvendado nas leituras que apresentam do texto literário. Para Bonaparte, interessa a história de Poe e a conexão biográfica entre a vida do autor e o conto. Para Lacan, interessa a possibilidade da *lettre* ser *letra* e não só *carta*; de *purloined* ser *en souffrance* e não *volée*.

A lógica do texto derridiano é repetir as estruturas do texto de Lacan, abrindo-lhe espaço (por meio do enxerto de longas citações) e desconstruindo os alicerces sobre os quais suas argumentações se fundam. Um desses alicerces é a crítica à tradução do título, justificada pelo impedimento

causado pelo título à relação entre a *lettre*/carta e o seu retorno a um lugar que lhe é próprio. Outro é a não crítica à tradução do lugar onde a *lettre*/carta se encontra. Ao deixar de criticar, Lacan possibilita o confronto velado com a outra herdeira de Freud, Marie Bonaparte. Interessa, para Derrida, questionar o que é central para o discurso lacaniano, o que é relegado a segundo plano, e por que isso ou aquilo é ou não priorizado, ou seja, as ligações que a leitura lacaniana apresenta com sua teoria psicanalítica do significante e a analogia com a questão da herança freudiana.

Le facteur de la vérité possibilita o jogo de disseminação de sentidos, mostrando que a verdade pode ser interpretada tanto como a verdade de Freud, como a verdade de Lacan, ou de Bonaparte, ou de Derrida, ou ainda como a verdade do texto literário. Ademais, abre caminho para o próprio questionamento sobre qual é, o que é, ou até mesmo se existe, o *facteur* da verdade.

A intraduzibilidade do título de Derrida aparece como um efeito da lei do idioma, de características envolvendo a própria língua e de sua tradução para a língua estrangeira. Segundo Derrida,

*En raison de la place qu'il occupe et du contexte qu'il structure,
un titre est à la fois le nom propre du discours ou de l'oeuvre qu'il intitule et
le nom de ce dont ou traite l'oeuvre. (1985, p.90)¹⁰⁴*

¹⁰⁴ “Em virtude do lugar que ocupa e do contexto que estrutura, um título é ao mesmo tempo o nome próprio do discurso ou da obra que ele intitula e o nome daquilo que se fala ou do que trata a obra.”

O título derridiano apresenta de forma contundente o *double bind* da tradução, a necessidade de traduzir e a impossibilidade de conseguir os mesmos jogos do francês.¹⁰⁵ Como nome próprio, o título pede a tradução e, ao mesmo tempo, a impossibilita, como se dissesse:

Ne me traduis pas, c'est-à-dire, respecte-moi comme nom propre, respecte ma loi de nom propre qui est au-dessus de toutes langues et traduis-moi, c'est-à-dire comprends-moi, conserve-moi en langue universelle, suis ma loi, etc. (Derrida, 1982, p.137)¹⁰⁶

Traduzir o título *Le facteur de la vérité* é assumir o risco da tradução e impedir a disseminação possível em francês, de forma semelhante ao ocorrido na tradução do grego *pharmakon*, ou na tradução de *hôte* para o inglês no conto de *Camus*, em que não se pode optar por um dos pólos do sentido sem assumir a responsabilidade pelas conseqüências da tradução. Traduzir *facteur* é se apropriar do texto de Derrida que, na outra língua, possibilitará outros jogos e apresentará novas resistências, características de toda leitura.

¹⁰⁵ Ottoni lembra que a tradução desse título de Derrida para o inglês passou por duas situações distintas, nas quais podemos notar certa semelhança. Willis Domingo, James Hulbert, Moshe Ron e Marie-Rose Logan traduziram *Le facteur de la vérité* por *The purveyor of truth*, e Alan Bass deixou o texto em francês. Nos dois casos, houve a inclusão de uma nota explicativa, justificando o fato de se ter ou não traduzido (cf. Ottoni, 2002b).

¹⁰⁶ “Não me traduza, isto é, respeite-me como nome próprio, respeite minha lei de nome próprio que está acima de todas as línguas e traduza-me, isto é, compreenda-me, conserve-me em língua universal, siga minha lei, etc.”

Não há como respeitar inteiramente o texto do outro porque toda leitura se caracteriza por alguma intervenção, marca da contra-assinatura do outro. Nesse sentido, a hostipitalidade é uma maneira privilegiada de descrever as ambivalências que envolvem o ato de traduzir, pois, ao mesmo tempo em que somos hospitaleiros e acolhemos a língua/o texto do outro, somos hostis ao que singulariza nossa língua, lhe impondo uma estranheza, ou até ao nosso texto, por exemplo, quando enxertamos citações e traduções em outra língua, assinando algo que não nos pertence. Por isso, uma total hospitalidade é impossível, uma vez que há sempre resistência e “rejeição” ao/do outro, mais perceptíveis no texto traduzido, pois envolve não só a apropriação da outra língua e do outro texto, mas também a responsabilidade, inscrita na contra-assinatura do tradutor. A dependência gerada pela necessidade dessa contra-assinatura do outro faz com que haja um endividamento recíproco no ato de leitura, evidenciado na relação entre o texto de partida e o texto traduzido, com este possibilitando o acolhimento de outras leituras.

Le facteur de la vérité também é um texto sobre o segredo do literário, (des)velado por meio das operações de tradução. Esse segredo pode estar relacionado à intertextualidade com os outros textos (particularmente com os da trilogia) e ao entrelaçamento dos textos em um outro texto (derridiano), que os transforma, contaminando seus conteúdos.

Como um texto que tem direito a dizer tudo, o literário é, ao mesmo tempo, aquele que não se deixa apreender, que está sempre aberto ao novo, à alteridade, funcionando como assinatura (caracterizada também por

aquilo que possui de ilegível e de intraduzível). Nesse sentido, o segredo do literário sempre está lá, pois representa a própria impossibilidade de um texto ser totalmente apreendido por um leitor. Daí a necessidade de dar atenção à letra, outro constituinte da singularidade textual. Quando Derrida tenta desfazer as malhas do texto traduzido, trazendo os outros textos de Poe e conferindo ao narrador um destaque condizente com seu papel nos contos, ele estabelece uma outra rede de compreensão, mas isso não significa que o segredo do texto de Poe tenha sido definitivamente “revelado”. Há sempre o segredo, a restância, a abertura para um outro leitor ou um outro texto.

Da mesma forma, para se tentar desfazer a malha do texto derridiano é preciso levar em consideração os entrelaçamentos produzidos por meio dos rastros deixados pela tradução de cada texto, em especial no caso dos contos de Poe. Esses rastros possibilitam a conexão entre Lacan, Bonaparte e Derrida. Cada um, a seu modo, tenta se apropriar do texto de Poe que, como qualquer texto, resiste à apropriação, fazendo com que haja sempre a possibilidade para novas leituras, ou uma “hospitalidade ao que está por vir”, como diz Derrida a respeito de sua própria escritura.

III.5. As operações de tradução em *Survivre*

Primeiramente publicado em inglês, *Survivre* (*Living On*) faz parte de uma coletânea cuja proposta inicial era apresentar o trabalho de uma certa “escola de Yale”, envolvendo nomes como Harold Bloom, Paul de Man,



Geoffrey Hartman, J. Hillis Miller e Jacques Derrida. Todos deveriam partir do mesmo poema, *The triumph of life*, de Shelley, para expor o próprio trabalho. Desde o início, Derrida expressa seu reconhecimento ao tradutor James Hulbert, responsável pelo texto em inglês.

O texto derridiano, constituído de duas partes, apresenta, na borda inferior, o *Journal de bord* (*Border lines*), funcionando como suplemento da parte superior. Embora possam ser lidos como textos praticamente autônomos, não se pode negar o entrelaçamento existente entre os dois. O duplo do texto (*Survivre/Journal de bord*) relaciona-se à necessidade e à impossibilidade de se desvincularem: o *double bind*.

Para falar de seu trabalho, Derrida escolhe ler dois textos literários, em duas línguas diferentes (inglês e francês), conectados por meio da tradução. Assim, mostra, uma vez mais, que a questão da desconstrução é uma questão de tradução. No corpo do texto, não há muitas citações do poema *The triumph of life*, diferentemente do que ocorre com *L'arrêt de mort* (*Pena de morte*), texto de Blanchot que acaba constituindo a base da argumentação derridiana e corroborando novamente a afirmação “um texto encontra-se em outro” (cf. Derrida, 1975a, p.99), já comprovada em *Le facteur de la vérité*. De certa maneira, Derrida mostra que o texto de Blanchot também é um texto sobre o texto de Shelley. De acordo com Derrida,

*Un texte lit un autre. Comment arrêter une lecture? On peut dire par exemple que **The triumph of life** lit, entre autres textes, **L'arrêt de mort**. Et, entre autres textes, réciproquement. Chaque texte est une machine à*

multiples têtes lectrices pour d'autres textes. Pour lire L'arrêt de mort, et d'abord le titre en son interminable mobilité, je peux toujours suivre l'induction d'un autre texte. (1986a, p.152)¹⁰⁷

Essa ligação entre os dois textos, conseguida graças a um processo de tradução, representa uma junção entre o triunfo da vida e a suspensão da morte. É possível fazer essa relação porque *l'arrêt*, em francês, pode ser sentença, julgamento ou pena (como foi traduzido para o português), mas também pode ser interrupção, cessação, fim, suspensão. A tradução do título de Blanchot acaba por impedir a ambivalência existente no francês e, de certa maneira, a intertextualidade com o texto de Shelley.

Por meio do enxerto de citações dos textos, Derrida une o *récit* de Blanchot com o *récit* de Shelley, inicialmente em *La folie du jour*, mas principalmente em *L'arrêt de mort*. Embora também haja a supressão do termo *récit* na segunda publicação desse livro, o *récit* não deixa de acontecer (cf. Derrida, 1986a, p.146). A própria tradução de *récit*, abordada por Derrida em *La loi du genre*, ressurge em *Survivre*, novamente por meio da leitura de *La folie du jour*, de Blanchot. Aqui importa a articulação com *The triumph of life* feita por meio da conexão entre citações, por exemplo: "*Dehors j'eus une courte vision*"

¹⁰⁷ "Um texto lê um outro. Como interromper uma leitura? Podemos dizer, por exemplo, que *The triumph of life* lê, entre outros textos, *L'arrêt de mort*. E, entre outros textos, reciprocamente. Cada texto é uma máquina com múltiplas cabeças leitoras para outros textos. Para ler *L'arrêt de mort*, e primeiramente o título em sua interminável mobilidade, posso sempre seguir a indução de um outro texto."

(“De longe tive uma curta visão”) e “*And then a Vision on my brain was rolled*” (1986a, p.138). (“E então uma Visão pelo meu cérebro se desenrolou”).

L'arrêt de mort é dividido em duas partes: na primeira, ocorre a narração da angústia de J., o risco de morte constante e, na segunda, a angústia do narrador diante da solidão, do silêncio, da doença, do inexplicável de suas relações com as mulheres, especialmente com Nathalie. A questão da morte, bem como a da verdade, une as duas partes. Na primeira, o narrador diz: “Não tenho medo da verdade. Não temo revelar um segredo ...” (Blanchot, 1991, p.9), para completar, no início da segunda: “a verdade será dita, tudo que aconteceu de importante será dito. Mas tudo ainda não aconteceu” (1991, p.51). Para Derrida, *L'arrêt de mort* “*peut aussi se lire comme un fascinant traitement de la vérité*” (1986a, p.185) (“pode também se ler como um fascinante tratamento da verdade”). Conclui que o texto de Blanchot pode ser visto como “*vérité sur vérité, la vérité sans vérité sur la vérité, le récit sans récit de la vérité sans vérité sur la vérité*” (1986a, p.185) (“verdade sobre verdade, a verdade sem verdade sobre a verdade, o *récit* sem *récit* da verdade sem verdade sobre a verdade”). Dessa forma, o questionamento da verdade do texto literário, já discutido em *Le facteur de la vérité*, será retomado em *Survivre*, quando Derrida torna a examinar a possibilidade de a ficção ser verdadeira ou de a verdade ser fictícia, fundamentando sua discussão não só no texto de Blanchot, mas também no poema de Shelley, cuja “ficção” é colocada em xeque no *Journal de bord* (cf. 1986a, p.126-7).



L'arrêt de mort apresenta, como pano de fundo, várias histórias entrelaçadas, tendo como *récits* principais a história de J. e de N. e a conexão de ambas com o narrador. J. estava com os dias contados. O médico a considerava morta há pelo menos sete anos. No entanto, ela sobrevivia. Ao contrário de Dupin e seu amigo, temia a noite. Contudo, não temia a morte. Talvez também tivesse medo de algo mais grave. Escrevia longas cartas para o narrador, às vezes precisava ditá-las, e sua amiga A. escrevia. Várias dessas cartas eram bastante atormentadas. Queria viver, mas não a qualquer custo. Por isso, a frase: “Se você não me matar, você me mata” (Blanchot, 1991, p.29). O *récit* retrata a agonia do tratamento provocada pelos efeitos da morfina, a presença de parentes tratados como intrusos pelo narrador e as crises, que levam a acreditar na morte de J. No meio de uma dessas crises, o narrador interrompe a descrição da história de J., finalizando a primeira parte. Várias passagens de Blanchot são citadas no corpo do texto de Derrida, e pelo menos uma (a da pior crise) é citada na borda (cf. 1986a, p.194-7).

A idéia da morte é constante também na segunda parte, sempre diretamente relacionada às sensações despertadas no narrador. Outros personagens são introduzidos, geralmente não conectados aos da primeira. O narrador fala de acontecimentos e sensações desencadeados pelo contato com algumas mulheres, como C. (Colette), S. (Simone) e N. (Nathalie). No caso da tradutora Nathalie e sua filha Christiana, as histórias não se limitam a fatos esparsos: há uma continuidade, a ponto de Nathalie fazer parte de sua vida e de o narrador tentar pedi-la em casamento. Como na primeira parte, o livro não tem um fim

determinado. O ponto final é colocado após a frase do narrador sobre Nathalie: “vem’, e eternamente, ela está” (Blanchot, 1991, p.118). O nome próprio Nathalie surge em substituição a J. e pode ser lido como a vida, o nascimento.

A história permite que se compreenda a afirmação de Derrida: “*L’agonie, le combat entre vie et mort comme entre light and night, c’est bien l’élément du Triumph of life comme de L’arrêt de mort*” (1986a, p.167) (“A agonia, a luta entre vida e morte como entre *light and night*, é o elemento do *Triumph of life* assim como de *L’arrêt de mort*”).

Assim como ocorre o entrelaçamento dos contos de Poe na trilogia, em *Survivre* um *récit* encontra-se em outro ou um texto cita o outro. O narrador também aparece como primordial para o entendimento do texto, pois embora supostamente seja neutro (em francês, o “il” que se refere ao narrador pode ser neutro), determina o desenrolar do *récit*, ocupando, muitas vezes, o papel principal em *L’arrêt de mort*.

É possível até reconhecer o rastro de um dos contos de Poe na leitura derridiana de Blanchot. O próprio Derrida possibilita uma intertextualidade com *La lettre volée*, ao afirmar, em relação ao fato de Nathalie apoderar-se do cartão do escultor, geralmente guardado na carteira do narrador, que se trata de “*un autre vol*” (um outro roubo): “*dans le porte-feuille, elle avait trouvé non pas une lettre mais une carte, et une adresse, celle d’un statuaire qui ferait un moulage de sa tête et de ses mains ...*” (1986a, p.206) (“na carteira, ela havia encontrado não uma carta, mas um cartão, e um endereço, o de um escultor que faria um molde de sua cabeça e de suas mãos ...”). Esse fato é lembrado por

Derrida logo após uma longa citação de *L'arrêt de mort*, em que o narrador fala do desaparecimento da chave de Yale e do encontro com Nathalie (cf. Derrida, 1986a, p.200-4; Blanchot, 1991, p.99-101).

Entre outros aspectos, *L'arrêt de mort* é necessário para Derrida porque, no interior do próprio *récit*, são colocadas questões de língua e de tradução. Quando o narrador pede Nathalie em casamento, vem à tona mais uma diferença entre eles, a língua. Ele não domina, mas usa a língua dela, e recebe uma resposta, para ele, intraduzível. Nathalie, a tradutora, recusa-se a traduzir e impede a tradução (cf. Blanchot, 1991, p.94) e, por conseguinte, a concretização do ato performativo do casamento. Na borda, Derrida lembra que o fato de Nathalie ser tradutora havia despertado “impressões” no narrador:

Ne pas oublier que N. (Nathalie) est une traductrice ('elle traduisait des écrits de toutes sortes de langues...'). Le narrateur précise: 'C'était là un aspect de sa personne qui a contribué à me tromper sur elle'. (Derrida, 1986a, p.188)¹⁰⁸

Derrida também questiona, na borda, a tradução do “oui” (“yes”) (“sim”) daqueles que se casam no estrangeiro (1986a, p.187). Nesse sentido, a multiplicidade de línguas impediria o contrato de união entre duas pessoas e uma das razões é a irresponsabilidade com a qual o narrador usa a outra língua,

¹⁰⁸ “Não esquecer que N. (Nathalie) é uma tradutora (‘traduzia escritos das mais diversas línguas...’). O narrador especifica: ‘Esse foi um aspecto de sua pessoa que contribuiu para que eu me enganasse sobre ela’.” (Blanchot, 1991, p.84. Nos acréscimos de Derrida, tradução nossa).

como mencionamos no primeiro capítulo. A adoção da língua do outro é um risco que pode nos aproximar ou nos afastar para sempre em um movimento de rejeição, como o de Nathalie. O desejo de deixar a língua intraduzível pode simbolizar tanto a conscientização da ex-propriação, como a estranheza causada pela adoção de sua língua pelo outro.

Survivre é emblemático da multiplicidade de línguas e da impossibilidade da univocidade em uma só língua. A já citada afirmação de Derrida (1998c) de que a desconstrução é *plus d'une langue* aparece de forma incontornável nas línguas de Derrida, de Blanchot, de Shelley, da tradutora, do texto literário, do texto filosófico e da tradução. O entrelaçamento das línguas e dos textos revela a impossibilidade de se delimitarem as línguas e os gêneros textuais e comprova a existência de rastros e enxertos, sem um centro de origem absoluto.

Em *Survivre*, Derrida não apenas cita o gênero *récit* como coloca-o em prática, expondo a tradução à lei do gênero, isto é, desenvolve na borda o que poderia ser lido como um *récit* da tradução: o que acontece quando se traduz, quais os questionamentos levantados, quais as possibilidades de intertextualidade, quais as notas necessárias.

É possível identificar pelo menos uma diferença entre a utilização do enxerto no corpo do texto e na borda. No corpo, Derrida apresenta longas citações de Blanchot, com comentários esparsos a respeito da tradução, geralmente limitados aos títulos dos textos envolvidos. Há uma abertura muito maior ao texto do outro, inclusive utilizado para encerrar o texto derridiano. Já na

borda, a discussão sobre a tradução constitui o ponto principal. Por isso podemos dizer que *Survivre* é um *récit* sobre o *récit* de Blanchot, relacionado, pela tradução, ao poema de Shelley e que a borda é um *récit* do processo tradutório que envolve esses mesmos textos. Derrida faz o jogo entre o que se considera a parte “prática” do ato tradutório e a reflexão sobre esse ato, não sendo possível desatá-las. Com as notas ao/do tradutor na borda do texto, Derrida abala a dicotomia teoria/prática ou, melhor ainda, as notas encenam a impossibilidade de dissociar o ato tradutório das concepções (de língua, de texto, de tradução) determinantes desse ato.

III.6. *Journal de bord*: o rastro das notas ao/do tradutor

A borda pode ser considerada autônoma da parte de cima, embora, como dissemos anteriormente, não estejam dissociadas. Desde o início, reconhecemos vários pontos de interseção entre elas. Na borda, Derrida dedica *Survivre* a J.E. (Jacques Ehrmann), responsável por sua primeira visita a Yale, lembrando o uso das iniciais por Blanchot. Também no início, esclarece que o objetivo da borda equivale ao de “*un film à développer (to be processed?)*” (1986a, p.122) (“um filme a ser revelado (*to be processed?*)”), um *double bind* entre *The triumph of life/L’arrêt de mort*.

No corpo do texto, Derrida assinala que a tradução de *The triumph of life* mereceria uma nota dos tradutores, explicando o que se passa em francês ao se traduzir o título inglês. Como para justificar tal necessidade,

na borda ele mesmo pergunta como os títulos seriam traduzidos para o francês (*The triumph of life*) e para o inglês (*L'arrêt de mort*) (cf. 1986a, p.123-4). Outra questão do corpo do texto que retorna na borda diz respeito à tradução do *récit*: seria melhor deixá-lo em francês, já que, como afirma Derrida, "*Il est déjà assez difficile à entendre, dans le texte de Blanchot, en français*" (1986a, p.130) ("Já é bem difícil ouvi-lo, no texto de Blanchot, em francês")?

Dessa forma, as notas do tradutor (Derrida) questionam o próprio ato tradutório, como se *Journal de bord* fosse um lugar em que Derrida já anunciasse as discussões desenvolvidas posteriormente, por exemplo, quando considera a obrigação, a utilidade e a conveniência em traduzir ou não o parágrafo de Descartes (cf. Derrida, 1990b, p.313). São levantadas não apenas questões de cunho lingüístico (como traduzir tal palavra do francês para outras línguas e vice-versa), mas também questões teóricas sobre a tradução, como "*qu'est-ce traduire?*" (1986a, p.121) ("o que é traduzir?"), isto é, uma indagação supostamente além de qualquer nota e intrinsecamente ligada àquilo que o tradutor entende por seu trabalho, por sua tarefa, acaba por aparecer na grande nota enxertada em todo o texto (a borda). A respeito dessa questão, Derrida lembra que traduzir é economia. Paradoxalmente, as várias sugestões de Derrida sobre o acréscimo de notas do tradutor contrapõem a necessidade de economia, também citada em nota.

Entre outras questões "teóricas" levantadas no desenrolar da borda, podemos citar duas: "*Comment signer une traduction? Comment traduire un nom propre?*" (1986a, p.187) ("Como assinar uma tradução? Como traduzir



um nome próprio?") que também retomam discussões desenvolvidas por Derrida em outros textos e já mencionadas anteriormente.

Praticamente toda a obra trata dos desafios da tradução, muitas vezes questionando diretamente o tradutor ou apresentando possibilidades de tradução para determinado termo "intraduzível", por exemplo, quando lança aos tradutores a seguinte pergunta: "*Traduiront-ils verre et vitre par glas?*" (1986a, p.186) ("Traduzirão *verre* e *vitre* por *glas*?"). Ou ainda, em relação à tradução de "*il faut*" ou "*il ne faut pas dire*" ("é preciso" ou "não é preciso dizer"): "*Comment allez-vous traduire ça?*" (cf. 1986a, p.189-92) ("Como vocês vão traduzir isso?")

Derrida toma o lugar do tradutor, assinando as notas que constituiriam enxertos do tradutor no texto traduzido e, simultaneamente, traz as suas notas ao tradutor, chamando a atenção para a singularidade dos idiomas. Uma vez que essas notas não apresentam a estrutura "padrão" de uma nota do tradutor, acabam por nos levar a pensar a própria constituição de uma nota do tradutor.

Por meio do jogo de aspas, itálicos e parênteses e do entrelaçamento das várias línguas (francês, grego, inglês, alemão, italiano) Derrida demonstra seu interesse em discutir quando é oportuno acrescentar uma nota do tradutor, tomando para si o papel do proprietário responsável pela lei da casa: "*loi de l'oikos (maison, chambre, tombe, cripe)*" (cf. 1986a, p.121) ("lei de *oikos* (casa, quarto, tumba, cripta)"). De maneira inversa ao ocorrido em *Le facteur de la vérité*, aqui a palavra na outra língua aparece no texto e o francês

vem entre parênteses, elencando algumas possibilidades de tradução sem optar por nenhuma delas e sem impedir a proliferação de sentidos possibilitada por *oikos*. Logo em seguida, o termo é trazido em alemão (*Heimlichkeit/Unheimlichkeit*), totalizando um jogo entre pelo menos três línguas, como ocorrerá em todo o texto.

Às vezes, Derrida apenas sinaliza a necessidade da nota, deixando ao tradutor a decisão de acrescentá-la ou não, embora as observações feitas tornem a nota praticamente inevitável. Temos, por exemplo, a (im)possível tradução de *Pas* e de *Point*, sobre a qual Derrida afirma: “*Les traducteurs ne pourront pas traduire ce ‘pas’ et ce ‘point’*” (cf. 1986a, p.142-3) (“Os tradutores não poderão traduzir esse ‘pas’ e esse ‘point’”). Lembrar ao tradutor a impossibilidade de traduzir os dois termos se equipara, nesse caso, a fazer a nota que deverá existir na ocasião da tradução de *Survivre* (em inglês, em primeiro lugar, e depois em outras línguas). Semelhante a essa nota, temos várias outras dispersas em todo o texto, às vezes identificadas como notas aos tradutores. Nelas, a preocupação é diferente daquilo que vimos nos comentários sobre a tradução de Sam Weber (*Limited Inc.*), ou seja, Derrida não esclarece o uso de um termo ou sugere a tomada de posição face à tradução, mas questiona o tradutor, colocando-o em um embate com a língua do qual este não mais poderá sair. Em algumas vezes, chega a declarar a necessidade de ler em mais de uma língua (como também faz em *Le facteur de la vérité*): “*Les traducteurs devraient lire — et citer — tous ces textes en hébreu et en grec*” (1986a, p.175) (“Os tradutores deveriam ler — e citar — todos esses textos em hebreu e em grego”).

Como um discurso explicativo supostamente fora do texto, as notas acabam por se engendrar no texto, suscitando uma outra cadeia interpretativa. Tanto elas provocam uma incisão no texto, quanto possibilitam um novo jogo, com base em uma outra “costura”, com outros deslocamentos e transformações de sentido.

Por um lado, os questionamentos derridianos possibilitam ver na tradução a *survie* do original (sua sobrevivência/sobrevida), tanto no sentido de prolongamento da vida (o fato de manter-se vivo, de ter uma vida futura), como no sentido de vida após a morte. Por outro, mostram a tradução no limiar entre a vida e a morte, trazendo à tona seu lado apocalíptico e escatológico: a possibilidade de sua ruína. O limite, a borda, também é estar sempre entre a vida e a morte. Também por isso, o título do texto derridiano poderia ter sido *Survivre-en traductions* (cf. Derrida, 1986a, p.211).

A borda é o lugar onde Derrida questiona a base de seu próprio texto, quando pergunta:

Comment un texte, à supposer son unité, peut-il en donner à lire un autre sans y toucher, sans rien en dire, pratiquement sans même s'y référer? Comment deux 'triomphes' peuvent-ils se lire l'un l'autre, l'un et l'autre, sans même se connaître, à distance. A distance et sans se connaître, comme les deux 'femmes' de L'arrêt de mort. (Derrida, 1986a, p.124-5)¹⁰⁹

¹⁰⁹ “Como um texto, supondo sua unidade, pode dar a ler um outro sem tocá-lo, sem nada dizer dele, praticamente sem mesmo referir-se a ele? Como dois ‘triunfos’ podem se ler um ao outro, um e outro, sem mesmo se conhecer, a distância. A distância e sem se conhecer, como as duas ‘mulheres’ de *L'arrêt de mort*.”

Assim, Derrida questiona o entrelaçamento dos dois textos (Shelley e Blanchot), comparando essa conexão ao entrelaçamento ocorrido no interior do texto literário de Blanchot. Derrida destaca a constituição do texto, o fato de “um texto encontrar-se em outro” e a impossibilidade de não se interferir no texto lido, de não tocar no texto. No momento em que há os enxertos, as citações de um texto remetem indefinidamente a outro, provocando a dispersão de sentidos.

Culler considera o procedimento do enxerto em *Survivre* distinto do ocorrido em outros textos de Derrida, como em *Glas*, no qual se reúnem dois discursos lado a lado. *Survivre* “coloca um discurso acima do outro e dá ao mais baixo algo do enquadramento ou caráter parergonal do comentário” (1997, p.157). O enxerto ao qual Culler se refere trata unicamente do acréscimo de citações derridianas do *récit* de Blanchot e do poema de Shelley, não se referindo a pontos mais específicos, como as notas do/ao tradutor.

Diferentemente de Culler, não vemos na borda apenas um comentário, mas a impossibilidade de dissociação entre o corpo do texto e seu suplemento. Assim, lemos no corpo do texto a comprovação da borda, sendo impossível separá-los (como se faz com um comentário). Nesse sentido, a borda apareceria como suplemento do texto desenvolvido no lado superior, como uma imensa nota enxertada no texto, funcionando como um diálogo com os tradutores. Ela traz enxertos dentro de enxertos e instigações à discussão das opções de tradução. Com *Survivre*, o que deveria estar oculto aparece, mostrando a

construção do texto, como Derrida faz na leitura dos textos (traduzidos ou não). O processo tradutório (ato de constituição do texto traduzido) é desconstruído, como se fosse levantado o véu ou se abrisse a cortina para deixar ver as ocorrências nos bastidores da tradução.

Quando Derrida questiona a tradução de um termo, *Survivre*, por exemplo (nome próprio do texto), não só o aspecto lingüístico está em destaque, mas também a constituição de sentidos do texto, os efeitos interpretativos porventura desencadeados pela tradução. O contexto que torna possível a discussão desse termo específico é determinado pelos textos literários, cujos títulos, em conjunto com o título derridiano (*L'arrêt de mort, The triumph of life, Survivre*), revelam o jogo da vida/morte/sobrevida/sobrevivência, com a geração de novos contextos em novos textos. Recorrendo a um dos comentários de Derrida a respeito da tradução dos títulos, poderíamos dizer que o texto literário abre caminho para um maior jogo de sentido porque revela o parasitismo na linguagem, um outro termo do campo da hospitalidade que designa a abertura para novos contextos, diferentes daquele considerado "normal". Como afirma Derrida, "*aucun sens ne se détermine hors contexte mais aucun contexte ne donne lieu à saturation*" (1986a, p.125) ("nenhum sentido se determina fora de contexto, mas nenhum contexto dá lugar à saturação").

A dupla espiral de *Survivre* coloca em discussão a conexão entre as línguas "materna" (o francês de Derrida e de Blanchot) e estrangeira(s) (especialmente o inglês de Shelley), que acabam por se entrelaçar, embora, aparentemente, haja uma separação entre elas. Esse entrelaçamento também é

possibilitado pelo jogo provocado pelo enxerto, pela presença das línguas e dos textos do outro no texto de Derrida.

Embora seja possível reconhecer diferenças de enfoque no tratamento dos textos literários lidos por Derrida aqui tratados, alguns aspectos acabam relacionando-os. Tanto o texto de Kafka como os textos de Blanchot possibilitam que Derrida questione o gênero literário (o *récit*), as características definidoras do literário, em especial a questão da “verdade da ficção”. Com Andersen e, de maneira mais acentuada, com Poe, acrescenta-se a essas discussões a possibilidade de o literário ser usado como testemunho de uma verdade (no caso, da psicanálise).

Na leitura derridiana desses textos “literários”, as operações de tradução permitem que se coloque em discussão questões sobre a assinatura, o idiomático do texto e a responsabilidade (inclusive teórica) do tradutor perante o texto traduzido. Especialmente em *Le facteur de la vérité*, as operações de tradução são utilizadas por Derrida para mostrar como a falta de atenção para com a letra do texto, para o que constitui a sua singularidade, pode impedir a intertextualidade e provocar interpretações no texto de chegada não suscitadas pelo texto de partida ou vice-versa.

Na borda de *Survivre*, Derrida mostra ainda que é impossível dissociar as discussões sobre a tradução e o ato tradutório em si. Ao colocar mais de uma língua em cena e, assim, propor a discussão sobre a (in)traduzibilidade, permite o debate, por exemplo, da questão da economia da tradução, da impossibilidade de traduzir sem fazer acréscimos, interferências e enxertos.



O movimento do “*viens*”, constituinte de todo o texto de Blanchot e de muitos textos de Derrida, traz o chamado ao outro, a abertura à alteridade. “Vem” não é simplesmente uma marca de imperativo ou de um desejo, mas ambos ao mesmo tempo; é também a possibilidade de acolhimento do outro em um gesto de hospitalidade responsável por garantir a sua *survie*.

A afirmação “*un text ne vit que s’il sur-vit, et il ne sur-vit que s’il est à la fois traductible et intraduisible*” (Derrida, 1986a, p.147-8) (“um texto só vive se sobre-vive e só sobre-vive se é, *ao mesmo tempo*, tradutível e intraduzível”) leva-nos às características da textualidade vistas no capítulo anterior: a resistência do texto à leitura e a restância constitutiva (o resto deixado por toda tradução, como diz Derrida) (cf. 1986a, p.163-4). Nesse sentido, *Survivre* também é uma maneira de confirmar que a tradução, como resultado de uma leitura (ou contra-assinatura) será considerada “relevante” se puder garantir a *survie* de um texto.



Algumas conclusões

A relação entre Derrida e a tradução pode ser vista de várias maneiras. Pode-se estudar o Derrida tradutor, diretamente responsável pela tradução de Husserl e do *Aufhebung* de Hegel, mas cuja prática da tradução, seja em forma de sugestões para o tradutor, seja propondo traduções para termos específicos, está disseminada em toda sua obra. Pode-se abordar o Derrida teórico da tradução, como vem sendo feito pelos estudiosos da tradução no Brasil e em muitos outros lugares, em particular com base em noções como a da *différance*. Pode-se abordar o Derrida crítico da tradução, que aponta os problemas das opções tradutórias de textos literários e de textos filosóficos, chamando a atenção do leitor para o fato de o texto já ter passado por uma leitura, com a qual ele nem sempre concorda. Pode-se abordar a tradução em Derrida, nossa opção durante o presente estudo, baseada na utilização do que chamamos de operações de tradução no texto derridiano, que dizem respeito a atos tradutórios envolvendo mais de uma língua. Tais operações tornam possível revelar as articulações entre os textos, explorar as forças e as estruturas passíveis de repetição na leitura e na escrita, e mostrar a indissociabilidade entre o pensamento de Derrida e a tradução.

O texto derridiano é caracterizado pela presença da(s) língua(s) estrangeira(s) e por discussões sobre a tradução, seja da língua francesa para outras, seja de outras para a língua francesa. Como exemplares do primeiro caso, Derrida questiona a tradução do *L'hôte*, de Camus, para o inglês (*guest*), que impede o jogo encontrado na ambigüidade do francês (*hôte* como *hóspede* e



anfitrião). Também em relação ao inglês, Derrida questiona a tradução de *L'arrêt de mort*, de Blanchot, traduzido por *Death sentence* de acordo com o vocabulário comum, mas que pode apresentar, no contexto “não normal” da literatura, outras possibilidades de tradução. Ainda na direção francês—outra língua, Derrida traz o caso da omissão da tradução, para o latim, do enunciado performativo de Descartes: “*et si j'écris en français, qui est la langue de mon pays ...*” (cf. Derrida, 1990b, p.283) (“e se escrevo em francês, que é a língua do meu país ...”), considerado, por seus tradutores, uma informação desnecessária para o leitor do latim.

Como exemplares do uso da tradução de outras línguas para o francês, temos a tradução do alemão de Kafka e do inglês de Poe e Shelley. Em Kafka, a omissão de um adjetivo é o ponto de destaque de Derrida. Para o filósofo, não especificar uma característica do porteiro, em *Devant la loi*, é mais do que não observar suas características físicas, já que impede a conexão com a psicanálise e provoca a reação do homem do campo que, intimidado pela estranha aparência do porteiro, prefere não tentar entrar. Com respeito ao poema de Shelley, Derrida questiona especialmente a tradução do título (*The triumph of life*) para o francês, lembrando a dificuldade de traduzir seus próprios títulos — nomes próprios dos textos — para outras línguas. Finalmente, a tradução baudelairiana de Poe, a mais emblemática da importância das operações de tradução, pois não só impede o reconhecimento e o desenvolvimento da “ilustração” da tese psicanalítica, como também impede a intertextualidade com os outros contos da trilogia (*The purloined letter* (*La lettre volée/A carta roubada*), *The mystery of*

Marie Roget (Mystère de Marie Rogêt/O mistério de Marie Rogêt) e *The murders in the rue Morgue (Double assassinat dans la rue Morgue/Os crimes da rua Morgue)*)), minimiza o papel do narrador, primordial para a descrição e a interpretação do personagem Dupin, o que acaba levantando também a discussão sobre a constituição do texto dito literário. Comprovamos, assim, que não existe um tratamento diferenciado para a língua francesa porque supostamente seria a língua materna de Derrida (característica que ele mesmo questiona). Longe disso, há uma atenção para o idiomático de toda língua.

É na leitura desses textos, considerados literários, que Derrida encontra recurso para tratar da tradução e para questionar alguns pressupostos tradutórios tradicionalmente arraigados em nossa cultura. O texto literário surge como o mais aberto a interpretações e, ao mesmo tempo, como um texto em que a questão da assinatura tradicionalmente recebe maior importância, pois é o que mais pede a resposta do outro, a sua contra-assinatura. Como um texto supostamente capaz de dizer tudo, o literário traz a possibilidade do segredo (sem segredo) e paradoxalmente implica uma responsabilidade ainda maior de quem o contra-assina.

Diz-se, geralmente, que a tradução do texto literário deve ser feita com o mínimo de interferência possível, em especial sem acréscimos do tradutor. Por isso, usualmente evitam-se os acréscimos, como as notas do tradutor. De acordo com Derrida,



Aucun critique, aucun traducteur, aucun professeur n'a, en principe, le droit de toucher au texte littéraire une fois publié, légitimé et autorisé par un dépôt légal; héritage sacré, même si c'est en milieu athée soi-disant sécularisé. On ne touche pas à un poème! Ni à un texte de loi, et la loi est sacrée — comme le contrat social —, dit Rousseau. L'origine de cette sacralisation m'intéresse partout où elle se produit. L'opposition sacrée/séculière est bien naïve, elle appelle bien des questions déconstructrices. (Derrida, 2001f)¹¹⁰

O uso das operações de tradução nos textos literários também são uma maneira de Derrida questionar a sacralização do literário. Assim, ao citar o literário em um outro contexto, ao lançar mão dos enxertos, por meio do acréscimo na outra língua ou por meio de notas, ao questionar o segredo do literário, a capacidade do literário de dizer ou não a verdade, Derrida está, de diversas maneiras, colocando em xeque a suposta “intocabilidade” do literário. Mais do que isso, o filósofo coloca em questão até o que determinaria a literariedade de um texto.

A utilização das operações de tradução, mais especificamente do enxerto como procedimento que revela essa utilização, deixa transparecer o espaço aberto ao outro, ou seja, inserir a outra língua é também fazer a

¹¹⁰ “Nenhum crítico, nenhum tradutor, nenhum professor tem, em princípio, o direito de tocar no texto literário uma vez publicado, legitimado e autorizado por um depósito legal; herança sagrada, mesmo no meio ateu supostamente secularizado. Não se toca em um poema! Nem em um texto de lei, e a lei é sagrada — como o contrato social —, diz Rousseau. A origem dessa sacralização me interessa em todo lugar onde ela se produz. A oposição sagrado/secular é bastante ingênua, convida a muitas questões desconstrutoras.”

experiência do outro, mergulhando no idiomático do texto, aproximando-se dele, mesmo sabendo que ele resiste, estabelecendo uma distância e não se deixando apropriar. Ao mesmo tempo em que há a resistência da apropriação, há a resistência da “minha” língua e a minha resistência em acolher o outro. Por isso, embora se busque manter a alteridade e a diferença do outro, o fato de conservar a língua estrangeira no texto traduzido não garante nem implica o respeito por essa língua e esse texto, pois a validade desse procedimento depende do jogo entre os textos e da atenção à singularidade de cada um deles. O outro pode permanecer como outro, no umbral, destacado por meio de parênteses, itálicos, aspas, enfim, por recursos que auxiliam a impedir sua assimilação e a estabelecer uma fronteira (espaço doado que não pertence ao outro e nem a mim).

Não podemos esquecer que o enxerto, como procedimento de escrita aqui enfocado, só é possível porque faz parte da característica do signo poder ser transportado, citado em outro lugar, repetido, iterável. Nesse sentido, a lógica do acolhimento do outro também pode ser vista como parasitismo, em que um texto se hospeda em outro para sobreviver, assim como dá hospedagem ao outro, beneficiando-se do texto hóspede. Em outras palavras, ao lado do “respeito” ao outro, há a “possibilidade necessária” do parasitismo, que define a relação com a alteridade. Como afirma Siscar, “é, portanto, o enxerto (operação de ‘corte’ e de ‘costura’ pressuposta pela assinatura) que põe em ação ou que já pressupõe a tensão no *texto*” (Siscar, 1998, p.251).

Diferentemente do que possa aparentar, a conservação de expressões ou texto na outra língua não visa a defender uma intraduzibilidade



irrestrita ou a estimular um julgamento sobre as traduções, mas a mostrar a dificuldade inerente a toda tradução, proporcionando uma leitura mais aguda do texto de partida e do texto de chegada. De qualquer forma, se algo como uma impossibilidade total existisse, diria respeito à tradução (econômica) dos indecidíveis, à tradução de palavras que pertencem a mais de uma língua (é a mesma palavra, mas também é outra) e à tradução de um texto em mais de uma língua para uma das línguas que já estão no texto (traduzir de uma língua para a mesma). Em todos esses casos, é possível que se lance mão de recursos que trabalhem essa “intraduzibilidade”, como por meio da assimilação ou inserção da outra língua ou por meio de notas do tradutor, como fazem os tradutores de Derrida para o inglês, ao acrescentar uma nota explicitando: “termo em inglês no texto original”, quando se deparam com o inglês no texto em francês, ou quando acrescentam o termo em francês entre parênteses, após o termo traduzido.

Por meio das operações de tradução utilizadas em seu próprio texto, Derrida apresenta alguns cuidados com a língua e o texto do outro reveladores de sua atenção à alteridade. Há uma preocupação hermenêutica aliada a uma preocupação com os possíveis jogos de sentido passíveis de serem formados com base na escolha entre uma palavra e outra, uma expressão e outra. Nada melhor do que a escritura derridiana para mostrar esses jogos, uma vez que é caracterizada pelo enxerto de textos e de línguas que, ao mesmo tempo em que se unem, se afrontam; se engendram e se transformam, remetendo sempre a outro texto e dando vez a uma nova tessitura.

Um dos procedimentos usuais no texto de Derrida é o enxerto de outra língua, entre parênteses, no texto traduzido, especialmente verificado em *Limited Inc.* e nos textos ditos literários. Também ocorre a utilização do enxerto da outra língua sem a tradução do termo, mostrando o entrelaçamento entre a língua de partida e a língua do outro, como vimos no uso de termos como *pharmakon* e na leitura de Derrida de Freud (*Die Traumdeutung*). Há ainda o enxerto de duas traduções para o mesmo texto, lado a lado ou uma no corpo do texto e outra em nota, constatado, por exemplo, em *Schibboleth* e *De l'hospitalité*. Finalmente, temos o enxerto de sugestões, críticas e comentários à tradução, no corpo do texto ou em notas, disseminado por vários textos derridianos, particularmente em *Survivre*. Em todos os casos, as inserções funcionam como suplemento, possibilitando a disseminação de sentidos e o jogo com a língua/texto do outro.

Traduzindo ou não, inserindo a outra língua no texto ou não, lembrando o leitor de que está lendo uma tradução ou lembrando o tradutor da existência de opções talvez mais adequadas, Derrida acaba encenando o mesmo ato: a resistência do idiomático da língua e dos textos, daquilo que não se deixa dominar, também conhecido como a restância constitutiva, o *double bind* da tradução.

O enxerto torna possível a percepção do outro, pois coloca em cena a tensão de pelo menos duas línguas e duas assinaturas e impede a hierarquização entre a língua materna e a língua estrangeira, entre um texto e outro. Como afirma Derrida, "*l'identité d'une langue ne peut s'affirmer comme*



identité à soi qu'en s'ouvrant à l'hospitalité d'une différence à soi ou d'une différence d'avec soi." (1996a, p.28) ("a identidade de uma língua só pode se sustentar como identidade em si abrindo-se à hospitalidade de uma diferença em si ou de uma diferença de si"). A identidade sustenta-se sobre o parasitismo; por isso, preciso do outro para estabelecer quem sou, o que acaba levando a uma transformação tanto daquele que acolhe, quanto do que é acolhido. Derrida mostra que a língua materna não é a única a ser modificada com a inclusão da língua do outro; a língua estrangeira também deixa de ser a mesma quando é enxertada em minha língua. Ele afirma:

Accueillir l'autre dans sa langue, c'est tenir compte naturellement de son idiome, ne pas lui demander de renoncer à sa langue et à tout ce qu'elle incarne, c'est-à-dire des normes, une culture (ce qu'on appelle une culture), des coutumes, etc. La langue est un corps, on ne peut pas lui demander de renoncer à cela ... C'est une tradition, une mémoire, ce sont des noms propres. (1999a, p.73)¹¹¹

O outro é aquele que está por vir em substituição ou como promessa de um acontecimento textual singular. Ao acolher a língua do outro passamos a perceber o idiomático da nossa língua e da língua do outro; no entanto, esse acolhimento não se dá de forma irrestrita. Há uma resistência no

¹¹¹ "Acolher o outro em sua língua é levar em consideração naturalmente seu idioma, não lhe pedir para renunciar à sua língua e a tudo o que ela encarna, isto é, as normas, uma cultura (isso que chamamos de cultura), os costumes, etc. A língua é um corpo, não podemos lhe pedir para renunciar a isso ... É uma tradição, uma memória, trata-se de nomes próprios."

contato com o estranho/estrangeiro, uma hostilidade que nos leva a considerar o neologismo *hostipitalité* (*hostipitalidade*) como o mais apropriado para designar a relação com o outro, pois possibilita o jogo entre o *host* (anfitrião, hostil, inimigo) e a *hospitalité* (hospitalidade).

Além de mostrar o estrangeiro como outro, o enxerto dramatiza seu acolhimento. Em um ato de *hostipitalidade*, o texto derridiano se abre à língua e ao texto do outro, aceitando-o em sua singularidade: *“le premier devoir de l’hôte (au double sens français de guest et de host), c’est de payer quelque attention, comme diraient ici certains, et de payer quelque hommage ou tribut à la différence linguistique* (Derrida, 1996a, p.26) (“o primeiro dever do hóspede (no sentido duplo do francês, de convidado e anfitrião) é o de dar alguma atenção, como diriam alguns aqui, e de render alguma homenagem ou tributo à diferença lingüística”). Contudo, esse acolhimento, como dissemos, não ocorre sem alguma resistência. Logo, mesmo que o texto de Derrida represente sempre uma abertura ao outro, “relevada” pela inserção do outro em “sua” língua e em seu texto, (por meio do enxerto), há uma resistência constitutiva de qualquer leitura. Portanto, a atitude derridiana em relação à língua do outro não é nem de recusa, nem de aceitação incondicional, mas de *hostipitalidade*.

A experiência pessoal de Derrida com a língua francesa (a língua materna que não lhe pertence) proporciona-lhe a percepção da desapropriação da língua e da impossibilidade da univocidade. Essa percepção acaba por determinar o idiomático de seu texto, abalando a delimitação e a dicotomização entre língua materna e língua estrangeira. De certa maneira,



Derrida deixa o lar de uma tradição francesa (priorizadora de traduções domesticadoras) para dar lugar ao diferente, ao totalmente estranho: a língua do outro.¹¹²

A aceitação da alteridade toma em consideração principalmente a singularidade do texto, sua assinatura, sua letra. Nesse sentido, aceitar o texto do outro também é ser fiel a ele. A fidelidade em questão diz respeito à possibilidade de uma contra-assinatura que “subscreva a lei do outro”, aliando-se a ele, como diz Derrida (cf. 1998c, p.262-3). O ser fiel, portanto, estaria relacionado à capacidade de transformar a língua da tradução de forma a estar de acordo com a singularidade da assinatura do texto original. Dessa maneira, o mais fiel muitas vezes pode ser considerado o mais infiel (no sentido tradicional), pois a fidelidade, para Derrida, diz respeito à possibilidade de contra-assinar um texto levando em conta o caráter idiomático da língua da tradução. Assim, o texto traduzido deve proporcionar o maior número de conexões possíveis, deve ser o mesmo texto, mas também outro, já que nem o original não é, jamais, o “mesmo” texto. Como diz Derrida, a respeito da tradução do termo *déconstruction* para o japonês,

*La chance pour (la) 'déconstruction', ce serait qu'un autre mot
(le même et un autre) se trouve ou s'invente en japonais pour dire la même
chose (la même et une autre), pour parler de la déconstruction et pour*

¹¹² De acordo com Berman, a França continua sendo uma zona cultural onde a tradução etnocêntrica conserva sólidos bastiões (cf. Berman, 2002, p.322).

l'entraîner ailleurs, l'écrire et la transcrire. Dans un mot qui serait aussi plus beau. (1987a, p.393)¹¹³

Qualquer texto é sempre único, não há texto idêntico a si mesmo. Em consequência, a cada leitura algo novo acontece, sobretudo nas boas traduções, como afirma Derrida (1999b). O texto é rastro de rastros marcados pelo outro em um jogo interminável de interferência do hóspede e resistência do anfitrião. As operações de tradução possibilitam o reconhecimento da engrenagem textual derridiana, o tratamento da língua e do texto do outro, em que sempre se considera a assinatura (ou contra-assinatura) do tradutor.

Se, por um lado, o tratamento da língua no texto derridiano permite uma maior atenção à singularidade do idioma, por outro, leva seu texto a ser considerado de difícil compreensão. Derrida contesta a intraduzibilidade atribuída a seu texto, afirmando que quanto mais um texto parece intraduzível, mais pede a tradução. A dificuldade de compreensão se dá pelo fato de Derrida retomar um termo aparentemente anódino, considerando-o de forma não usual e investindo-o em uma cadeia da qual não pode ser dissociado. Isso acontece, por exemplo, com *différance*, rastro, suplemento e disseminação, ou com hospitalidade, substituição, doação e promessa. Nenhum termo (operador textual)

¹¹³ “A possibilidade para (a) ‘desconstrução’ seria que uma outra palavra (a mesma e uma outra) se encontrasse ou se inventasse em japonês, para dizer a mesma coisa (a mesma e uma outra), para falar da desconstrução e para conduzi-la para um outro lugar, escrevê-la e transcrevê-la. Em uma palavra que seria também mais bela” (1998a, p.24).



derridiano possui um sentido unívoco, tornando praticamente impossível priorizar uma só significação.

Após a dispersão da torre de Babel e o advento da multiplicidade das línguas, estamos para sempre condenados à tradução, não pressupondo a intraduzibilidade, mas a incompletude, ou seja, a permanência do texto entre o traduzível e o intraduzível, em um processo tradutório sem fim. Para Derrida, tudo é intraduzível quando se considera uma definição de tradução baseada na lei da economia (tradução de uma palavra ou uma expressão por outra, sem notas, sem acréscimos). Por outro lado, nada é intraduzível se levarmos em conta que o texto traduzido será a promessa de um outro acontecimento textual, diferente do texto de partida. Nesse sentido, podemos retomar a afirmação feita em *Survivre*:

Un texte ne vit que s'il sur-vit, et il ne sur-vit que s'il est à la fois traductible et intraduisible (toujours à la fois, et: ama, en "même" temps). Totalement traductible, il disparaît comme texte, comme écriture, comme corps de langue. Totalement intraduisible, même à l'intérieur de ce qu'on croit être une langue, il meurt aussitôt. La traduction triomphante n'est donc ni la vie ni la mort du texte, seulement ou déjà sa survie. On en dira de même de ce que j'appelle écriture, marque, trace, etc. Ça ne vit ni ne meurt, ça survit. (Derrida, 1986a, p.147-8)¹¹⁴

¹¹⁴ "Um texto só vive se sobre-vive e só sobre-vive se é, *ao mesmo tempo*, tradutível e intraduzível (sempre *ao mesmo tempo*, e: *ama*, no 'mesmo' tempo). Totalmente tradutível, ele desaparece como texto, como escritura, como corpo de língua. Totalmente intraduzível, mesmo no interior do que acreditamos ser uma língua, morre imediatamente. A tradução triunfante não é, portanto, nem a vida, nem a morte do texto, somente ou antes (*déjà*) sua sobrevivência/sobrevida. Diremos o mesmo disso que eu chamo escritura, marca, rastro, etc. Isso não vive nem morre, isso sobrevive."

A *survie* (sobrevivência/sobrevida) do texto depende, portanto, da tradução. Derrida esclarece que qualquer texto é caracterizado por uma certa intraduzibilidade. Por outro lado, qualquer texto também pode ser visto como um convite à tradução e se constituirá em outro texto, vindo em substituição, transformando o texto de partida. Essa substituição acontece dentro de um jogo de rastros e suplementos constitutivos de um texto, sem nenhuma referência absolutamente exterior, uma vez que não há algo fora do texto. A substituição sempre poderá gerar novas substituições, desencadeando novas interpretações e provocando novos efeitos.

As operações de tradução no texto derridiano revelam um movimento duplo de convite e, ao mesmo tempo, de resistência à língua e ao texto do outro. Como acolhedor da língua do outro, o texto de Derrida procura dar atenção ao idiomático por meio do enxerto de termos entre parênteses ou da adoção da língua estrangeira. Esse gesto acaba por mostrar a resistência da língua do outro à tradução. Por isso, temos em Derrida comentários sobre a tradução do francês para outras línguas e vice-versa, revelando tanto a impossibilidade de apropriação da língua quanto a impossibilidade de uma língua ser única e unívoca.

Como acolhedor do texto do outro, especialmente do texto traduzido, Derrida parece mostrar que, embora o texto esteja aberto e convide à leitura, há uma resistência constitutiva, a restância que possibilita que o texto permaneça aberto a outras leituras. Assim, por maior que seja a consideração à assinatura do texto, ao que constitui sua singularidade, haverá sempre um resto.



No caso do texto dito literário, essa restância pode ser caracterizada pelo “segredo”, por aquilo que, mesmo revelado, permanece oculto.

O texto derridiano também representa o movimento duplo da tradução. Por um lado, ao utilizar as operações de tradução, Derrida deixa claro que há uma multiplicidade de línguas e impurezas na própria língua. Nesse sentido, o texto traduzido só poderá ser outro, diferente do texto de partida. Por outro, explicita, por meio de suas escolhas tradutórias, que é preciso considerar a singularidade de cada texto, respondendo à dívida instituída pelo processo tradutório, ou, simplesmente, buscando a tradução mais “relevante”:

*Une traduction relevante serait donc, tout simplement, une ‘bonne’ traduction, une traduction qui fait ce qu’on attend d’elle, en somme, une version qui s’acquitte de sa mission, honore sa dette et fait son travail ou son devoir en inscrivant dans la langue d’arrivée l’équivalent le plus **relevant** d’un original, le langage **le plus** juste, approprié, pertinent, adéquat, opportun, aigu, univoque, idiomatique, etc.* (Derrida, 1999c, p.24)¹¹⁵

Ao mesmo tempo em que afirma que a tradução só pode ser outro texto, transformado, Derrida defende a fidelidade à assinatura e à singularidade do texto de partida. Por conseguinte, invalida as críticas geralmente atribuídas à sua definição de tradução como transformação, pois mostra que,

¹¹⁵ “Uma tradução relevante seria, portanto, simplesmente, uma ‘boa’ tradução, uma tradução que faz tudo o que dela se espera, uma versão, em suma, que cumpre sua missão, honra sua dívida e faz seu trabalho, ou seu dever, inscrevendo na língua de chegada o equivalente mais ‘*relevant*’ de um original, a linguagem a *mais* precisa, apropriada, pertinente, adequada, oportuna, penetrante, unívoca, idiomática, etc.” (2000a, p.17).

embora essa transformação seja inevitável, ela deve responder ao imperativo do texto, à lei de sua constituição.

As operações de tradução permitem que se desfaça a malha do texto de Derrida e manifestam os entrelaçamentos, a intertextualidade, a presença do outro. Como vimos nas afirmações derridianas, “um texto encontra-se em outro” e “um texto lê o outro”, formando uma rede sem fim nem começo determinados, conforme foi constatado em *Le facteur de la vérité*, tanto no caso das citações do(s) texto(s) de Baudelaire/Poe, como no caso das citações de Freud, Lacan e Bonaparte. O texto permanece sempre aberto à alteridade, à possibilidade de inserção do texto do outro, e a tradução possibilita que se perceba essa configuração, tornando manifestas as estruturas textuais. Freud, assim como Lacan e Bonaparte, pressupõe uma verdade no texto (de Andersen e de Poe) questionada por Derrida ao mostrar, com as operações de tradução, outras interpretações, pois não há um sentido plasmado no texto, só há *différance*. No duplo gesto de acolhimento e resistência, *Le facteur de la vérité* mostra o ato de hostipitalidade característico do tratamento do texto do outro. Esse ato é determinado pela “*loi de l’hospitalité, la loi formelle qui gouverne le concept général d’hospitalité, [qui] apparaît comme une loi paradoxale, pervertissable ou pervertissante*” (“lei da hospitalidade, a lei formal que governa o conceito geral de hospitalidade, [que] aparece como uma lei paradoxal, pervertível ou pervertizante”) (Derrida, 1997a, p.29).

Com *Survivre*, além da intertextualidade entre os textos em inglês de Shelley e em francês de Blanchot, vimos a impossibilidade de questões

teóricas se desvinculem de questões práticas da tradução, com base na leitura derridiana de *The triumph of life* e *L'arrêt de mort*. As notas do/ao tradutor apresentadas na borda inferior (*Journal de bord*) mostram a indissociabilidade entre teoria e prática da tradução, a impossibilidade de pensar a tradução sem estar dentro dela, ou seja, colocam em cena a impossibilidade de o pensamento sobre a tradução ser desvinculado do ato tradutório.

Dessa forma, Derrida possibilita o redimensionamento de algumas questões que sempre permearam o estudo da tradução, como a dicotomização entre língua materna e língua estrangeira, entre texto filosófico e texto literário e entre teoria e prática. A lógica das operações de tradução no texto derridiano permite desfazer as polarizações, subvertendo-as. O procedimento do enxerto, por meio do jogo entre as línguas, mostra a impossibilidade de delimitação total entre a minha língua (que não é única, nem me pertence) e a língua do outro.

O uso das operações de tradução nos textos literários lidos por Derrida confirma a inexistência de diferenças significativas entre o tratamento da tradução nesses textos e nos demais, não só em virtude do caráter idiomático de qualquer texto, mas também pela impossibilidade de estabelecer uma “essência” caracterizadora do literário ou do filosófico. Mais do que estabelecer as diferenças entre os textos, essas operações permitem perceber a importância da tradução na constituição do pensamento derridiano e mostrar a recombinação do(s) texto(s) por meio da inclusão de elementos ausentes no texto traduzido ou no texto original.



Podemos concluir, com base no funcionamento da tradução no texto derridiano, que é preciso considerar a singularidade do texto e do idioma, os deslocamentos ocorridos na própria língua e na língua do outro, as exclusões e os impasses gerados na produção de sentido e na construção do texto traduzido, respondendo ao apelo do outro de forma hospitaleira. Sendo assim, a lei da tradução em Derrida consiste em, simultaneamente, transformar o texto do outro, substituindo-o na diferença, e respeitá-lo, sendo fiel à sua singularidade. A dupla lei da tradução, como a “dupla lei da hospitalidade”, consiste em “*calculer les risques, oui, mais ne pas fermer la porte à l'incalculable, c'est-à-dire à l'avenir et à l'étranger*” (Derrida, 1997c) (“calcular os riscos, sim, mas não fechar a porta ao incalculável, ou seja, ao devenir e ao estrangeiro”).

É preciso considerar uma ética da hospitalidade, uma política de hospitalidade para o acolhimento do outro, pois Derrida declara:

Je suis d'une certaine manière l'otage de l'autre, et cette situation d'otage où je suis déjà l'invité de l'autre en accueillant l'autre chez moi, où je suis chez moi l'invité de l'autre, cette situation d'otage définit ma propre responsabilité. ... C'est un rapport de tension, cette hospitalité est tout sauf facile et sereine. Je suis en proie à l'autre, l'otage de l'autre et l'éthique doit se fonder sur cette structure d'otage. (Derrida, 1999a, p.66)¹¹⁶

¹¹⁶ “Sou de uma certa maneira refém do outro, e essa situação de refém, na qual já sou convidado do outro acolhendo o outro em minha casa, na qual sou em minha casa o convidado do outro, essa situação de refém define minha própria responsabilidade. ... É uma relação de tensão, essa hospitalidade é tudo, exceto fácil e serena. Sou atormentado pelo outro, o refém do outro e a ética deve se fundar sobre essa estrutura de refém.”

A ética não pode ser calculada ou comandada, não é regulada por leis; ela depende da responsabilidade e conscientização de cada um. Encerramos, dando novamente a palavra a Derrida:

La philosophie de la traduction, l'éthique de la traduction, s'il y en a, serait aujourd'hui une philosophie du mot, une linguistique ou une éthique du mot. Au commencement de la traduction, il y a le mot. (Derrida, 1999c, p.27)¹¹⁷

¹¹⁷ “A filosofia da tradução, a ética da tradução, se ela existe, seria **hoje** uma filosofia da palavra, uma lingüística ou uma ética da palavra. No início da tradução, existe a palavra.”

Referências bibliográficas

AGUIAR, O. B. A posição da tradução através da história. In: I Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação. **Anais ...** São Paulo: Unibero, 1998. p.264-268.

ARROJO, R. **Oficina de tradução**. A teoria na prática. São Paulo: Ática, 1986. (Princípios).

_____. (Org.). **O signo desconstruído**. Campinas: Pontes, 1992.

_____. **Tradução, desconstrução, psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. **Cadernos de Tradução**, v.1, p.53-69, 1996.

_____. "O tradutor cleptomaniaco" e a mudança de paradigma nos estudos da tradução. In: I Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação. **Anais ...** CIATI. São Paulo: Unibero, 1998. p.99-102.

_____. Modernidade e o desprezo pela tradução como objeto de pesquisa. **Alfa**. Revista de Lingüística. São Paulo: UNESP, v.44 (n.esp.), p.71-88, 2000a.

_____. Algumas relações entre marginalidade e prescritivismo: a tradução e o tradutor como objetos de pesquisa. **Estudos Lingüísticos XXIX**. Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. Assis: UNESP. v.29, p.43-51, 2000b.

_____. Tradução. In: JOBIM, J. L. (Org.). **Palavras da crítica**. Tendências e conceitos no estudo da Literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992a. 411-444.

AUSTIN, J.M. **Quando dizer é fazer**. Palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

BELLEI, S. "Não bula comigo, NhoNhô!": tradução trauma e pseudo(terapia). **Cadernos de Tradução III**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, v.3, p.49-61, 1998.

BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. Tradução de Karlheinz Barck et al. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1992.



BENNINGTON, G. e DERRIDA, J. **Jacques Derrida**. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BERMAN, A. **A prova do estrangeiro**. Tradução de Maria Emília Chanut. Bauru: Sagrado Coração, 2002.

BLANCHOT, M. **L'arrêt de mort**. Paris: Gallimard, 1948.

_____. **Pena de morte**. Tradução de Ana Maria de Alencar. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

CAMUS, A. **O exílio e o reino**. Tradução de Valerie Rumjanek. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. p.75-92.

CARVALHO, L. F. M. Desconstrução. In: JOBIM, J. L. (Org.). **Palavras da crítica**. Tendências e conceitos no estudo da Literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.93-110.

_____. Hospitalidade e propriedade: em torno de um narcisismo residual. In: GLENADEL, P. NASCIMENTO, E. (Org.). **Em torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p.133-140.

CHAMBERLAIN, L. Gênero e a metafórica da tradução. Tradução de Norma Viscardi. In: OTTONI, P. (Org.). **Tradução: a prática da diferença**. Campinas: Unicamp, Fapesp, Faep, 1998. p.33-54.

CULLER, J. **Sobre a desconstrução**. Tradução de P. Burrowes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

_____. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução de Sandra G. T. Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

DERRIDA, J. Introduction. In: HUSSERL, E. **L'origine de la géométrie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1962. p.3-171.

_____. **De la Grammatologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967a.

_____. Freud et la scène de l'écriture. In: _____. **L'écriture et la différence**. Paris: Éditions du Seuil, 1967b.



_____. Freud e a cena da escritura. In: _____. **A escritura e a diferença.** Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971. p.179-227.

_____. **La Dissémination.** Paris: Seuil, 1972a.

_____. **Positions.** Paris: Les Éditions de Minuit, 1972b. (Collection Critique).

_____. **Gramatologia.** Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato J. Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. Le facteur de la vérité. **Poétique.** Revue de théorie et d'analyse littéraires. Paris: Seuil, v.21, p.96-147, 1975a.

_____. **Posições.** Semiologia e Materialismo. Tradução de Maria M. C. Barahona. Lisboa: Plátamo, 1975b.

_____. **L' Oreille de l'autre.** Otobiographies, transferts, traductions. Montréal: VLB Éditeur, 1982.

_____. Préjugés. Devant la loi. In: _____ et al. **La faculté de juger.** Paris: Minuit, 1985. p.87-139.

_____. Survivre. Journal de bord. In: _____. **Parages.** Paris: Galilée, 1986a. p.118-218.

_____. **Parages.** Paris: Galilée, 1986b.

_____. **La tarjeta postal.** De Freud a Lacan y más allá. Tradução de Tomás Segovia. México: Siglo XXI, 1986c.

_____. **Schibboleth.** Pour Paul Celan. Paris: Galilée, 1986d.

_____. **Psyché.** Inventions de l'autre. Paris: Galilée, 1987a.

_____. **De l'esprit.** Heidegger et la question. Paris: Galilée, 1987b.

_____. **Signéponge.** Paris: Seuil, 1988.



_____. L'école à été un enfer pour moi. Entretien avec Bernard DeFrance. 1989. Disponível em: <<http://membres.lycos.fr/farab/conversation.html>>. Acesso em: 17 abr. 2002.

_____. **Do espírito**. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1990a.

_____. **Du droit à la philosophie**. Paris: Galilée, 1990b.

_____. **Limited Inc**. Paris: Galilée, 1990c.

_____. **Limited Inc**. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1991a.

_____. **Margens da filosofia**. Tradução de Joaquim T. Costa e Antonio M. Magalhães. Revisão de Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1991b.

_____. **Donner le temps**. La fausse monnaie. Paris: Galilée, 1991c.

_____. **A farmácia de Platão**. Tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 1991d.

_____. Duas palavras por Joyce. Tradução de Regina Grisse de Agostino. In: NESTROVSKI, A. (Org). **Riverrun**. Ensaios sobre James Joyce. Rio de Janeiro: Imago, 1992a. p.17-39.

_____. This strange institution called literature. An interview with Jacques Derrida. Tradução de Geoffrey Bennington e Rachel Bowlby. In: DEREK, A. (Org. e Ed.). **Acts of literature**. New York: Routledge, 1992b. p.33-75.

_____. Che cos'è la poesia? In: _____. **Points de suspension**. Paris: Galilée, 1992c. p.303-308.

_____. La pharmacie de Platon. In: **Phèdre suivi de La pharmacie de Platon**. Paris: Flammarion, 1992d. p.251-403.

_____. **Khôra**. Paris: Galilée, 1993a.

_____. **Sauf le nom**. Paris: Galilée, 1993b.

_____. **Passions**. Paris: Galilée, 1993c.

_____. Les devoirs de notre "communauté". **Parlement International des Écrivains**, Lisbonne, set. 1994. Disponível em:
<http://www.philagora.net/philofac/derrida.htm>. Acesso em: 09 dez. 2002.

_____. **Khôra**. Tradução de Nícia A. Bonatti. Campinas: Papyrus, 1995a.

_____. **Salvo o nome**. Tradução de Nícia A. Bonatti. Campinas: Papyrus, 1995b.

_____. **Paixões**. Tradução de Lóris Z. Machado. Campinas: Papyrus, 1995c.

_____. **Apories**. Paris: Galilée, 1996a.

_____. **Le monolinguisme de l'autre**. Paris: Galilée, 1996b.

_____. **Résistances de la psychanalyse**. Paris: Galilée, 1996c.

_____. ; BENNINGTON, G. **Jacques Derrida**. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Zahar, 1996d.

_____. **De l'hospitalité**. Anne Dufourmantelle invite Jacques Derrida à répondre. Paris: Calmann Lévy, 1997a.

_____. **De um tom apocalíptico adoptado há pouco em Filosofia**. Tradução de Carlos Leone. Lisboa: Passagens, 1997b.

_____. Il n'y a pas de culture ni de lien social sans un principe d'hospitalité. Propos recueillis par Dominique Dhombres, 02 dez. 1997c. Disponível em:
<http://www.geocities.com/Paris/Concorde/7898/hospit.htm>. Acesso em: 17 abr. 2002.

_____. Le papier ou moi, vous savez ... (nouvelles spéculations sur un luxe des pauvres). Propos recueillis par Marc Guillaume et Daniel Bougnoux. **Les cahiers de médiologie**, n.4: Pouvoirs du papier, 1997d. Disponível em:
http://www.mediologie.com/publications/pouvoirs_papier/04_le_papier_ou_moi.pdf. Acesso em: 17 abr. 2002.

_____. Des humanités et de la discipline philosophique. **Surfaces**. Montréal: Editions Unesco Verdier PUF, v.IV.309 Folio I, 1997e. Disponível em:
<http://www.hydra.umn.edu/derrida/humain.html>. Acesso em: 12 set. 2002.

_____. Carta a um amigo japonês. Tradução de Érica Lima. In: OTTONI, P. (Org). **Tradução: a prática da diferença**. Campinas: Unicamp, Fapesp, Faep, 1998a. p.19-25.

_____. **Demeure** Maurice Blanchot. Paris: Galilée, 1998b.

_____. Fidélité à plus d'un. Mériter d'hériter où la généalogie fait défaut. **Rencontre de Rabat avec Jacques Derrida**. Idiomes, nationalités, déconstructions. Belvédère, Casablanca: Editions Toubkal, p.221-265, 1998c.

_____. **Sur parole**. Instantanés philosophiques. Paris: Aube, 1999a.

_____. Lo ilegible. In: _____. **No escribo sin luz artificial**. Tradução de Rosario Ibañes e María José Pozo. Valladolid: Cuatro Ediciones, 1999b. p.49-64.

_____. Qu'est-ce qu'une traduction 'relevante'? In: **Quinzièmes assises de la traduction littéraire**, Arles 1998. Actes Sud, 1999c. p.21-48.

_____. Jacques Derrida et ses traducteurs. In: **Quinzièmes assises de la traduction littéraire**, Arles 1998. Actes Sud, 1999d. p.209-222.

_____. O que é uma tradução relevante? Tradução de Olívia Niemeyer Santos. **Alfa**. Revista de Lingüística. São Paulo: UNESP, v.44 (n.esp.), p.13-44, 2000a.

_____. Eu — a psicanálise. Introdução à tradução de A casca e o núcleo (de Nicolas Abraham). Tradução de Maria José R. F. Coracini. **Alfa**. Revista de Lingüística. São Paulo: UNESP, v.44 (n.esp.), p.189-195, 2000b.

_____. Literaturas deslocadas. Tradução de Jorge Fallorca. **Autodafe** n.1, 2000c. Disponível em:
<http://www.autodafe.org/autodafe/autodafe_01_port/art_06.htm>. Acesso em: 17 abr. 2002.

_____. La langue n'appartient pas. Entretien avec Jacques Derrida. Entretien réalisé par Evelyne Grossman. **Europe**. [s.l.: s.n.], p.81-91, 2000d.

_____. **On cosmopolitanism and forgiveness**. Tradução de Mark Dooley e Michael Hughes. London: Routledge, 2001a.

_____. **O monolingüismo do outro**. Ou a prótese de origem. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001b.

_____.; FERRARIS, Maurizio. **A taste for the secret**. Tradução de Giacomo Donis. Cambridge: Polity, 2001c.

_____. A solidariedade dos seres vivos. Entrevista concedida a Evando Nascimento. Revisão de Eurídice Figueiredo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 maio 2001d. Mais! Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br>>. Acesso em: 05 maio 2002.

_____. A hospitalidade e as novas tecnologias. Tradução de Leneide Duarte. 02 jun. 2001e. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/ideias/2001/06/01/joride20010601002.html>>. Acesso em: 05 maio 2002.

_____. Autrui est secret parce qu'il est autre. Propos recueillis par Antoine Spire. **Le Monde de l'éducation**. n. 284, jul.-ago. 2001f. Disponível em: <www.lemonde.fr/mde/ete2001/derrida/html>. Acesso em: 05 maio 2002.

_____. Hostipitality. Tradução de Gil Anidjar. In: ANIDJAR, G. (Org., Ed.). **Acts of religion**. New York: Routledge, 2002a, p.358-420.

_____. **Torres de Babel**. Tradução de Júnia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002b.

_____. La langue de l'étranger. Janvier, 2002c. Disponível em: <www.monde.diplomatique.fr/2002/01/DERRIDA/16038>. Acesso em: 10 jul. 2002.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura**. Uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. Revisão de João Azenha Jr. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio eletrônico**. Século XXI, versão: 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. CD-ROM.

FISH, S. **Is there a text in this class?** The authority of interpretative communities. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

FORRESTER, J. Quem está em análise com quem? Freud, Lacan, Derrida. In: _____. **Seduções da psicanálise**. Tradução de Ana Cristina Figueiredo. Campinas: Papirus, 1990. p.217-242.



FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Revisão de Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, v.1, 1987. p.256-262.

GLENADEL, P. NASCIMENTO, E. (Org.). **Em torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

HOBSON, M. **Jacques Derrida**. Opening lines. London: Routledge, 1998.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. versão: 1.0, dez. 2001. CD-ROM.

JAKOBSON, R. **Lingüística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.

JOHNSON, B. The frame of reference: Poe, Lacan, Derrida. In: _____. **The critical difference: Essays in the contemporary rhetoric of reading**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1980. p.110-146.

_____. A fidelidade considerada filosoficamente. Tradução de Lenita Esteves. In: OTTONI, P. (Org.). **Tradução: a prática da diferença**. Campinas: Unicamp, Fapesp, Faep, 1998. p.27-32.

KAFKA, F. **O processo**. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Círculo do livro, 1989.

_____. Diante da lei. In: _____. **O processo**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Disponível em: <<http://www.chez.com/camv/kafka01.txt>>. Acesso em: 27 jan. 2003.

_____. Diante da lei. Tradução de Torrieri Guimarães. Disponível em: <<http://planeta.terra.com.br/artes/ecandido/mestre40.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2003.

KOFMAN, S. **Lectures de Derrida**. Paris, Galilée, 1984.

KOSZTOLÁNZYI, D. O tradutor cleptomaníaco. In: _____. **O tradutor cleptomaníaco e outras histórias de Kornél Esti**. Tradução de Ladislao Szabo. São Paulo: Editora 34, 1996, p.7-10.

L'aménagement linguistique dans le monde. **Algérie**. Disponível em: <<http://www.tlfg.ulaval.ca/axl/afrique/algerie.htm>>. Acesso em: 05 ago. 2002.



LACAN, J. Le séminaire sur La lettre volée. In: _____. **Écrits**. Paris: Seuil, 1966. p.19-75.

_____. Seminário sobre A carta roubada. In: _____. **Escritos**. Tradução de Inês Oseki-Depré. São Paulo, Perspectiva, 1978. p.17-67.

LARANJEIRA, M. **Poética da tradução**: do sentido à significância. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

LE VAILLANT, L. Portraits: Le bel et différent. **Libération**, 22 maio 2002. Disponível em: <<http://www.liberation.fr>>. Acesso em: 09 dez. 2002.

LIMA, É. L.A. **A tradução de termos psicanalíticos**: uma reflexão sobre os efeitos de tradução na transmissão e na conceituação da psicanálise. 1996. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada à Tradução) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____; SISCAR, M. O decálogo da desconstrução: tradução e desconstrução na obra de Jacques Derrida. In: **Alfa**. Revista de Linguística. São Paulo: UNESP, v.44 (n.esp.), p.99-112, 2000.

MENDES, E. A. M. O projeto desconstrucionista de Derrida: implicações para a “práxis” tradutória. In: **IV Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**. Campinas, 1995. p.654-658.

MILLER, J. H. The critic as host. In: BLOOM, H. et al. **Deconstruction and criticism**. New York: Continuum, 1979. p.217-253.

NASCIMENTO, E. **Derrida e a literatura**. “Notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução. 2.ed. Niterói: EDUFF, 2001.

OFRAT, G. **The Jewish Derrida**. Translated from the Hebrew by Peretz Kidron. New York: Syracuse University Press, 2001.

OTTONI, P. A tradução é desde sempre resistência: reflexões sobre teoria e história da tradução. **Alfa**. Revista de Linguística. São Paulo: UNESP, v.41, p.159-168, 1997.

_____. Traducción recíproca, desconstrucción y *double bind*. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas: Unicamp, v.34, p.93-100, 1999.



_____. A tradução da *différance*: dupla tradução e *double bind*. **Alfa**. Revista de Lingüística. São Paulo:UNESP, v.44 (n.esp.), p.45-58, 2000a.

_____. Tradução manifesta e *double bind*: a escritura de Jacques Derrida e suas traduções. **TradTerm**. Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia. São Paulo: FFLCH/USP, v.6, p.125-141, 2000b.

_____. Traduction et déconstruction: la contamination constitutive et nécessaire des langues. In: **Actas del Congreso: Últimas Corrientes Teóricas en los estudios de traducción y sus aplicaciones**, Salamanca, 2001a, p.537-541. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~ottonix/SalamancaPublicao.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2002.

_____. Arquivos secretos: três obras do filósofo francês Jacques Derrida discutem os limites da tradução (Mal de Arquivo, Três Tempos sobre a História da Loucura e Estados-da-alma da Psicanálise). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 jul. 2001b. Mais! p.22-23. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~ottonix/Maissite.htm>>. Acesso em: 16 jan. 2003.

_____. Tradução e desconstrução: a contaminação constitutiva e necessária das línguas. Tradução de Élide Ferreira. **Pulsional**. Revista de psicanálise, v.158, p.5-10, jun. 2002a. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~ottonix/traducaoedesconstrucao.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2003.

_____. Deconstructions and translations: héritages de langues, idiomes et nationalités. In: **Actes du XVIe Congrès de la Fédération internationale des traducteurs**, Vancouver, p.45-47, 2002b. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~ottonix/Vancouver.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2002.

POE, E.A. The purloined letter. In: _____. **The complete tales and poems of Edgar Allan Poe**. New York: The modern library, 1938. p.5-34.

_____. La lettre volée. In: _____. **Histoires extraordinaires**. Tradução de Charles Baudelaire. Ed. Gallimard, Librairie Générale Française, 1960. p.73-105.

_____. Double assassinat dans la rue Morgue. In: _____. **Histoires extraordinaires**. Tradução de Charles Baudelaire. Ed. Gallimard, Librairie Générale Française, 1960. p.1-58.

_____. A carta furtada. In: _____. **Ficção Completa, Poesia & Ensaios**. Tradução de Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 1965. p.171-186.



_____. A carta roubada. In: _____. **Histórias extraordinárias**. Tradução de José Maria Machado. São Paulo: Clube do Livro, 1988. p.159-184.

_____. **Histórias de crime e mistério**. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. São Paulo: Ática, 1998.

_____. A carta roubada. In: _____. **Histórias extraordinárias**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, [s.d.]. p.45-62.

_____. The murders in the rue Morgue. Disponível em: <<http://www.eapoe.org>>. Acesso em: 31 jul. 2002.

_____. The mystery of Marie Roget. Disponível em: <<http://www.eapoe.org>>. Acesso em: 31 jul. 2002.

RAJAGOPALAN, K. Traição versus transgressão: reflexões acerca da tradução e pós-modernidade. **Alfa**. Revista de Lingüística. São Paulo: UNESP, v.44 (n.esp.), p.123-130, 2000.

Randon House Webster's unabridged dictionary. New York: Random House Inc., versão: 3.0, 1999. CD-ROM.

RIBEIRO, R. J. Derrida e o veneno da escrita. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 mar. 1992. Letras, p.10-11.

RIOS, A. R. A diferença. In: GLENADEL, P. NASCIMENTO, E. (Org.). **Em torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p.77-96.

ROBERT, Paul. **Le nouveau petit Robert**. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris: Dicorobert Inc, versão: 2.1, 2001. CD-ROM.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: UNESP, 2000a.

_____. Tradução: a questão da equivalência. **Alfa**. Revista de Lingüística. São Paulo: UNESP, v.44 (n.esp.), p.89-98, 2000b.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. 2.cd. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SANTIAGO, S. (Sup.). **Glossário de Derrida**. Trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.



SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SCHÄFER, A. M. M. A relevância da prática sobre a teoria ou vice-versa. In: IV Epple e II Encontro Paulista de Pesquisadores em Tradução. **Anais ...** UNESP, Assis, 1995. p.25-28.

SELIGMANN, M. Derrida e os ecos da Argélia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 jun. 1997. Mais!, p.13.

_____. Filosofia da tradução — tradução de filosofia: o princípio da intraduzibilidade. **Cadernos de Tradução III**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, v.3, p.11-47, 1998.

_____. Globalização, tradução e memória. **Cadernos de Tradução IV**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, v.4, p.151-166, 1999.

SHELLEY, P. B. The triumph of life. In: **The complete poems of Keats and Shelley**. New York: Modern Library [s.d.]. p.545-559.

SISCAR, M. **Jacques Derrida**. Rhétorique et philosophie. Paris: L'Harmattan, 1998.

_____. Jacques Derrida, o intraduzível. **Alfa**. Revista de Lingüística. São Paulo: UNESP, v.44 (n.esp.), p.59-70, 2000a.

_____. Leituras da desconstrução. **Stylos**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. São José do Rio Preto: UNESP, v.1, p.75-86, 2000b.

_____. A dificuldade de origem. **Revista Letras**. Curitiba: Editora da UFPR, v.56, p.85-93, 2001.

SKINNER, A. Espectros de Marx: por que esse plural? In: GLENADEL, P.; NASCIMENTO, E. (Org.). **Em torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p.65-76.

SOARES, D. C. D. Didatização de material publicitário para aula de tradução: uma proposta. In: IV Epple e II Encontro Paulista de Pesquisadores em Tradução. **Anais ...** UNESP, Assis, 1995. p.72-77.

TEIXEIRA, I. Desconstrucionismo. **Revista Cult**. São Paulo: Editora 17, v.16, p.34-37, nov. 1998.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Coordenadoria Geral de Bibliotecas, UNESP. **Normas para publicações da UNESP**. São Paulo: UNESP, 1994. 4v., v.4, Parte 1: Dissertações e Teses.

VENUTI, L. **The translator's invisibility** — a history of translation. London and New York: Routledge, 1995.

WILLEMART, P. Amor e ódio em Poe (Leitura da interpretação de Jacques Lacan). In: _____. **Além da psicanálise: a literatura e as artes**. São Paulo: Nova Alexandria/Fapesp, 1995. p.88-100.



LIMA, É. L. A. *As operações de tradução em Jacques Derrida*. São José do Rio Preto, 2003. 219p. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Resumo

Este trabalho consiste em um estudo sobre o estatuto da tradução no texto de Jacques Derrida por meio da investigação de operações de tradução. Tais operações revelam as articulações entre os textos enxertados no texto derridiano e possibilitam entender os problemas e desafios de uma relação com a alteridade. O procedimento do enxerto desponta como o mais relevante para analisar essas operações, já que torna possível e, simultaneamente, impede a união de um texto e outro e de uma língua e outra. Nesse sentido, as operações de tradução permitem o tratamento da língua e do texto do outro à luz da hostipitalidade (*hostipitalité*), que envolve o acolhimento do outro e a hostilidade. Para a análise das operações de tradução, partimos de questões de língua em Derrida, bem como do aspecto idiomático que caracteriza seu texto e determina o uso da tradução. Trabalhamos, sobretudo, com textos em que há uma leitura do texto dito literário, em que as questões de assinatura e contra-assinatura tradicionalmente recebem maior importância. Além de estarem diretamente relacionadas a noções filosóficas derridianas, as operações de tradução possibilitam que Derrida coloque essas noções em cena em seu texto, ao mostrar a resistência do idiomático da língua e dos textos, daquilo que não se deixa dominar: a restância constitutiva, o *double bind* da tradução.

Palavras-chave: Tradução e interpretação; teoria da tradução; ética; Jacques Derrida.



LIMA, É. L. A. *Translation Operations in Jacques Derrida*. São José do Rio Preto, 2003. 219p. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Abstract

This thesis deals with the status of translation in Jacques Derrida's texts by investigating translation operations, which reveal the articulation between the texts grafted into the Derridian text and help understand the issues and challenges involved in a relationship with otherness. Grafting stands out as the most relevant procedure to analyze these operations, as it both enables and prevents the conjoining of one text with another, of one language with another. In this sense, translation operations enable one to deal with the other's language and text in the light of hospitality (*hostipitalité*), which involves both welcoming and showing hostility. We based our analysis on language issues in Derrida and on the idiomatic aspect that marks his texts and determines the way translation is used. We particularly worked with texts that give an interpretation of literary works, in which signature and counter-signature traditionally are of greater importance. Translation operations are directly linked to Derrida's philosophical concepts and, most importantly, enable him to present these concepts in his texts, by exposing the resistance offered by the idiomatic in language and texts, by that which will not submit: the constitutive remainder, translation's double bind.

Keywords: Translating and interpreting; translation theory; ethics; Jacques Derrida.



